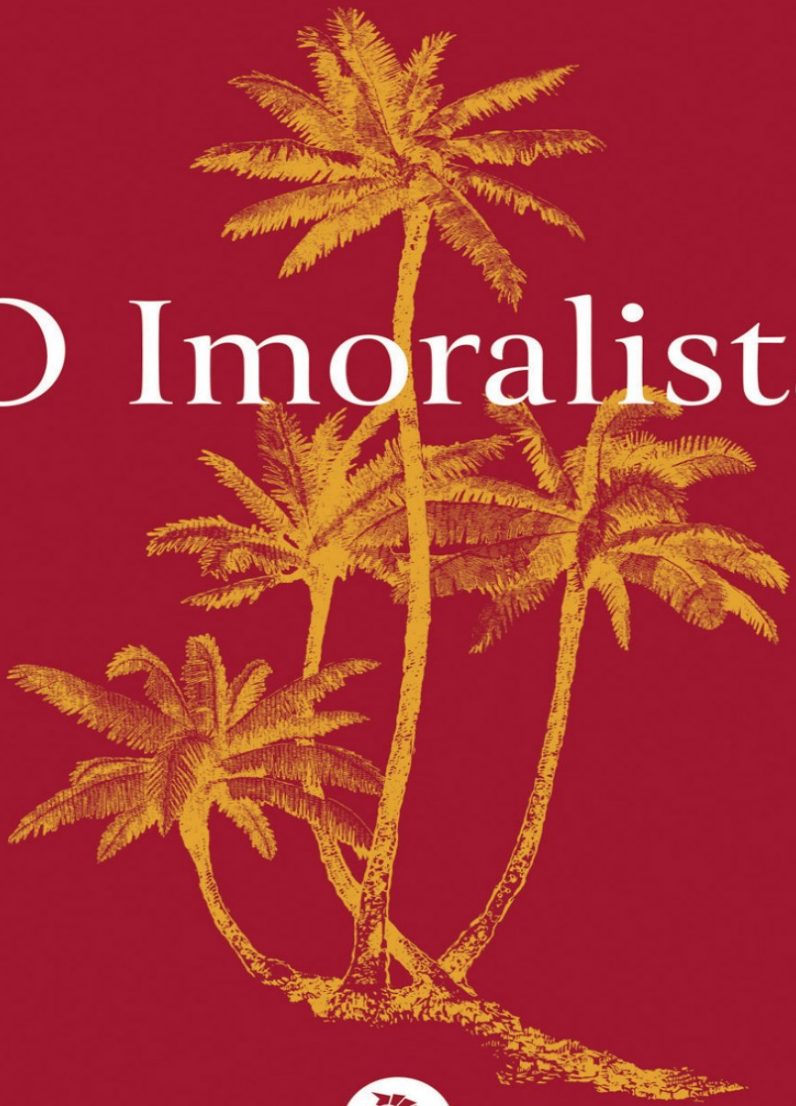
PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ANDRÉ GIDE

O Imoralista



cavalo de ferro

ANDRÉ GIDE

O IMORALISTA

Tradução do francês
Diogo Paiva

cavalo de ferro

A HENRI GHÉON
o seu leal camarada
A. G.

Louvo-te, ó meu Deus!, por
me teres feito uma criatura
tão admirável.
SALMOS, CXXXIX, 14

PREFÁCIO

Dou este livro pelo que vale. É um fruto repleto de cinzas amargas; semelhante às colocíntidas do deserto que crescem nos locais ressequidos e não apresentam à sede senão um ardor mais atroz, mas que, na areia dourada, têm a sua beleza.

Decerto, se tivesse apresentado o meu herói como um exemplo, há que reconhecer que teria sido muito malsucedido[1]; os poucos que fizeram o obséquio de se interessar pela aventura de Michel foi para o infamar com toda a força da sua bondade. Não foi em vão que ornei Marceline de tantas virtudes; não se perdoou a Michel que não a preferisse a si próprio.

Decerto, se tivesse projectado este livro como um acto de acusação contra Michel, não teria sido muito mais bem-sucedido, pois ninguém me ficou reconhecido pela indignação que sentia contra o meu herói; essa indignação, parecia que a sentiriam não obstante o que eu fizesse; de Michel transbordava para mim; por pouco não me confundiam com ele.

Mas não quis fazer neste livro nem um acto de acusação nem de apologia, e abstive-me de julgar. Hoje em dia, o público já não perdoa que o autor, depois da acção que descreve, não se declare a favor ou contra; mais do que isso, no decorrer do próprio drama, quer-se que tome partido, que se pronuncie claramente seja a favor de Alceste, seja de Filinto, de Hamlet ou de Ofélia, de Fausto ou de Margarida, de Adão ou de Jeová. Não pretendo, é certo, que a

neutralidade (estava para dizer: *a indecisão*) seja um sinal seguro de um grande espírito; mas creio que muitos espíritos grandes bastante se opuseram a… concluir — e que colocar correctamente um problema não é supô-lo antecipadamente resolvido.

É contravontade que emprego aqui a palavra «problema». A bem dizer, na arte, não existem problemas — dos quais a obra de arte não seja uma solução suficiente.

Se por «problema» se entende «drama», diria que aquele que o livro conta, por ser representado na própria alma do meu herói, não é por isso menos geral para permanecer circunscrito na sua singular aventura. Não tenho a pretensão de ter inventado este «problema»; ele existia antes do meu livro; quer Michel triunfe ou sucumba, o «problema» continua a existir, e o autor não propõe adquirido nem o triunfo, nem o fracasso.

Decerto, alguns espíritos distintos não consentiram em ver neste drama senão a exposição de um caso bizarro, e no seu herói, um doente; se ignoraram que algumas ideias muito prementes e de interesse muito geral podem, no entanto, habitá-lo — a culpa não é dessas ideias ou desse drama, mas do autor, e aceito: da sua imperícia, ainda que ele tenha posto neste livro toda a sua paixão, todas as suas lágrimas e todo o seu cuidado. Mas o interesse real de uma obra e aquele que o público de um determinado momento lhe concede são duas coisas muito diferentes. Pode, sem excessiva fatuidade, creio, preferir-se arriscar não interessar no primeiro dia, com coisas interessantes – a apaixonar sem amanhã um público guloso de frivolidades.

De resto, não procurei provar nada, mas apenas pintar e iluminar bem a minha pintura.

(Ao senhor D. R., presidente do Conselho.)

Sidi b. M., 30 de Julho de 189.

Sim, tinhas razão: Michel falou connosco, meu querido irmão. O relato que nos fez, deixo-o aqui. Tinha-lo pedido; eu prometera-to; mas, no momento de o enviar, ainda hesito, e quanto mais o releio, mais horrível me parece. Ah! Que irás pensar do nosso amigo? Aliás, que terei eu próprio pensado dele?… Reprová-lo-emos simplesmente, negando que se possam orientar para o bem faculdades que se manifestam tão cruéis? — Receio que mais do que um, hoje em dia, ousaria reconhecer-se neste relato. Saberemos inventar emprego para tanta inteligência e força — ou recusaremos a tudo isto o direito de cidadania?

Em que é que Michel pode servir o Estado? Confesso que o ignoro… Precisa de uma ocupação. A alta posição que te valem os teus grandes méritos, o poder que tens permitirão encontrá-la? — Apressa-te. Michel é devotado: ainda o é; em breve, sê-lo-á apenas a si próprio.

Escrevo-te sob um azul perfeito; há doze dias que Denis, Daniel e eu estamos aqui, sem uma nuvem, sem uma diminuição do sol. Michel diz que há dois meses que o céu está límpido.

Não estou triste nem alegre; o ar daqui enche-nos de uma muito vaga exaltação e faz-nos conhecer um estado que parece tão longe da alegria como da tristeza; talvez seja a felicidade.

Continuamos ao pé de Michel: não queremos deixá-lo; compreenderás porquê, se consentires em ler estas páginas; é, portanto, aqui, na sua residência, que esperamos pela tua resposta; não te demores.

Conheces a amizade de colégio, já forte mas a cada ano aumentada, que ligava Michel a Denis, a Daniel, a mim. Entre nós os quatro, foi assinada uma espécie de pacto: ao menor chamamento de um, deviam responder os outros três. Portanto, quando recebi de Michel esse misterioso grito de alarme, preveni imediatamente Daniel e Denis, e partimos os três, deixando tudo.

Há três anos que não víamos Michel. Tinha-se casado, levara a sua mulher em viagem, e, aquando da sua primeira passagem por Paris, Denis estava na Grécia, Daniel, na Rússia, e eu, retido, como sabes, junto do nosso pai doente. Contudo, não ficáramos sem notícias; mas aquelas que Silas e Will, que o tinham encontrado, nos deram não tinham podido fazer outra coisa senão deixar-nos espantados. Produzira-se nele uma alteração que ainda não conseguíamos explicar. Já não era o doutíssimo puritano de outrora, de gestos desajeitados de tão convictos, de olhares tão claros que diante deles frequentemente se detinham as nossas conversas demasiado livres. Era… mas porquê revelar-te já o que o relato te irá contar?

Envio-te então o relato tal como Denis, Daniel e eu o ouvimos: Michel fê-lo no seu terraço, onde, ao pé dele, estávamos estendidos na sombra e sob a claridade das estrelas. No fim do relato, vimos o

dia levantar-se na planície. A casa de Michel domina-a, assim como à aldeia, da qual pouco dista. Pelo calor, e com todas as searas ceifadas, essa planície assemelha-se ao deserto.

A casa de Michel, ainda que pobre e estranha, é encantadora. No Inverno, passaríamos frio, pois não há vidros nas janelas; ou melhor, não há janelas de todo, mas amplos buracos nas paredes. Faz tão bom tempo que dormimos no exterior, em cima de esteiras.

Deixa-me que te diga que fizemos uma boa viagem. Chegámos aqui ao fim do dia, extenuados pelo calor, embriagados pela novidade, tendo parado apenas em Argel, depois em Constantina. De Constantina, um novo comboio levou-nos até Sidi b. M., onde nos esperava uma carriola. A estrada acaba longe da aldeia. Esta empoleira-se no alto de um rochedo, como certos burgos da Úmbria. Subimos a pé; dois mulos levavam-nos as malas. Quando se vai por esse caminho, a casa de Michel é a primeira da aldeia. Circunda-a um jardim encerrado por muros baixos, ou melhor, uma cerca, onde crescem três romãzeiras deformadas e um soberbo loendro. Uma criança cabila estava ali e fugiu assim que nos aproximámos, escalando o muro sem qualquer cerimónia.

Michel recebeu-nos sem testemunhar alegria; muito simples, parecia recear qualquer manifestação de ternura; mas, já na soleira, abraçou gravemente cada um de nós.

Até à noite, não trocámos mais do que umas dez palavras. Um jantar quase frugal estava pronto no salão, cujas sumptuosas decorações nos espantaram, mas que o relato de Michel te explicará. Depois, serviu-nos o café que ele próprio teve o cuidado de fazer. Depois, subimos ao terraço, de onde a vista para o infinito se estendia, e os três, semelhantes aos três amigos de Job, ficámos à

espera, admirando na planície em fogo o declínio brusco do dia. Quando chegou a noite, Michel disse:

PRIMEIRA PARTE

I

Meus caros amigos, sabia-vos fiéis. Ao meu chamamento, acorreram, tal como eu teria feito ao vosso. Apesar disso, há três anos que não me viam. Possa a vossa amizade, que tão bem resiste à ausência, resistir igualmente bem ao relato que vos quero fazer. Pois se vos chamei de repente e vos fiz viajar até à minha longínqua morada, foi somente para vos ver e para que possam ouvir-me. Não quero outro socorro que não este: falar-vos. Pois estou num ponto da minha vida que já não posso ultrapassar. Porém, não é cansaço. Mas já não compreendo. Preciso de… Preciso de falar, é o que vos digo. Saber libertar-se não é nada; o que é árduo é saber ser livre. — Consintam que fale de mim; vou contar-vos a minha vida, simplesmente, sem modéstia e sem orgulho, com maior simplicidade do que se falasse comigo mesmo. Ouçam-me:

A última vez que nos vimos foi, recordo-me, nos arredores de Angers, na pequena igreja rural onde se celebrou o meu casamento. O público era pouco numeroso, e a excelência dos amigos fazia dessa cerimónia banal uma cerimónia comovente. Parecia-me que estavam emocionados, e isso emocionava-me a mim próprio. Na casa daquela que se tornava minha mulher, um curto banquete reuniu-vos connosco ao sairmos da igreja; depois, a carruagem encomendada levou-nos, segundo o costume que associa, na nossa mente, à ideia de um casamento, a visão de um cais de partida.

Eu conhecia muito mal a minha mulher e pensava, sem sofrer demasiado com isso, que ela não me conhecia muito melhor. Casara-me com ela sem amor, muito em parte para agradar ao meu pai, que, ao morrer, se inquietava por me deixar sozinho. Eu amava carinhosamente o meu pai; ocupado pela sua agonia, não pensei, nesses tristes momentos, senão em tornar o seu fim mais suave; e assim comprometi a minha vida, sem saber o que poderia ser a vida. O nosso noivado, à cabeceira do agonizante, foi sem risos, mas não sem uma grave alegria, tão grande foi a paz que daí o meu pai obteve. Se eu não amava a minha noiva, digo-vos que, pelo menos, nunca tinha amado outra mulher. Isso bastava, aos meus olhos, para assegurar a nossa felicidade; e, ignorando-me ainda a mim próprio, acreditei dar-me todo a ela. Também ela estava órfã e vivia com os seus dois irmãos. Marceline tinha apenas vinte anos; eu tinha mais quatro do que ela.

Disse que não a amava; pelo menos, não sentia por ela nada daquilo a que se chama amor, mas amava-a, se se quiser entender por isso uma ternura, uma espécie de piedade, enfim, uma estima bastante grande. Era católica, e eu sou protestante… mas eu acreditava tão pouco sê-lo! O padre aceitou-me; eu aceitei o padre; não houve qualquer problema.

O meu pai era, como se diz, «ateu»; pelo menos é o que suponho, não tendo nunca, por uma espécie de invencível pudor de que creio bem ele partilhava, podido falar com ele acerca das suas crenças. A grave educação huguenote da minha mãe tinha-se, com a sua bela imagem, apagado lentamente do meu coração; sabem que a perdi novo. Ainda não suspeitava do quanto essa primeira formação moral de uma criança nos domina, nem dos vincos que

deixa no espírito. Essa espécie de austeridade de que a minha mãe me deixara o gosto inculcando-me os princípios, eu transferira-a toda para o estudo. Tinha quinze anos quando perdi a minha mãe; o meu pai ocupou-se de mim, apoiou-me e pôs toda a sua paixão em instruir-me. Eu já sabia bem o latim e o grego; com ele, depressa aprendi o hebreu, o sânscrito e, por fim, o persa e o árabe. Por volta dos vinte anos, estava tão preparado que ele ousou associar-me aos seus trabalhos. Divertia-se a considerar-me seu igual e quis dar-me a prova disso. O *Ensaio Sobre os Cultos Frígios*, publicado com o seu nome, foi obra minha; ele apenas o reviu; nunca nada lhe valeu tantos elogios. Ficou extasiado. Quanto a mim, fiquei confuso por ver essa trapaça resultar. Mas daí em diante fiquei lançado. Os sábios mais eruditos tratavam-me como seu colega. Agora, sorrio com todas as honras que me fizeram… Assim cheguei aos vinte e cinco anos, não tendo visto quase nada senão ruínas ou livros e não conhecendo nada da vida; empregava no trabalho um fervor singular. Gostava de alguns amigos (vocês inclusive), mas mais da amizade do que deles próprios; a minha devoção por eles era grande, mas tratava-se sobretudo da necessidade de nobreza; prezava em mim todos os bons sentimentos. De resto, ignorava os meus amigos como me ignorava a mim mesmo. Nem por um momento me sobreveio a ideia de que pudesse levar uma existência diferente nem que se pudesse viver de forma diferente.

A mim e ao meu pai, bastavam-nos as coisas simples; gastávamos ambos tão pouco que atingi os meus vinte e cinco anos sem saber que éramos ricos. Imaginava, sem pensar muito nisso, que tínhamos somente com o que viver, e ganhara, junto do meu pai, tais hábitos de poupança que fiquei quase incomodado quando compreendi que

possuíamos muito mais. Estava a tal ponto distraído dessas coisas que nem mesmo depois do falecimento do meu pai, de quem eu era o único herdeiro, ganhei uma consciência um pouco mais clara da minha fortuna, mas somente aquando do contrato do meu casamento, e por constatar nessa ocasião que Marceline não me acrescentava quase nada.

Outra coisa que ignorava, talvez ainda mais importante, era a minha saúde muito delicada. Como é que poderia tê-lo sabido, não a tendo posto à prova? Tinha constipações de tempos a tempos e tratava-as negligentemente. A vida demasiado calma que levava debilitava-me e preservava-me ao mesmo tempo. Marceline, pelo contrário, parecia robusta; e que o era mais do que eu foi o que em breve descobrimos.

Na noite das nossas núpcias, dormimos no meu apartamento de Paris, onde nos tinham preparado dois quartos. Ficámos em Paris apenas o tempo necessário para as compras indispensáveis, depois fomos para Marselha, de onde embarcámos logo para Tunes.

Os cuidados urgentes, o atordoamento dos derradeiros acontecimentos demasiado rápidos, a indispensável emoção das núpcias chegando imediatamente após a emoção mais real do meu luto, tudo isto deixara-me exausto. Só já no barco pude sentir o meu cansaço. Até então, cada ocupação, aumentando-o, distraíra-me dele. O tempo livre forçado do barco permitia-me por fim reflectir. Era, parecia-me, a primeira vez.

Também pela primeira vez, consentia em ser privado durante um longo tempo do meu trabalho. Até então, apenas me concedera umas férias curtas. Uma viagem a Espanha com o meu pai, pouco

após a morte da minha mãe, tinha, é verdade, durado mais de um mês; outra, à Alemanha, seis semanas; e houvera outras ainda; mas sempre viagens de estudo; o meu pai não se distraía das suas pesquisas muito meticulosas; eu, quando o não seguia, lia. E, no entanto, mal deixáramos Marselha, diversas recordações de Granada e de Sevilha se reavivaram em mim, como as de um céu mais puro, de sombras mais cordiais, de festas, de risos e de cantos. «É o que vamos encontrar», pensei. Subi à ponte do navio e vi Marselha a afastar-se.

Depois, de repente, reparei que estava a negligenciar um pouco Marceline.

Ela estava sentada na proa do navio; aproximei-me e, pela primeira vez, olhei verdadeiramente para ela.

Marceline era muito bonita. Vocês sabem-no; viram-na. Censurei-me por não o ter percebido antes. Conhecia-a demasiado bem para a ver com novidade; as nossas famílias estavam ligadas desde sempre; vira-a crescer; estava habituado ao seu encanto… Pela primeira vez, fiquei espantado, de tal modo esse encanto me pareceu grande.

Por cima de um simples chapéu de palha preto, ela deixava flutuar um grande véu. Era loura, mas não parecia frágil. A saia e a blusa, semelhantes, eram feitas de um tecido escocês que escolhêramos juntos. Eu não quisera que ela se ensombrasse com o meu luto.

Sentiu que eu olhava para ela, virou-se para mim… Até então, só tivera ao pé dela um desvelo fingido; substituía, tanto quanto possível, o amor por uma espécie de galanteria fria que, via-o bem, a importunava ligeiramente; terá Marceline sentido, nesse momento, que a olhava pela primeira vez de uma maneira diferente? Ela, por

sua vez, olhou-me fixamente; depois, com imensa ternura, sorriu-me. Sem falar, sentei-me ao pé dela. Eu vivera até então para mim, ou pelo menos de acordo comigo; casara-me sem imaginar na minha mulher outra coisa que não uma companheira, sem pensar precisamente que, com a nossa união, a minha vida poderia alterar-se. Acabava de compreender, finalmente, que o monólogo acabava ali.

Estávamos os dois sozinhos na ponte. Ela ofereceu-me o seu rosto; apertei-o suavemente contra mim; levantou os olhos; beijei-a nas pálpebras e senti, de repente, graças ao meu beijo, uma espécie piedade que acabava de se formar; preencheu-me tão violentamente que não pude reter as lágrimas.

— Mas que tens? — perguntou-me Marceline.

Começámos a falar. As suas palavras encantadoras maravilharam-me. Eu tinha as minhas ideias sobre a tolice das mulheres. Ao pé dela, nesse fim de tarde, pareceu-me que eu é que era desajeitado e estúpido.

Assim, aquela a quem eu unia a minha vida tinha a sua vida própria e real! A importância deste pensamento despertou-me várias vezes nessa noite; várias vezes me endireitei no beliche para ver, na cama de baixo, Marceline, a minha mulher, a dormir.

No dia seguinte, o céu estava esplêndido; o mar, quase calmo. Algumas conversas nada apressadas continuaram a diminuir o nosso embaraço. O casamento estava verdadeiramente a começar. Na manhã do último dia de Outubro, desembarcámos em Tunes.

A minha intenção era ficar poucos dias por lá. Confessar-vos-ei a minha estupidez: nada nesse país me atraía, a não ser Cartago e

algumas ruínas romanas: Timgad, de que Octave me falara, os mosaicos de Susa e sobretudo o Anfiteatro de El Jem, onde me propunha ir sem tardar. Era necessário, antes de mais, chegar a Susa, depois, de Susa, apanhar a carruagem dos correios; não queria, daí até lá, que mais nada fosse digno de me ocupar.

No entanto, Tunes surpreendeu-me fortemente. No contacto com essas novas sensações, comoviam-se certas partes de mim, faculdades adormecidas que, não tendo ainda servido, haviam guardado toda a sua misteriosa juventude. Eu estava mais admirado, aturdido, do que entretido, e o que sobretudo me agradava era a alegria de Marceline.

Todavia, o meu cansaço aumentava a cada dia; mas ter-me-ia achado envergonhado por lhe ceder. Tossia e sentia no alto do peito um estranho desconforto. «Vamos para o Sul», pensei; «o calor vai restabelecer-me.»

A diligência de Sfax deixa Susa às oito da noite; atravessa El Jem à uma da manhã. Tínhamos reservado os lugares do *coupé*. Esperava encontrar uma carripana desconfortável; pelo contrário, estávamos bastante comodamente instalados. Mas o frio!… Por que pueril confiança na suavidade do ar do Sul, ambos levemente vestidos, leváramos apenas um xaile? Mal saímos de Susa e do abrigo das suas colinas, o vento começou a soprar. Dava grandes investidas na planície, uivava, silvava, entrava por cada fenda das portinholas; nada podia resguardar-nos dele. Chegámos completamente enregelados, eu, além disso, extenuado com os solavancos da carruagem e com uma tosse horrível que me sacudia ainda mais. Que noite! — Chegados a El Jem, não havia albergue; no lugar dele, um horroroso *bordj*[2]: que fazer? A diligência tornou

a partir. A aldeia estava adormecida; na noite, que parecia imensa, entrevia-se vagamente a massa informe das ruínas; os cães uivavam. Recolhemo-nos numa sala terrosa onde estavam preparadas duas camas miseráveis. Marceline tremia de frio, mas pelo menos ali o vento não nos atingia.

O dia seguinte revelou-se sombrio. Fomos surpreendidos, ao sair, por um céu uniformemente cinzento. O vento continuava a soprar, mas menos impetuosamente do que na véspera. A diligência só devia tornar a passar à noite… Foi, digo-vos, um dia lúgubre. O anfiteatro, percorrido em poucos instantes, desiludiu-me; pareceu-me muito feio debaixo do céu baço. Talvez a minha fadiga ajudasse, aumentasse o meu tédio. Lá para o meio do dia, por falta do que fazer, voltei lá, procurando em vão algumas inscrições nas pedras. Marceline, ao abrigo do vento, lia um livro inglês que por sorte levara. Fui sentar-me ao pé dela.

— Que dia triste! Não te aborreces? — perguntei-lhe.

— Não. Como vês, estou a ler.

— Que viemos fazer aqui? Pelo menos, não tens frio.

— Não muito. E tu? Mas sim! Estás tão pálido.

— Não…

À noite, o vento recuperou a força… Finalmente, a diligência chegou. Tornámos a partir.

Logo aos primeiros solavancos, senti-me destroçado. Marceline, muito cansada, depressa adormeceu no meu ombro. «Mas a minha tosse vai despertá-la», pensei, e devagarinho, devagarinho, libertando-me, inclinei-a para a cobertura da carruagem. Entretanto, eu já não tossia, não: cuspia; coisa nova; escarrava; desencadeava aquilo sem esforço; vinha aos poucos, em intervalos regulares; era

uma sensação tão bizarra que ao princípio quase me divertiu, mas rapidamente fiquei agoniado com o sabor desconhecido que me deixava na boca. O meu lenço depressa ficou inutilizável. Já tinha os dedos cheios daquilo. «Acordo Marceline?…» Felizmente, lembrei-me de um grande lenço de seda que ela tinha à cintura. Devagarinho, apossei-me dele. Os escarros que eu já não retinha vieram em maior abundância. Fiquei extraordinariamente aliviado. «Acabou-se o catarro», pensei. De súbito, senti-me muito fraco; tudo se pôs a andar à roda e julguei que ia desmaiar. «Acordo-a?…» Ah! Irra!… (Guardo, creio que da minha infância puritana, o ódio a qualquer abandono que se deva à fraqueza; mais facilmente lhe chamo cobardia.) Recobrei forças, segurei-me, acabei por dominar a minha vertigem… Julguei-me de novo no mar, e o barulho das rodas tornava-se o barulho da ondulação… Mas parara de escarrar.

Depois, caí numa espécie de sono.

Quando saí dele, o céu já brilhava com a alvorada; Marceline ainda dormia. Estávamos a chegar. O lenço de seda que eu tinha na mão era escuro, de modo que ao início não revelava nada; mas, quando voltei a pegar no meu lenço, vi com estupor que estava cheio de sangue.

O meu primeiro pensamento foi esconder aquele sangue de Marceline. Mas como? — Eu estava todo manchado; via-o por todo o lado agora; nos meus dedos sobretudo… — «Sangrei do nariz… É isso; se ela me perguntar, digo-lhe que sangrei do nariz.»

Marceline continuava a dormir. Chegámos. Ela desceu primeiro e não viu nada. Tinham-nos reservado dois quartos. Pude precipitar-me para o meu, fazer desaparecer o sangue. Marceline não viu nada.

No entanto, sentia-me muito débil e pedi que trouxessem chá para os dois. E enquanto ela o preparava, muito calma, ela própria um pouco pálida, sorridente, veio-me uma espécie de irritação por ela não ter visto nada. Sentia que estava a ser injusto, é verdade, e dizia para comigo: «Se não viu nada, foi porque o escondi bem; não importa»; nada resultou; aquilo cresceu em mim como um instinto, invadiu-me… no fim, foi demasiado forte; já o não conseguia guardar: como que distraidamente, disse-lhe:

— Cuspi sangue, esta noite.

Ela não deu nenhum grito; simplesmente, ficou muito mais pálida, perdeu o equilíbrio, quis segurar-se e caiu pesadamente no soalho.

Precipitei-me para ela com uma espécie de raiva:

— Marceline! Marceline! Então? Que é que eu fiz? Não basta que *eu* esteja doente?

Mas eu estava, como vos disse, muito débil; pouco faltou para que também desmaiasse. Abri a porta; chamei; vieram ajudar-nos.

Na minha mala, havia, recordo-me, uma carta de apresentação dirigida a um oficial da cidade; apoiei-me nessas palavras para ordenar que procurassem o médico militar.

Entretanto, Marceline restabelecera-se; agora, estava à cabeceira da minha cama, onde eu tremia de febre. O médico chegou, examinou-nos a ambos: Marceline não tinha nada, afirmou ele, e não se ressentia da queda; eu estava gravemente doente; mais do que isso não se quis pronunciar e prometeu voltar antes do cair do dia.

Voltou, sorriu-me, falou-me e deu-me diversos remédios. Compreendi que ele me achava condenado. — Confessar-vos-ei? Não tive qualquer sobressalto. Estava cansado. Abandonei-me,

simplesmente. — «Afinal, que é que a vida me oferece? Eu trabalhara até ao fim, cumprira resoluta e apaixonadamente o meu dever. O resto… Ah! Que importa?», pensei, encontrando alguma beleza no meu estoicismo. Mas aquilo que me fazia sofrer era a fealdade daquele lugar. «Este quarto de hotel é medonho» — e observei-o. De repente, pensei que, ao lado, num quarto semelhante, estava a minha mulher, Marceline; e ouvi-a a falar. O doutor não se tinha ido embora; conversava com ela; esforçava-se por falar em voz baixa. Passou algum tempo; devo ter adormecido…

Quando acordei, Marceline estava ali. Percebi que ela tinha estado a chorar. Eu não amava suficientemente a vida para ter pena de mim próprio; mas a fealdade daquele lugar incomodava-me; os meus olhos pousavam em Marceline quase com volúpia.

Nesse momento, ao meu lado, ela estava a escrever. Achei-a bonita. Vi-a a fechar várias cartas. Depois, levantou-se, aproximou-se da minha cama, agarrou-me ternamente na mão.

— Como te sentes agora? — perguntou-me.

Eu sorri, disse-lhe com tristeza:

— Irei curar-me?

Mas ela respondeu-me logo:

— Claro que vais! — com uma convicção tão apaixonada que eu próprio, quase convencido, tive como que um confuso sentimento de tudo o que a vida poderia ser, do seu amor por ela, a vaga visão de belezas tão patéticas que as lágrimas jorraram dos meus olhos e chorei longamente sem poder nem querer desembaraçar-me delas.

Com que violência amorosa ela conseguiu fazer-me deixar Susa; rodeado de quantos cuidados encantadores, protegido, socorrido, vigiado… de Susa a Tunes, depois, de Tunes a Constantina,

Marceline foi admirável. Era em Biskra que eu devia ficar curado. A sua confiança era perfeita; o seu zelo não diminuiu nem por um instante. Ela preparava tudo, geria as partidas e assegurava os alojamentos. Infelizmente, não podia fazer com que a viagem fosse menos atroz. Por várias vezes, acreditei dever parar e morrer. Suava como um moribundo, sufocava, perdia por momentos a consciência. Ao fim do terceiro dia, cheguei a Biskra como que morto.

II

Porquê falar dos primeiros dias? Que resta deles? A sua horrível recordação está sem voz. Eu já não sabia nem quem era nem onde estava. Revejo apenas, sobre o meu leito de agonia, Marceline, a minha mulher, a minha vida, a debruçar-se. Sei que apenas os seus cuidados apaixonados, apenas o seu amor me salvaram. Um dia, finalmente, como um marinheiro perdido que avista terra, senti que um clarão de vida se reavivava em mim; consegui sorrir para Marceline. Porquê contar tudo isto? O importante era que a morte me tocara, como se costuma dizer, com a sua asa. O importante é que se tornou para mim espantoso que eu estivesse vivo, que o dia se tornou para mim de uma luz inesperada. «Antes», pensei, «não compreendia que estava vivo». Devia fazer a palpitante descoberta da vida.

Chegou o dia em que consegui levantar-me. Fui completamente seduzido pela nossa casa. Praticamente, era apenas um terraço. E que terraço! O meu quarto e o de Marceline davam para ele; prolongava-se sobre os telhados. Viam-se, quando se lhe chegava à parte mais alta, por cima das casas, as palmeiras; por cima das palmeiras, o deserto. O outro lado do terraço dava para os jardins da cidade; os ramos das últimas mimosas sombreavam-no; por fim, ladeava o pátio, um pequeno pátio simétrico, com seis palmeiras simétricas, e acabava nas escadas que o ligavam ao pátio. O meu quarto era amplo, arejado; paredes branqueadas com cal, nada nas

paredes; uma pequena porta levava ao quarto de Marceline; uma grande porta envidraçada abria para o terraço.

Aí, passaram-se dias sem horas. Quantas vezes, na minha solidão, revi esses dias lentos!… Marceline está ao pé de mim. Lê; costura; escreve. Eu não faço nada. Olho para ela. Oh, Marceline! Marceline!… Olho. Vejo o Sol; vejo a sombra; vejo a linha da sombra a deslocar-se; tenho tão pouco em que pensar que a observo. Ainda estou muito frágil; respiro muito mal; tudo me cansa, mesmo ler; além disso, ler o quê? Existir ocupa-me bastante.

Uma manhã, Marceline entra a rir:

— Trago-te um amigo — diz ela; e vejo entrar atrás dela um pequeno árabe de tez morena. Chama-se Bachir, tem uns grandes olhos silenciosos que olham para mim. Fico um pouco constrangido, e esse constrangimento deixa-me logo cansado; não digo nada, pareço zangado. A criança, perante a frieza do meu acolhimento, desconcerta-se, vira-se para Marceline e, com um movimento de graça animal e afectuosa, aninha-se contra ela, agarra-lhe na mão, beija-a com um gesto que lhe descobre os braços nus. Noto que o rapazinho está completamente nu debaixo da sua fina gandura branca e do albornoz remendado.

— Vamos! Senta-te aí — diz Marceline, que nota o meu embaraço. — Brinca em paz.

O pequeno senta-se no chão, tira uma faca do capucho do albornoz, um pedaço de uma *djerid*[3] e começa a trabalhar. É um assobio, creio, o que ele quer fazer.

Ao fim de pouco tempo, já não estou incomodado com a sua presença. Olho para ele; parece ter-se esquecido de que está ali. Os

seus pés estão nus; os tornozelos são encantadores, e as articulações dos pulsos. Maneja a faca inadequada com uma destreza divertida. Irei realmente interessar-me por isto? Os seus cabelos estão rapados à maneira árabe; usa uma pobre chéchia que tem apenas um buraco no local da borla. A gandura, um pouco descaída, descobre-lhe o ombro miudinho. Tenho necessidade de lhe tocar. Debruço-me; ele vira-se e sorri-me. Faço sinal para que me passe o assobio, pego nele e finjo admirá-lo muito. Agora, ele quer ir-se embora. Marceline dá-lhe um doce, eu, dois soldos.

No dia seguinte, pela primeira vez, aborreço-me; espero pelo quê? Sinto-me inactivo, inquieto. Por fim, não aguento mais:

— Então esta manhã o Bachir não vem, Marceline?

— Se quiseres, vou buscá-lo.

Ela deixa-me, desce; ao fim de um instante, regressa sozinha. Que é que a doença fez de mim? Estou triste a ponto de chorar por a ver voltar sem Bachir.

— Tarde de mais — disse-me ela —; as crianças saíram da escola e espalharam-se por aí. Algumas são encantadoras, sabes? Acho que agora todas me conhecem.

— Pelo menos, faz com que venha amanhã.

No dia seguinte, Bachir voltou. Sentou-se como na antevéspera, tirou a faca, tentou talhar uma madeira demasiado dura, e fê-lo tão bem que enfiou a lâmina no polegar. Tive um arrepio de horror; ele, a rir-se, mostrou o corte brilhante e entreteve-se a ver escorrer o sangue. Quando se ria, descobria uns dentes muito brancos; lambeu divertidamente a ferida; a língua era cor-de-rosa como a de um gato. Ah! Ele estava óptimo! Era isso que me apaixonava nele: a saúde. Era uma bela saúde, a daquele pequeno corpo.

No dia seguinte, ele trouxe berlindes. Quis que eu jogasse. Marceline não estava; ela ter-me-ia impedido. Hesitei, olhei para Bachir; o pequeno agarrou-me no braço, pôs-me os berlindes na mão, obrigou-me a jogar. Eu ficava esbaforido ao baixar-me, mas, apesar disso, tentei. A satisfação de Bachir deixava-me encantado. Por fim, não consegui mais. Estava banhado em suor. Afastei os berlindes e deixei-me cair em cima de uma poltrona. Bachir, um pouco perturbado, olhava para mim.

— Doente? — perguntou com gentileza; o timbre da sua voz era delicado. Marceline regressou.

— Leva-o — disse-lhe eu —; estou cansado, esta manhã.

Algumas horas depois, tive expectoração com sangue. Foi enquanto andava penosamente no terraço; Marceline estava ocupada no seu quarto; felizmente, não viu nada. Eu tinha feito, por estar a sufocar, uma aspiração mais profunda, e, de repente, aquilo tinha vindo. Enchera-me a boca… mas já não era um sangue claro, como nas primeiras expectorações; era um grosso coágulo horrível, que cuspi para o chão com nojo.

Dei alguns passos, cambaleante. Estava horrivelmente comovido. Tremia. Tinha medo; estava furioso. Pois até então pensara que, lentamente, a cura chegaria, e só me restava esperar. Esse incidente brutal acabava de me fazer dar um passo atrás. Coisa estranha, as primeiras expectorações não me tinham causado tanta impressão; agora, lembrava-me de que me tinham deixado quase calmo. De onde vinha então o meu medo, o meu horror, agora? É que começava, ai!, a amar a vida.

Voltei atrás, curvei-me, encontrei o meu escarro, peguei numa palha e, levantando o coágulo, depositei-o no meu lenço. Observei-

o. Era um sangue feio, quase negro, uma coisa viscosa, horrível. Pensei no belo sangue rutilante de Bachir. E subitamente tomou-me um desejo, uma vontade, algo mais furioso, mais imperioso do que tudo o que até então sentira: «Viver! Quero viver. Quero viver.» Cerrei os dentes, os punhos, concentrei-me por inteiro, perdidamente, desoladamente, nesse esforço no sentido da existência.

Na véspera, recebera uma carta de T***; em resposta às ansiosas questões de Marceline, estava cheia de conselhos médicos; T*** tinha mesmo juntado à sua carta algumas brochuras de vulgarização médica e um livro mais especializado, que por isso me pareceu mais sério. Eu lera negligentemente a carta e nem pegara nos impressos; antes de mais porque a semelhança daquelas brochuras com os pequenos tratados morais com que me tinham alimentado à força na minha infância não me dispunha a seu favor; também porque todos os conselhos me importunavam; depois, eu não pensava que esses *Conselhos ao Tuberculoso* e *Cura Prática da Tuberculose* pudessem aplicar-se ao meu caso. Não me julgava tuberculoso. Naturalmente, atribuía a minha primeira hemoptise a uma causa diferente; ou antes, a bem dizer, não a atribuía a nada, evitava pensar nela, não pensava muito nela, e considerava-me, se não curado, pelo menos perto de o estar… Li a carta; devorei o livro, os tratados. Subitamente, com uma evidência assombrosa, pareceu-me que não tinha cuidado de mim como teria sido necessário. Até então, deixara-me viver, fiando-me na mais vaga esperança; de repente, a minha vida evidenciou-se-me atacada, atrozmente atacada no seu centro. Um inimigo numeroso, activo vivia em mim. Eu escutava-o: espiava-o; sentia-o. Não o venceria sem luta… e acrescentava a

meia-voz, como que para melhor me convencer a mim próprio: «É uma questão de vontade.»

Pus-me em estado de guerra.

Caía a noite: organizei a minha estratégia. Durante algum tempo, apenas a minha cura deveria ocupar o meu estudo; o meu dever era a minha saúde; deveria considerar bom, chamar *Bem* a tudo o que me fosse salutar, esquecer, repelir tudo o que não me curasse. Antes do jantar, tomara resoluções em relação à respiração, ao exercício, à alimentação.

Tomávamos as nossas refeições numa espécie de quiosquezinho que o terraço cercava por todos os lados. Sós, tranquilos, longe de tudo, a intimidade das nossas refeições era encantadora. De um hotel vizinho, um velho negro trazia-nos uma comida razoável. Marceline inspeccionava as ementas, encomendava um prato, rejeitando outro… Não tendo habitualmente grande fome, não me preocupava com os pratos que faltavam ou com as ementas insubstanciais. Marceline, ela própria acostumada a não comer muito, não sabia, não se dava conta de que eu não comia o suficiente. Comer muito era, de todas as minhas resoluções, a primeira. Pretendia pô-la em prática a partir dessa noite. Não consegui. Deram-nos não sei que sopa intragável, depois, uma carne assada ridiculamente demasiado passada.

A minha irritação foi tão intensa que, transferindo-a para Marceline, desdobrei-me diante dela em palavras imoderadas. Acusei-a; a quem me ouvisse, pareceria que ela deveria ter-se sentido responsável pela má qualidade daqueles pratos. Esse pequeno atraso na dieta que resolvera adoptar tornava-se da mais grave importância; esquecia-me dos dias precedentes; essa refeição

malsucedida estragava tudo. Embirrei. Marceline teve de descer à cidade para ir buscar uma conserva, um patê qualquer.

Voltou logo com uma pequena terrina que devorei quase inteira, como que para provar a ambos o quanto tinha necessidade de comer.

Nessa mesma noite, decidimos o seguinte: as refeições seriam muito melhores e também em maior número, uma a cada três horas; a primeira logo às seis e meia da manhã. Uma abundante provisão de conservas de todas as espécies supriria os pratos medíocres do hotel…

Não consegui adormecer nessa noite, tanto me entusiasmava o pressentimento das minhas novas virtudes. Estava, penso, com um pouco de febre; tinha comigo uma pequena garrafa de água mineral; bebi um copo, dois copos; à terceira, bebendo directamente da garrafa, acabei-a de uma só vez. Repetia para mim a minha vontade como se faz com uma lição; descobria a minha hostilidade, dirigia-a para todas as coisas; tinha de lutar contra tudo: a minha salvação dependia apenas de mim.

Finalmente, vi a noite empalidecer; o dia surgiu.

Fora a minha vigília de armas.

No dia seguinte, era domingo. Até então, confessá-lo-ei, não me inquietara com as crenças de Marceline; por indiferença ou pudor, parecia-me que não me diziam respeito; então, não lhes dava importância… Nesse dia, Marceline foi à missa. Soube, no regresso, que rezara por mim. Olhei-a fixamente; depois, com toda a brandura que consegui, disse-lhe:

— Não é preciso rezares por mim, Marceline.

— Porquê? — perguntou, um pouco perturbada.

— Não gosto de protecções.

— Rejeitas a ajuda de Deus?

— Depois, Ele teria direito ao meu reconhecimento. Isso dá origem a obrigações; não as quero.

Parecia que estávamos a brincar, mas não nos iludíamos quanto à importância das nossas palavras.

— Não te hás-de curar sozinho, meu pobre amigo — suspirou.

— Que seja…

Vendo a sua tristeza, acrescentei com menos brutalidade:

— Tu vais ajudar-me.

III

Falarei agora longamente do meu corpo. Falarei tanto dele que ao início parecer-vos-á que me esqueço da parte do espírito. A minha neglicência, neste relato, é voluntária: lá, era real. Não tinha força suficiente para manter uma vida dupla; «no espírito e no resto», meditava eu, «pensarei mais tarde, quando estiver melhor».

Ainda estava longe de me sentir bem. Por tudo e por nada, ficava a transpirar e com frio: tinha, como dizia Rousseau, «o fôlego curto»; por vezes, um pouco de febre; frequentemente, desde manhã, um sentimento de uma horrível lassidão, e ficava, assim, prostrado numa poltrona, indiferente a tudo, egoísta, preocupando-me unicamente em tratar de respirar bem. Respirava com dificuldade, método e cuidado; as minhas expirações faziam-se com duas sacudidelas, que a minha vontade extremamente tensa não conseguia conter por completo; muito tempo depois, continuava a não conseguir evitá-las senão com muito cuidado.

Mas o que mais me fez sofrer foi a minha sensibilidade doentia a qualquer mudança de temperatura. Penso, quando agora reflicto nisso, que um distúrbio nervoso geral se juntava à doença; não posso explicar de outra forma uma série de fenómenos, irredutíveis, parece-me, ao simples estado tuberculoso. Tinha sempre demasiado calor ou demasiado frio; cobria-me logo com um exagero ridículo, só parava de tremer para suar, destapava-me um pouco, e tremia assim que deixava de transpirar. Havia partes do meu corpo que gelavam,

tornavam-se, apesar do suor, tocando-lhes, frias como mármore; já nada as conseguia reaquecer. Era sensível ao frio a ponto de um pouco de água que me caísse nos pés, quando tratava da minha higiene, me constipar; do mesmo modo, era sensível ao calor. Mantinha essa sensibilidade, mantenho-a ainda, mas, hoje, é para dela fruir voluptuosamente. Qualquer sensibilidade que seja muito intensa pode, conforme o organismo seja robusto ou débil, tornar-se, creio, causa de delícias ou de incómodos. Tudo o que outrora me perturbava tornou-se delicioso.

Não sei como é que tinha feito até então para dormir com as janelas fechadas; seguindo os conselhos de T***, experimentei, assim, abri-las durante a noite; um pouco, ao início; logo as abri por completo; em breve, tornou-se um hábito, uma necessidade tal que, assim que se fechava a janela, começava a sufocar. Com que delícia, mais tarde, sentiria penetrar no quarto, em direcção a mim, o vento das noites, o luar!…

Estou ansioso por finalmente acabar com a descrição destes primeiros gaguejos de saúde. Com efeito, graças aos cuidados constantes, ao ar puro, a uma alimentação mais consistente, não tardei a melhorar. Até então, receando a ofegação das escadas, não me atrevia a deixar o terraço; nos primeiros dias de Janeiro, finalmente, desci e aventurei-me no jardim.

Marceline acompanhava-me, levando um xaile. Eram três da tarde. O vento, frequentemente violento neste país, e que há três dias me incomodava, abrandara. A suavidade do ar era encantadora.

Jardim público... Uma larguíssima álea cortava-o, sombreada por duas filas dessa espécie de mimosas altíssimas a que se chama acácias. Bancos, à sombra dessas árvores. Uma ribeira canalizada,

quero dizer, mais profunda do que larga, quase a direito, ladeia a álea; depois, outros canais mais pequenos, dividindo a água da ribeira, levam-na, através do jardim, até às plantas; a água pesada é da cor da terra, cor de argila rosada ou cinzenta. Quase sem estrangeiros, alguns árabes; circulam, e, quando saem do sol, o seu manto branco ganha a cor da sombra.

Um arrepio singular apoderou-se de mim quando entrei nessa estranha sombra; envolvi-me no meu xaile; no entanto, sem qualquer mal-estar; pelo contrário… Sentámo-nos num banco. Marceline estava calada. Passaram uns árabes; depois, sobreveio um bando de crianças. Marceline, conhecendo várias delas, fez-lhes sinal; aproximaram-se. Disse-me os seus nomes; houve perguntas, respostas, sorrisos, caretas, pequenas brincadeiras. Tudo isso me enervava um pouco e o meu mal-estar regressou; senti-me cansado e a suar. Mas o que me incomodava, confessá-lo-ei, não eram as crianças, mas ela. Sim, por pouco que fosse, fiquei incomodado com a sua presença. Se me tivesse levantado, ela ter-me-ia seguido; se tivesse tirado o xaile, ela teria querido levá-lo; se o tivesse voltado a pôr, logo a seguir, ela teria perguntado: «Estás com frio?» E depois, eu não me atrevia a falar com as crianças à frente dela: via que ela tinha os seus protegidos; contra a minha vontade, mas renitentemente, interessava-me pelos outros.

— Voltemos para casa — disse-lhe; e resolvi com os meus botões regressar sozinho ao jardim.

No dia seguinte, ela tinha de sair por volta das dez: aproveitei esse momento. O pequeno Bachir, que raramente deixava de vir de manhã, pegou no meu xaile; eu sentia-me ágil, o coração leve. Estávamos praticamente sozinhos na álea; eu caminhava

lentamente, sentava-me por um instante, tornava a andar. Bachir acompanhava-me, falador; fiel e dócil como um cão. Cheguei à zona do canal onde as lavadeiras vão lavar; no meio da corrente, está colocada uma pedra lisa; em cima da pedra, uma rapariguinha deitada e o rosto inclinado para a água, a mão na corrente, lançando ou apanhando pequenos ramos. Os seus pés nus mergulhavam na água; guardavam a marca húmida do banho, e a sua pele parecia mais escura. Bachir aproximou-se dela e falou-lhe; ela virou-se, sorriu-me, respondeu a Bachir em árabe.

— É a minha irmã — disse-me ele; depois, explicou-me que a mãe vinha lavar a roupa e que a sua irmã mais nova estava à espera dela. Chamava-se Rhadra, que quer dizer Verde, em árabe. Ele dizia tudo aquilo com uma voz encantadora, clara, tão infantil quanto a emoção que eu sentia.

— Ela pede que lhe dês dois soldos — acrescentou.

Dei-lhe dez, e preparava-me para me ir embora quando chegou a mãe, a lavadeira. Era uma mulher admirável, pesada, com uma grande fronte tatuada de azul, que carregava um cesto de roupa suja na cabeça, semelhante às canéforas antigas, e como elas velada simplesmente por um largo tecido azul-escuro que se arregaça à cintura e cai de uma só vez até aos pés. Assim que viu Bachir, apostrofou-o rudemente. Ele respondeu com violência; a menina interveio; entre os três, iniciou-se uma discussão das mais vivas. Por fim, Bachir, como que vencido, fez-me compreender que, nessa manhã, a mãe precisava dele; estendeu-me tristemente o meu xaile, e tive de tornar a partir sozinho.

Não tinha dado vinte passos, já o meu xaile me parecia de um peso insuportável; todo suado, sentei-me no primeiro banco que

encontrei. Esperava por alguma criança que chegasse e me aliviasse daquele fardo. Quem chegou, pouco depois, foi um grande rapaz de catorze anos, negro como um sudanês, nada tímido, ele próprio oferecendo a sua ajuda. Chamava-se Ashour. Ter-me-ia parecido bonito, se não fosse zarolho. Adorava falar, ensinou-me de onde vinha a ribeira e que depois do jardim público ela se esquivava para o oásis e atravessava-o por inteiro. Escutava-o, esquecendo o meu cansaço. Por mais delicado que Bachir me parecesse, naquele momento já o conhecia demasiado bem, e estava feliz por mudar. Inclusive, prometi a mim mesmo que, noutro dia, iria descer sozinho ao jardim e esperar, sentado num banco, pelo acaso de um encontro feliz.

Depois de ainda ter parado durante alguns instantes, chegámos, eu e Ashour, à frente da minha porta. Desejava convidá-lo a subir, mas não me atrevi, não sabendo o que Marceline diria disso.

Encontrei-a na sala de jantar, ocupada ao pé de uma criança muito nova, tão enfezada e com um aspecto tão débil que tive, primeiro, em relação a ela, mais repulsa do que pena. Um pouco receosamente, Marceline disse-me:

— O pobrezinho está doente.

— Não é contagioso, pelo menos? Que é que ele tem?

— Ainda não sei ao certo. Queixa-se de tudo um pouco. Fala muito mal francês; quando o Bachir estiver cá amanhã, servir-lhe-á de intérprete. Dei-lhe um pouco de chá.

Depois, como que para se desculpar, e porque eu continuava ali sem dizer nada:

— Há muito tempo — acrescentou — que o conheço; ainda não

tinha tido coragem de o trazer; tinha receio de te cansar, ou até que te desagradasse.

— Então porquê? — exclamei. — Podes trazer as crianças que quiseres, se isso te distrai! — E pensei, irritando-me um pouco por o não ter feito, que teria podido perfeitamente fazer subir Ashour.

Enquanto isso, olhava para a minha mulher; era maternal e carinhosa. A sua ternura era tão comovente que logo o pequeno se foi embora bastante reanimado. Falei-lhe do meu passado e fiz-lhe compreender, sem rudeza, porque é que preferia sair sozinho.

Normalmente, as minhas noites ainda eram interrompidas por sobressaltos de que despertava gelado ou encharcado em suor. Passei muito bem essa noite e quase sem despertar. No dia seguinte de manhã, às nove horas, estava pronto para sair. Fazia bom tempo; sentia ter descansado bem, nada débil, alegre, ou antes, divertido. O ar estava calmo e tépido, mas, no entanto, peguei no meu xaile, como pretexto para travar conhecimento com aquele a quem pedisse que mo carregasse. Disse-vos que o jardim era tangente ao nosso terraço; depressa cheguei lá. Entrei com enlevo na sua sombra. O ar estava luminoso. As acácias, cujas flores vinham muito mais cedo do que as folhas, perfumavam; ou talvez essa espécie de leve odor desconhecido que me parecia entrar em mim através de vários sentidos e que me exaltava viesse de todo o lado. Respirava com mais facilidade, além disso; o meu passo estava mais ligeiro: contudo, sentei-me no primeiro banco que encontrei, mas mais embriagado, mais atordoado do que cansado. Observei. A sombra era móvel e leve; não caía sobre o solo, parecia apenas pousar nele. Oh, luz! — Escutei. Que ouvi? Nada; tudo; entretinha-me com todos os sons. — Recordo-me de um arbusto cuja casca, de longe, me

pareceu de uma consistência tão estranha que tive de me levantar para ir apalpá-la. Toquei-lhe como se acaricia; achei nisso um embevecimento. Recordo-me… Seria finalmente essa a manhã em que eu ia nascer?

Esquecido de que estava sozinho, sem nada esperar, esquecia-me das horas. Parecia-me ter, até esse dia, pensado tanto para sentir tão pouco que me espantava por isso ter chegado ao fim: a minha sensação tornava-se tão forte quanto um pensamento.

Digo: parecia-me; pois, do fundo do passado da minha primeira infância, despertavam, por fim, mil clarões de mil sensações perdidas. A consciência que tornava a ganhar dos meus sentidos permitia-me esse inquieto reconhecimento. Sim, os meus sentidos, doravante despertados, redescobriam toda uma história, recompunham um passado. Viviam! Viviam! Nunca tinham deixado de viver, revelavam agora, mesmo durante os meus anos de estudo, uma vida latente e ardilosa.

Não tive nenhum encontro nesse dia, e senti-me contente; tirei do meu bolso um pequeno Homero que não voltara a abrir desde a minha partida de Marselha, reli três frases da *Odisseia*, decorei-as; depois, encontrando um alimento suficiente no seu ritmo e deleitando-me à minha vontade, fechei o livro e assim fiquei, mais vivo do que alguma vez imaginei que se pudesse ser e com o espírito entorpecido de felicidade.

IV

Marceline, entretanto, que via com alegria a minha saúde finalmente regressar, começara, há alguns dias, a falar-me dos maravilhosos pomares do oásis. Ela adorava o ar puro e as caminhadas. A liberdade que lhe ocasionava a minha doença permitia-lhe longos passeios dos quais regressava deslumbrada; até então, não me falara disso, não ousando incitar-me a segui-la e receando ver-me entristecer com o relato de prazeres de que eu não podia fruir. Mas agora que eu estava melhor, ela contava com esse atractivo para me fazer restabelecer por completo. O gosto que eu retomava por caminhar e observar impelia-me a isso. E, logo no dia seguinte, saímos juntos.

Ela precedeu-me num caminho estranho, como eu nunca vira semelhante em nenhum país. Entre dois muros de terra bastante altos, estende-se como que indolentemente; as formas dos jardins que esses altos muros limitam desviam-no como lhes apraz; ele curva-se, ou quebra a sua linha; logo à entrada, um atalho leva-nos a perdermo-nos; deixa-se de saber de onde se vem e para onde se vai. A água fiel da ribeira segue o atalho, ladeia os muros; os muros são feitos com a própria terra da estrada, a do oásis inteiro, uma argila tenra, rosada ou cinzenta, que a água torna um pouco mais escura, que o Sol ardente fissura e que endurece com o calor, mas que amolece logo com a primeira chuvada, que forma então um solo plástico onde os pés nus ficam inscritos. Por cima dos muros,

palmeiras. À nossa aproximação, rolas voaram. Marceline olhava para mim.

Eu esquecia-me da minha fadiga e do meu desconforto. Caminhava numa espécie de êxtase, de alegria silenciosa, de exaltação dos sentidos e da carne. Nesse momento, levantaram-se umas leves aragens; todas as palmas se agitaram, e vimos as palmeiras mais altas a inclinar-se; depois, o ar inteiro ficou calmo, e ouvi distintamente, atrás do muro, o canto de uma flauta. Uma brecha no muro; entrámos.

Era um lugar cheio de sombra e de luz; tranquilo, e parecia como que ao abrigo do tempo; cheio de silêncios e de vibrações, o ruído ligeiro da água que corre, dessedenta as palmeiras e foge de árvore em árvore, o apelo discreto das rolas, o canto da flauta que um rapazinho tocava. Guardava um rebanho de cabras; estava sentado, quase nu, no tronco de uma palmeira abatida; não se perturbou com a nossa aproximação, não fugiu, e só por um instante parou de tocar.

Apercebi-me, durante esse curto silêncio, de que uma outra flauta respondia, ao longe. Avançámos mais um pouco; depois, Marceline disse:

— Não vale a pena ir mais longe; estes pomares são todos iguais; ficam só um pouco mais extensos no fim do oásis… — Estendeu o xaile no chão. — Descansa.

Quanto tempo ficámos ali? Já não sei; que importava a hora? Marceline estava ao pé de mim; estendi-me, pousei a minha cabeça nos seus joelhos. O canto da flauta corria ainda, parava por instantes, recomeçava; o som da água… Às vezes, uma cabra balia. Fechei os olhos; sentia pousar-se-me na testa a mão fresca de

Marceline; sentia o Sol ardente suavemente tamisado pelas palmas; não pensava em nada; que importava o pensamento?; sentia extraordinariamente.

E, durante um instante, um novo som; abria os olhos; era o vento leve nas palmas; não descia até nós, agitava somente as palmas altas…

Na manhã seguinte, regressei com Marceline a esse mesmo jardim; na noite do mesmo dia, fui sozinho. O guardador de cabras que tocava a flauta estava lá. Aproximei-me dele, falei-lhe. Chamava-se Lossif, tinha apenas doze anos, era bonito. Disse-me o nome das suas cabras, disse-me que os canais se chamam *seghias*; nem todos correm todos os dias, informou-me; a água, sábia e parcimoniosamente repartida, satisfaz a sede das plantas, depois retira-se. Ao pé de cada palmeira, é cavada uma estreita bacia que retém a água para dessedentar a árvore; um engenhoso sistema de represas que, explicou-me a criança, fazendo-o funcionar, domina a água, leva-a para onde a sede for muito grande.

No dia seguinte, vi um irmão de Lossif: era um pouco mais velho, menos bonito; chamava-se Lachmi. Com a ajuda da espécie de escada que forma ao longo do tronco a cicatriz das antigas palmas cortadas, trepou ao alto de uma palmeira podada; depois, desceu agilmente, deixando ver, debaixo do seu manto flutuante, uma nudez dourada. Trouxe do alto da árvore, cujo cume fora cortado, uma pequena cabaça de barro; estava pendurada lá em cima, ao pé da ferida recente, para recolher a seiva da palmeira com que fazem um vinho doce que agrada muito aos árabes. A convite de Lachmi,

provei-o; mas o seu gosto desenxabido, amargo e xaroposo desagradou-me.

Nos dias seguintes, fui mais longe; vi outros jardins, outros pastores e outras cabras. Tal como Marceline tinha dito, todos esses jardins eram semelhantes; e, no entanto, todos diferentes.

Por vezes, Marceline acompanhava-me; mas, o mais das vezes, logo à entrada dos pomares, eu deixava-a, persuadindo-a de que estava cansado, de que queria sentar-me, de que não deveria esperar por mim, pois ela precisava de andar mais; de modo que ela acabava o passeio sem mim. Eu mantinha-me ao pé das crianças. Em breve, conheci várias; falávamos demoradamente; aprendia as suas brincadeiras, mostrava-lhes outras, perdia no jogo da malha todos os meus soldos. Alguns desses rapazes acompanhavam-me ao longe (todos os dias eu aumentava as minhas caminhadas), indicando-me, para o regresso, uma nova passagem, carregando o meu xaile e o meu manto, quando eu, por vezes, trazia os dois; antes de os deixar, distribuía-lhes umas moedazinhas; por vezes, seguiam-me, sempre na brincadeira, até à minha porta; às vezes, por fim, entravam.

Noutras alturas, era a própria Marceline a trazê-los. Trazia os da escola, que encorajava nos estudos; à saída das aulas, os bem-comportados e os dóceis subiam; os que eu trazia eram outros; mas as brincadeiras juntavam-nos. Tínhamos o cuidado de ter sempre prontos xaropes e guloseimas. Em breve, outros vieram por sua vontade, mesmo sem serem convidados. Recordo-me de cada um deles; volto a vê-los…

Pelo fim de Janeiro, repentinamente, o tempo piorou; um vento frio

pôs-se a soprar e a minha saúde ressentiu-se logo. O grande espaço descoberto que separa o oásis da cidade tornou-se-me intransponível, e tive de me contentar de novo com o jardim público. Depois, choveu; uma chuva gelada que, no horizonte, para norte, cobriu as montanhas de neve.

Passei esses dias tristes à lareira, sombrio, lutando raivosamente contra a doença que, devido a esse mau tempo, triunfava. Dias lúgubres: não podia ler nem trabalhar; o menor esforço causava-me transpirações incómodas; fixar a minha atenção extenuava-me; assim que parava de vigiar cuidadosamente a minha respiração, sufocava.

As crianças, durante esses dias tristes, foram, para mim, a única distracção possível. Quando chovia, apenas as mais familiares entravam; as suas roupas estavam encharcadas; sentavam-se à frente da lareira, em círculo. Sentia-me demasiado cansado, demasiado indisposto para outra coisa que não fosse olhar para elas; mas a presença da sua saúde curava-me. Os meninos que Marceline acarinhava eram frágeis, enfezados e demasiado bem-comportados; eu irritava-me com ela e com eles, e por fim repelia-os. A bem dizer, davam-me medo.

Uma manhã, tive uma curiosa revelação sobre mim próprio; Moktir, o único dos protegidos da minha mulher que não me irritava, estava sozinho comigo no meu quarto. Eu mantinha-me de pé junto ao lume, os dois cotovelos apoiados na lareira, diante de um livro, e parecia absorvido, mas conseguia ver reflectir-se no vidro os movimentos da criança a quem virava as costas. Uma curiosidade que não conseguia explicar fazia-me vigiar-lhe os gestos. Moktir não se sabia observado e julgava-me mergulhado na leitura. Vi-o

aproximar-se, sem qualquer ruído, de uma mesa onde Marceline pousara, ao pé de um bordado, uma pequena tesoura, apoderar-se furtivamente dela e, de uma só vez, enfiá-la no albornoz. Durante um momento, o meu coração bateu com força, mas os mais sábios raciocínios não conseguiram desencadear em mim o menor sentimento de revolta. Além disso, fui incapaz de provar a mim próprio que o sentimento que então me preenchia não era outra coisa que não divertimento, alegria. Quando dei a Moktir todo o tempo necessário para me roubar, virei-me de novo para ele e falei-lhe como se nada se tivesse passado. Marceline gostava muito dessa criança; no entanto, creio que não foi o medo de a entristecer que me fez, quando a encontrei, em lugar de denunciar Moktir, conceber não sei que fábula para explicar o sumiço da tesoura. A partir desse dia, Moktir tornou-se o meu preferido.

V

A nossa estada em Biskra não devia prolongar-se por muito mais tempo. Passadas as chuvas de Fevereiro, o calor rebentou forte de mais. Após vários dias penosos a viver debaixo dos aguaceiros, uma manhã, bruscamente, despertei no meio do azul. Levantando-me de imediato, corri ao terraço mais alto. O céu, de um horizonte ao outro, estava límpido. Debaixo do Sol, já ardente, erguiam-se vapores de água; o oásis fumegava por inteiro; ouvia-se bramir ao longe o uade transbordado. O ar estava tão puro, tão leve que depressa me senti melhor. Marceline chegou; quisemos sair, mas o vapor de água, nesse dia, reteve-nos.

Alguns dias depois, voltámos ao pomar de Lossif; os caules pareciam pesados, moles e inchados de água. Aquela terra africana, cuja espera eu desconhecia, submergida durante longos dias, agora despertava do Inverno, ébria de água, rebentando com novas seivas; ria-se com uma Primavera alucinada cuja ressonância eu sentia e que surgia como que duplicada em mim mesmo. A princípio, Ashour e Moktir acompanharam-nos; eu saboreava ainda a sua leve amizade, que não custava mais do que meio franco por dia; mas, em breve, cansado deles, eu próprio já não estando tão frágil que tivesse ainda necessidade do exemplo da sua saúde e já não encontrando nas suas brincadeiras o alimento necessário à minha alegria, orientei para Marceline a exaltação do meu espírito e dos meus sentidos. Com a alegria que lhe provoquei, percebi que se

mantivera triste. Escusei-me como uma criança por a ter deixado tantas vezes sozinha, atribuí à minha fraqueza o meu humor fugidio e bizarro, afirmei que até então estivera demasiado cansado para amar, mas que doravante sentiria crescer, com a minha saúde, o meu amor. Dizia a verdade; mas provavelmente ainda estava bastante frágil, pois só um mês depois é que desejei Marceline.

Entretanto, todos os dias o calor aumentava. Nada nos retinha em Biskra — a não ser esse encanto que voltaria a chamar-me depois. A nossa resolução de partir foi repentina. Em três horas, as nossas trouxas ficaram prontas. O comboio partia no dia seguinte ao amanhecer…

Recordo-me da última noite. Estava praticamente lua cheia; através da minha janela aberta, o luar entrava em pleno no meu quarto. Penso que Marceline estava a dormir. Eu estava deitado, mas não conseguia adormecer. Sentia-me a arder de uma espécie de febre feliz, que não era senão a vida. Levantei-me, mergulhei as mãos e o rosto na água; depois, empurrando a porta envidraçada, saí.

Já era tarde; não havia nem um ruído; nem uma aragem; o próprio ar parecia adormecido. Apenas, ao longe, se ouviam os cães árabes, que, como chacais, ganem toda a noite. Diante de mim, o pequeno pátio; a muralha, à minha frente, assentava-lhe uma tira de sombra oblíqua; as palmeiras simétricas, agora sem cor e sem vida, pareciam imobilizadas para sempre… Mas no sono ainda se encontra uma palpitação de vida — aqui, nada parecia dormir; tudo parecia morto. Fiquei apavorado com aquela calma; e repentinamente invadiu-me de novo, como que para protestar, para se afirmar, para se desolar no silêncio, o sentimento trágico da minha vida, tão

violento, quase doloroso, e tão impetuoso que eu teria guinchado, se conseguisse guinchar como os animais. Recordo-me de que peguei na minha mão, na mão esquerda com a mão direita; quis levá-la à cabeça, e foi o que fiz. Porquê? Para atestar que estava vivo e achar isso admirável. Toquei na minha testa, nas minhas pálpebras. Apoderou-se de mim um arrepio. «Chegará um dia em que», pensei, «já não terei forças suficientes nem para levar aos meus lábios a água de que estarei sedento…» Entrei em casa, mas não me deitei logo; queria fixar aquela noite, impor a sua recordação ao meu pensamento, retê-la; indeciso em relação ao que fazer, peguei num livro na minha mesa — a Bíblia —, deixei que se abrisse ao calhas; debruçado na claridade da Lua, conseguia ler; li essas palavras de Cristo a Pedro, essas palavras, ai de mim!, que não voltaria a esquecer: «Agora, cinges-te a ti próprio e vais para onde queres ir; mas quando fores velho, estenderás as mãos…» Estenderás as mãos…

No dia seguinte, ao amanhecer, partimos.

VI

Não irei falar de todas as etapas da viagem. Algumas deixaram apenas uma recordação confusa; a minha saúde, ora melhor, ora pior, oscilava ainda com o vento frio, inquietava-se com a sombra de uma nuvem, e o meu estado nervoso desencadeava distúrbios frequentes; mas os meus pulmões, pelo menos, restabeleciam-se. Cada recaída era menos longa e séria; o seu ataque era igualmente intenso, mas o meu corpo armava-se melhor contra ela.

De Tunes, seguimos para Malta e depois para Siracusa; eu regressava à terra clássica cuja linguagem e cujo passado me eram conhecidos. Desde o início da minha doença, vivera sem exame, sem lei, aplicando-me simplesmente a viver, como faz o animal ou a criança. Presentemente menos absorvido pela doença, a minha vida voltou a tornar-se certa e consciente. Após essa longa agonia, acreditava ter renascido o mesmo que era dantes e que em breve ligaria o meu presente ao passado; na plena novidade de uma terra desconhecida, podia, assim, iludir-me; aqui, já não; aqui, tudo me revelava o que ainda era capaz de me surpreender: eu estava mudado.

Quando quis, em Siracusa e mais longe, retomar os meus estudos, voltar a mergulhar, como outrora, no exame minucioso do passado, descobri que qualquer coisa, se não suprimira, pelo menos me modificara o gosto por isso; era o sentimento do presente. A história do passado ganhava agora, aos meus olhos, essa imobilidade, essa

fixidez aterradora das sombras nocturnas no pequeno pátio de Biskra, a imobilidade da morte. Antes, deleitava-me com essa fixidez, que permitia a precisão do meu espírito; todos os factos da história me surgiam como as peças de um museu, ou melhor, as plantas de um herbário, cuja secura definitiva me ajudava a esquecer que um dia, enriquecidas pela seiva, tinham vivido debaixo do Sol. Agora, se ainda pudesse comprazer-me com a história, seria imaginando-a no presente. Os grandes feitos políticos deviam portanto emocionar-me muito menos do que a emoção que renascia em mim pelos poetas, ou por certos homens de acção. Em Siracusa, reli Teócrito, e pensei que os seus pastores com belos nomes eram os mesmos que eu amara em Biskra.

A minha erudição, que despertava a cada passo, estorvava-me, impedia a minha alegria. Não podia ver um teatro grego, um templo, sem logo o reconstruir abstractamente. De cada festa antiga, a ruína que restava em seu lugar deixava-me desolado por estar morta; e eu tinha horror à morte.

Cheguei a fugir das ruínas, a preferir aos mais belos momentos do passado esses jardins inferiores chamados Latomias, onde os limões têm a ácida doçura das laranjas, e as margens do Ciane, que, nos papiros, corre ainda tão azul como no dia em que chorou Prosérpina.

Cheguei a desprezar em mim essa ciência que ao início constituía o meu orgulho; esses estudos, que ao princípio eram toda a minha vida, já não pareciam ter mais do que uma relação absolutamente acidental e convencional comigo próprio. Enquanto especialista, achava-me estúpido. Enquanto homem, conhecer-me-ia? Estava simplesmente apenas a nascer e ainda não sabia quem era esse eu que nascia. Urgia descobri-lo.

Para aquele que foi tocado pela asa da morte, o que parecia importante já não o é; são-no outras coisas, que não pareciam importantes, ou que nem sequer se sabia que existiam. A acumulação, no nosso espírito, de todos os conhecimentos adquiridos escama-se como uma maquilhagem e, em certas zonas, deixa ver a nu a própria carne, o ser autêntico que se escondia.

Foi então *esse* que pretendi descobrir: o ser autêntico, o «velho homem», esse que o Evangelho já não queria; esse a quem tudo, em redor de mim, livros, mestres, parentes e eu próprio nos tínhamos, ao início, esforçado por suprimir. E ele aparecia-me já, graças à sobreposição de elementos, mais fruste e difícil de descobrir, e, por isso, tanto mais útil de descobrir e valoroso. Desprezei desde então esse ser secundário, assimilado, que a instrução desenhara por cima. Urgia sacudir essas sobreposições.

E comparava-me aos palimpsestos; saboreava a alegria do sábio que, debaixo de escrituras mais recentes, descobre num mesmo papel um texto antiquíssimo infinitamente mais precioso. Que texto oculto era esse? Para o ler, não era preciso primeiro apagar os textos recentes?

Do mesmo modo, eu já não era o ser enfermiço e estudioso a quem a minha moral precedente, completamente rígida e restritiva, convinha. Havia nisso mais do que uma convalescença; havia um aumento, uma recrudescência da vida, o afluxo de um sangue mais rico e mais quente que deveria alterar os meus pensamentos, alterá-los um a um, penetrar tudo, agitar, colorir as mais longínquas, delicadas e secretas fibras do meu ser. Pois crescemos, seja na robustez ou na fragilidade; o ser compõe-se segundo as forças que tem; mas e se elas aumentam, se permitem mais poder, e se… Eu

não acolhia então todos estes pensamentos, e este meu retrato que aqui pinto falseia-me. Para dizer a verdade, não pensava, não me examinava; guiava-me uma fatalidade feliz. Receava que um olhar demasiado apressado viesse importunar o mistério da minha lenta transformação. Era preciso dar tempo aos caracteres apagados para reaparecerem, não procurar formá-los. Deixando portanto o meu cérebro não ao abandono, mas em pousio, entreguei-me voluptuosamente a mim próprio, às coisas, ao todo, que me pareceu divino. Tínhamos deixado Siracusa, e eu corria na estrada íngreme que unia Taormina a La Môle, gritando, para o convocar em mim: «Um novo ser! Um novo ser!»

O meu único esforço, esforço ainda assim constante, era portanto o de sistematicamente infamar ou suprimir tudo o que julgava dever-se apenas à minha instrução passada e à minha primeira formação moral. Por resoluto desdém pela minha ciência, por desprezo pelos meus gostos de investigador, recusei ver Agrigento, e alguns dias mais tarde, na estrada que leva a Nápoles, não parei junto ao belo templo de Pesto, onde ainda respira a Grécia, e onde iria, dois anos depois, rezar já não sei a que deus.

Que quero eu dizer com «único esforço»? Poderia eu interessar-me por mim senão como um ser perfectível? Nunca a minha vontade se exaltara tanto como para atingir essa perfeição desconhecida e que eu confusamente imaginava; empregava essa vontade inteira para fortificar o meu corpo, para bronzeá-lo. Perto de Salerno, deixando a costa, chegámos a Ravello. Aí, o ar mais puro, a atracção das rochas cheias de esconderijos e de surpresas, a profundidade desconhecida dos pequenos vales ajudaram a minha força, a minha alegria, favoreceram o meu entusiasmo.

Mais próximo do céu do que afastado da costa, Ravello, numa altura abrupta, fica de frente para a longínqua e plana margem de Pesto. Era, sob o domínio normando, uma cidade quase importante; já não passa de uma aldeia estreita, onde éramos, creio, os únicos estrangeiros. Uma antiga casa religiosa, presentemente transformada em hotel, albergou-nos; situada na extremidade da rocha, os seus terraços e o seu jardim pareciam pender no azul. Para lá do muro carregado de pâmpanos, não se via, ao início, nada além do mar; era preciso aproximarmo-nos do muro para poder seguir a descida cultivada que, mais por escadas do que por atalhos, unia Ravello à costa. Por cima de Ravello, continuava a montanha. Enormes oliveiras, alfarrobeiras; às suas sombras, cíclames; mais acima, castanheiros em grande número, um ar fresco, plantas do Norte; mais abaixo, limoeiros junto ao mar. Estão ordenados em pequenos cultivos, por causa da inclinação do solo; são jardins em escada, quase iguais; uma álea estreita, no meio, atravessa-os de uma ponta à outra; entra-se neles sem ruído, como um ladrão. Sonha-se, debaixo dessa sombra verde; a folhagem é espessa, pesada; nem um simples raio a penetra; como gotas de cera espessa, os limões pendem, perfumados; à sombra, são brancos e esverdeados; estão ao alcance da mão, da sede; são doces, amargos; refrescam.

A sombra era tão densa, debaixo deles, que não ousava deter-me ali depois da caminhada que ainda me fazia transpirar. No entanto, as escadas já não me extenuavam; exercitava-me a subi-las de boca fechada; espaçava cada vez mais as minhas pausas, dizia para mim próprio: «Irei até ali sem fraquejar»; depois, chegado ao objectivo, encontrando no meu orgulho contente a minha recompensa,

respirava longa e fortemente, e de um modo que me parecia sentir o ar penetrar com maior eficácia no meu peito. Transferia para todos esses cuidados do corpo a minha assiduidade de outrora. Progredia.

Por vezes, admirava-me que a minha saúde se restabelecesse tão depressa. Chegava a crer que ao princípio exagerara a gravidade do meu estado; a duvidar de que tivesse estado muito doente, a rir do meu sangue cuspido, a lamentar que a minha cura não tivesse sido mais árdua.

Ao princípio, tratara-me como um tolo, ignorando as necessidades do meu corpo. Estudei-o pacientemente e tornei-me, quanto à prudência e aos cuidados, de uma habilidade tão constante que me divertia com isso como num jogo. Aquilo com que ainda sofria mais era a minha sensibilidade doentia com a menor mudança de temperatura. Atribuía, agora que os meus pulmões estavam curados, essa hiperestesia à minha debilidade nervosa, resquício da doença. Decidi que venceria isso. A vista das belas peles tisnadas e como que penetradas pelo Sol, que mostravam, ao trabalhar nos campos, a camisa aberta, alguns camponeses descompostos, incitava-me a deixar-me bronzear do mesmo modo. Uma manhã, tendo-me despido, observei-me; ver os meus braços demasiado magros, os meus ombros, que os maiores esforços não conseguiam fazer recuar, mas sobretudo a minha brancura, ou antes, a descoloração da minha pele, encheu-me de vergonha e de lágrimas. Tornei a vestir-me depressa e, em lugar de descer para Amalfi, como costumava fazer, dirigi-me para os rochedos cobertos de erva rasa e musgo, longe das habitações, longe das estradas, onde sabia não poder ser visto. Lá chegado, despi-me lentamente. O ar estava quase fresco, mas o Sol, ardente. Ofereci todo o meu corpo à sua chama. Sentei-

me, deitei-me, virei-me. Sentia debaixo de mim o solo duro; a agitação das ervas daninhas roçava-me. Se bem que ao abrigo do vento, arrepiava-me e palpitava a cada sopro. Em breve, envolveu-me um ardor delicioso; todo o meu ser afluía à minha pele.

Ficámos quinze dias em Ravello; todas as manhãs, regressava a esses rochedos, fazia a minha cura. Em breve, o excesso de roupa com que ainda me cobria tornou-se incómodo e supérfluo; a minha epiderme tonificada deixou de transpirar incessantemente e soube proteger-se com o seu próprio calor.

Na manhã de um dos últimos dias (estávamos a meio de Abril), ousei ainda mais. Numa anfractuosidade dos rochedos de que falo, corria uma fonte clara. Caía ali mesmo em cascata, muito pouco abundante, é verdade, mas encovara debaixo da cascata uma bacia mais profunda onde a água puríssima se detinha. Por três vezes, chegara lá, debruçara-me, estendera-me na berma, cheio de sede e desejos; contemplara demoradamente o fundo da rocha polida, onde não se encontrava qualquer mácula, qualquer erva, onde o Sol, vibrante e matizado, penetrava. Ao quarto dia, avancei, previamente decidido, até à água, mais clara do que nunca, e, sem mais reflectir, mergulhei nela de uma só vez. Imediatamente enregelado, saí da água, estendi-me na erva, ao sol. Aí, as hortelãs cresciam, odoríferas; colhi-as, amarfanhei as folhas, rocei-as no meu corpo todo, húmido, mas ardente. Observei-me detidamente, já sem qualquer vergonha, com alegria. Achava-me não ainda robusto, mas podendo sê-lo, harmonioso, sensual, quase belo.

VII

Assim, ocupava todas as minhas acções e trabalho com exercícios físicos que, embora contribuíssem para alterar a minha moral, não me pareciam já senão um treino, um meio, e já não me satisfaziam por si sós.

Outro acto, talvez ridículo aos vossos olhos, mas que, ainda assim, decido contar, pois pormenoriza, na sua puerilidade, a necessidade que me atormentava de manifestar exteriormente a mudança íntima do meu ser: em Amalfi, mandei cortar a minha barba.

Até esse dia, usara a barba grande, com os cabelos quase rapados. Não me vinha à ideia que podia apresentar-me de modo diferente. E subitamente, no dia em que me pus, pela primeira vez, nu em cima da rocha, essa barba incomodou-me; era como uma última vestimenta de que eu não podia libertar-me; sentia-a como que postiça; estava cuidadosamente aparada, não em ponta, mas com uma forma quadrada, que logo me pareceu muito desagradável e ridícula. Regressando ao quarto do hotel, olhei-me no espelho e não gostei do que vi; tinha o ar daquilo que fora até então: um aluno da École des Chartes. Logo a seguir ao almoço, desci até Amalfi, com a minha resolução tomada. A cidade é pequeníssima: tive de me contentar com uma vulgar quitanda na praça. Era dia de mercado; a barraca estava cheia; tive de esperar interminavelmente; mas nada, nem as navalhas sujas, o pincel amarelo, o odor, os ditos do barbeiro conseguiram fazer-me recuar. Sentindo a minha barba a cair debaixo da tesoura, era como se retirasse a máscara. Pouco

importa! Quando depois me vi, a emoção que me preencheu e que reprimi o melhor que pude não foi a alegria, mas o medo. Não discuto esse sentimento; constato-o. Achava os meus traços bastante bonitos. Não, o medo vinha-me de me parecer que pudessem ver a nu o meu pensamento, o qual, subitamente, me parecia perigoso.

Em compensação, deixei crescer o cabelo.

Eis tudo o que o meu novo ser, ainda desocupado, encontrava para fazer. Pensava que dele nasceriam actos espantosos para mim próprio; mas mais tarde; «mais tarde», dizia para comigo, «quando o ser estiver mais formado». Forçado a viver à espera, conservava, como Descartes, um modo provisório de agir. Marceline pôde assim iludir-se. A mudança do meu olhar, é verdade, e sobretudo o dia em que apareci sem barba, a expressão nova dos meus traços talvez a tenham inquietado, mas amava-me já demasiado para me ver correctamente; além disso, dava o meu melhor para a serenar. Era importante que ela não perturbasse o meu renascimento; para o desviar da sua atenção, precisava, portanto, de dissimular.

Do mesmo modo, aquele que Marceline amava, aquele que ela desposara não era o meu «novo ser». E eu repetia-o para mim mesmo, a fim de me motivar a escondê-lo. Assim, entregava-lhe de mim apenas uma imagem que, para ser constante e fiel ao passado, se tornava a cada dia mais falsa.

As minhas relações com Marceline mantinham-se então, nessa espera, as mesmas — ainda que mais exaltadas a cada dia por um amor sempre maior. A minha própria dissimulação (se se puder chamar assim à necessidade de preservar o meu pensamento do seu julgamento) aumentava. O que quero dizer é que esse jogo

ocupava-me incessantemente com Marceline. Talvez esse constrangimento à mentira ao início me tenha custado um pouco; mas logo compreendi que as coisas reputadas como as piores (a mentira, para citar apenas uma) só são difíceis de fazer a primeira vez; mas que se tornam todas, e muito depressa, fáceis, aprazíveis, agradáveis de repetir e, pouco depois, como que naturais. Deste modo, conforme acontece com todas as coisas em que uma primeira repulsa é vencida, acabei por encontrar prazer nessa dissimulação, a deter-me nela, tal como no jogo das minhas faculdades desconhecidas. E todos os dias avançava, numa vida mais rica e plena, na direcção de uma felicidade mais saborosa.

VIII

A estrada de Ravello a Sorrento é tão bela que, naquela manhã, não aspirava a ver nada de mais belo sobre a terra. A aspereza quente da rocha, a abundância do ar, os aromas, a limpidez, tudo me preenchia com o encanto adorável de viver e bastava-me, de tal modo que nada senão uma leve alegria parecia habitar em mim; recordações ou remorsos, esperança ou desejo, futuro ou passado guardavam silêncio; da vida, já só conhecia aquilo que o instante trazia e levava.

— Oh, alegria física! — exclamava. — Ritmo seguro dos meus músculos! Saúde!

Saí de manhã cedo, antecedendo Marceline, cuja alegria demasiado calma teria atenuado a minha, tal como o seu passo teria retardado o meu. Juntar-se-ia a mim com a carruagem, em Positano, onde devíamos almoçar.

Aproximava-me de Positano quando um som de rodas, formando o baixo de um estranho canto, me fez virar de repente. E primeiro não consegui ver nada, por causa de uma curva da estrada que bordeja, nesse local, a falésia; depois, bruscamente, surgiu uma carruagem a uma velocidade excessiva; era a de Marceline. O cocheiro cantava numa voz muito alta, fazia grandes gestos, punha-se de pé no seu lugar, chicoteava ferozmente o cavalo enlouquecido. Que besta! Passou à minha frente e mal tive tempo para me desviar, nem parou ao meu chamamento… Lancei-me: mas a carruagem ia

demasiado depressa. Temia simultaneamente ver Marceline a saltar de repente ou a ficar na carruagem; um sobressalto do cavalo poderia precipitá-la no mar. De súbito, o cavalo tomba. Marceline desce, quer fugir; mas já estou ao pé dela. O cocheiro, assim que me vê, acolhe-me com injúrias horríveis. Sentia-me furioso com aquele homem; ao seu primeiro insulto, lancei-me a ele e atirei-o assento abaixo. Rebolei no chão com ele, mas não perdi a vantagem; ele parecia atordoado com a queda, e logo depois ficou-o ainda mais com o soco que lhe dei em cheio na cara, quando vi que queria morder-me. Apesar disso, não o larguei, carregando-lhe com o joelho no peito e tentando dominar-lhe os braços. Olhava para a sua figura hedionda, que o meu punho acabava de desfigurar ainda mais; ele cuspia, babava-se, sangrava, praguejava, ah!, ser horrível! Sinceramente, estrangulá-lo parecia-me legítimo; e talvez o tivesse feito… pelo menos, senti-me capaz disso; e creio que só a perspectiva da polícia me deteve.

Cheguei, com alguma dificuldade, a atar solidamente os pés e as mãos do enraivecido. Como a um saco, atirei-o para dentro da carruagem.

Ah! Que olhares e beijos Marceline e eu trocámos depois. O perigo não fora grande; mas tivera de mostrar a minha força, e isso para a proteger. Naquele momento, parecera-me que poderia dar a minha vida por ela… e dá-la com alegria… O cavalo tinha-se levantado. Deixando o fundo da carruagem para o bêbedo, subimos ambos para o assento e, conduzindo o melhor que consegui, chegámos a Positano, depois a Sorrento.

Foi nessa noite que possuí Marceline.

Já o compreenderam ou devo contar-vos que eu era como que um

novato nas coisas do amor? Talvez seja à sua novidade que a nossa noite de núpcias deva a sua graça… Pois parece-me, recordando-me agora, que essa primeira noite foi a única, de tal modo a expectativa e a surpresa do amor acrescentam delícias à volúpia — de tal modo basta uma só noite ao maior dos amores para que se exprima, e de tal modo a minha recordação se obstina em recordar unicamente essa. Foi um riso momentâneo, no qual as nossas almas se confundiram… Mas creio que há um ponto no amor, único, que a alma, mais tarde, ah!, em vão, procura ultrapassar; que o esforço que faz para ressuscitar a sua felicidade a desgasta; que nada impede tanto a felicidade como a recordação da felicidade. Ai! Recordo-me dessa noite…

O nosso hotel situava-se fora da cidade, rodeado de jardins, de pomares; um larguíssimo balcão prolongava o nosso quarto; era roçado pelos ramos. A alvorada entrou livremente pela nossa janela escancarada. Levantei-me devagar e debrucei-me ternamente para Marceline. Dormia; parecia sorrir a dormir. Pareceu-me, por estar mais forte, que a sentia mais delicada e que a sua graça era uma fragilidade. Tumultuosos pensamentos vieram remoinhar-me na cabeça. Pensei que ela não me mentia, dizendo que eu era tudo para ela; logo a seguir: «Mas que faço eu pela alegria dela? Deixo-a sozinha quase todos os dias, e durante todo o dia; ela espera tudo de mim, e eu abandono-a! Ah!… pobre, pobre Marceline!…» Os meus olhos enchiam-se de lágrimas. Em vão, procurei na minha debilidade passada como que uma escusa; necessitaria eu agora de todos os seus cuidados constantes e do meu egoísmo? Não era eu, nesse momento, mais forte do que ela?…

O sorriso abandonara-lhe a face; a aurora, apesar de dourar todas

as coisas, subitamente fez-me vê-la triste e pálida; e talvez a aproximação da manhã me dispusesse à angústia: «Deveria ser a minha vez, um dia, de cuidar de ti?, inquietar-me por ti, Marceline?», exclamei interiormente. Estremeci; e, completamente transido de amor, de piedade, de ternura, pousei suavemente entre os seus olhos fechados o mais terno, o mais amoroso e o mais piedoso dos beijos.

IX

Os poucos dias que vivemos em Sorrento foram risonhos e muito calmos. Experimentara eu alguma vez tal repouso, tal felicidade? Experimentaria, daqui para a frente, outros iguais?… Estava sempre ao pé de Marceline; ocupando-me menos de mim, ocupava-me mais dela, encontrava, ao falar com ela, a alegria que nos dias antecedentes eu conquistava ao calar-me.

Primeiro, fiquei admirado por sentir que a nossa vida errante, na qual eu julgava satisfazer-me plenamente, não lhe agradava senão enquanto estado provisório; mas imediatamente se me revelou a ociosidade dessa vida; assumi que ela deveria ter um prazo e, pela primeira vez, ao renascer em mim, a partir da própria desocupação em que me deixava a minha saúde restabelecida, um desejo de trabalho, falei seriamente em regressar; com a alegria que mostrou Marceline, compreendi que ela pensava nisso há muito tempo.

Entretanto, os trabalhos de história em que recomeçara a pensar não me davam o mesmo gosto. Já vo-lo disse: desde a minha doença, o conhecimento abstracto e neutro do passado parecia-me vão, e se outrora pudera ocupar-me com pesquisas filológicas, empenhando-me, por exemplo, em precisar a parte da influência gótica na deformação da língua latina, e negligenciando, menosprezando as figuras de Teodorico, de Cassiodoro, de Amalasunta e as suas paixões admiráveis para não me exaltar com mais do que os sinais e os resíduos das suas vidas, sentia agora que

esses mesmos sinais e a filologia no seu todo não eram para mim mais do que um meio para penetrar melhor naquilo cuja selvagem magnitude e nobreza me havia sido revelada. Resolvi ocupar-me mais dessa época, limitar-me por um tempo aos derradeiros anos do império dos godos e aproveitar a nossa próxima passagem em Ravena, teatro da sua agonia.

Mas, confessá-lo-ei, a figura do jovem rei Atalarico era a que mais me atraía. Imaginava essa criança de quinze anos, secretamente incitada pelos godos a revoltar-se contra a sua mãe Amalasunta, a insurgir-se contra a sua educação latina, a rejeitar a cultura como um cavalo os arreios incómodos e, preferindo a convivência dos godos incivilizados à do muito ponderado e velho Cassiodoro, a gozar, durante alguns anos, com os rudes favoritos do seu lado, uma vida violenta, voluptuosa e desenfreada, para morrer aos dezoito anos, completamente derrancado, ébrio de devassidão. Reencontrei nesse trágico ímpeto na direcção de um estado selvagem e intacto algo daquilo a que Marceline apelidava, a sorrir, «a minha crise». Procurava uma satisfação em que aplicar pelo menos o meu espírito, visto que já não ocupava o meu corpo; e, da morte assustadora de Atalarico, dava o meu melhor para me persuadir de que era preciso extrair uma lição.

Antes de Ravena, onde então ficaríamos durante quinze dias, veríamos rapidamente Roma e Florença, depois, deixando Veneza e Verona, apressaríamos o fim da viagem para já só parar em Paris. Eu encontrava um prazer absolutamente novo em falar do futuro com Marceline; havia ainda uma certa indecisão quanto ao uso que daríamos ao Verão; ambos cansados de viagens, não queríamos tornar a partir; eu desejava a maior das tranquilidades para os meus

estudos; e pensámos numa grande propriedade entre Lisieux e Pont-l'Évêque, na mais verde Normandia — propriedade que outrora pertencia à minha mãe, onde passara com ela alguns dos verões da minha infância, mas onde eu não regressara desde a sua morte. O meu pai confiara a manutenção e a vigilância a um guarda, agora idoso, que cobrava e nos enviava regularmente as rendas. Uma grande e muito agradável casa, num jardim recortado por correntes de água, deixara-me uma recordação encantadora; chamava-se La Morinière; parecia-me que seria bom ficar por lá.

O Inverno seguinte, eu falava em passá-lo em Roma; como trabalhador, já não como viajante, dessa vez. Mas depressa este último projecto foi revertido: entre a importante correspondência que há muito tempo nos esperava em Nápoles, uma carta comunicava-me subitamente que, encontrando-se vaga uma cátedra no Colégio de França, o meu nome fora várias vezes pronunciado; não passava de uma substituição, mas que, para o futuro, me forneceria precisamente uma maior liberdade; o amigo que me informava disso indicava-me, se o quisesse aceitar, alguns procedimentos fáceis de efectuar e incitava-me fortemente a tal. Eu hesitava, vendo naquilo, ao início, sobretudo uma escravidão; depois, pensei que poderia ser interessante expor, num curso, os meus trabalhos sobre Cassiodoro… O prazer que daria a Marceline, no fim de contas, fez-me decidir. E assim que tomei a minha decisão, já não lhe vi senão a vantagem.

No mundo académico de Roma e de Florença, o meu pai mantivera diversas relações com as quais eu próprio entrei em correspondência. Deram-me todos os meios para fazer as pesquisas que queria, em Ravena e noutros lugares; eu só pensava em

trabalho. Marceline empenhava-se em ser-lhe favorável através de mil cuidados encantadores e amabilidades.

A nossa felicidade, durante esse final de viagem, foi tão constante, tão calma que não há nada a relatar. As mais belas obras dos homens são obstinadamente dolorosas. Que seria o relato da felicidade? Nada, a não ser aquilo que a prepara e depois o que a destrói, é passível de ser contado. — E agora já vos disse tudo aquilo que a preparou.

SEGUNDA PARTE

I

Chegámos à La Morinière nos primeiros dias de Julho, não tendo demorado em Paris senão o tempo estritamente necessário para os nossos aprovisionamentos e algumas raras visitas.

La Morinière, como vos disse, situa-se entre Lisieux e Pont-l'Évêque, na região mais umbrosa, mais chuvosa que conheço. Múltiplos vales, estreitos e suavemente curvados, desembocam não longe do larguíssimo vale de Auge, que se aplana de uma só vez até ao mar. Nenhum horizonte; bosques cheios de mistério; alguns campos, mas sobretudo prados, pastios de suaves declives, cuja erva espessa é cortada duas vezes por ano, onde inúmeros pomares, quando o Sol está baixo, acrescentam a sua sombra, onde pastam rebanhos livres; em cada cavidade, água, charco, pântano ou ribeira; ouvem-se fluxos contínuos.

Ah! Como reconheci bem a casa! Os seus telhados azuis, as suas paredes de tijolo e de pedra, os seus fossos, os reflexos das águas estagnadas… Era uma velha casa onde se poderia alojar mais de doze pessoas; Marceline, três criados e eu próprio, que por vezes ajudava, conseguíamos com muito esforço animar uma parte. O nosso velho guarda, que se chamava Bocage, já mandara preparar o melhor possível algumas peças: os velhos móveis acordaram do seu sono de vinte anos; tudo ficara tal como a minha recordação o via, os lambris nada deteriorados, os quartos perfeitamente habitáveis. Para melhor nos acolher, Bocage enchera de flores todos os vasos

que encontrou. Mandara escardilhar e ancinhar o grande pátio e as áleas mais próximas do parque. A casa, quando chegámos, recebia o derradeiro raio do Sol, e, do vale à sua frente, uma bruma imóvel que subia velava e revelava a ribeira. Ainda antes de chegar, reconheci de súbito o odor da erva; e quando ouvi de novo girarem em torno da casa os gritos agudos das andorinhas, todo o passado, de súbito, se ergueu, como se me esperasse e, reconhecendo-me, quisesse tornar a fechar-se à minha aproximação.

Ao fim de alguns dias, a casa tornou-se quase confortável; teria podido lançar-me ao trabalho; tardava, escutando ainda recordar-se minuciosamente em mim o meu passado, logo depois ocupado por uma emoção extremamente nova: Marceline, uma semana após a nossa chegada, confessou-me estar grávida.

Pareceu-me, dado que lhe devia novos cuidados, que ela teria direito a mais ternura; pelo menos nos primeiros tempos que se seguiram à sua confidência, passei então junto a ela quase todos os momentos do dia. Íamos sentar-nos perto do bosque, no banco onde outrora eu me sentava com a minha mãe; aí, mais voluptuosamente se nos apresentava cada instante, mais insensivelmente corriam as horas. Se dessa época da minha vida não se destaca nenhuma recordação distinta, não é por guardar dela um reconhecimento menos vivo — mas antes porque tudo se mesclava, se fundia num bem-estar uniforme, a noite unindo-se à manhã sem problemas, os dias ligando-se aos dias sem surpresas.

Retomei lentamente o meu trabalho, de espírito calmo, com disposição, seguro da sua força, olhando para o futuro com confiança e sem ardor, a vontade como que suavizada, e como que escutando o conselho dessa terra temperada.

«Sem dúvida que o exemplo desta terra», pensava eu, «onde tudo se prepara para o fruto, para a colheita útil, deverá ter sobre mim a melhor das influências.» Admirava o futuro tranquilo que prometiam esses bois robustos, essas vacas maciças naquelas opulentas pradarias. Os pomares ordenadamente plantados nas encostas favoráveis das colinas anunciavam para esse Verão colheitas soberbas; eu sonhava que uma rica carga de frutos em breve lhes vergaria os ramos. A partir dessa abundância ordenada, dessa alegre submissão, desses cultivos sorridentes, estabelecia-se uma harmonia já não fortuita, mas ditada, um ritmo, uma beleza ao mesmo tempo humana e natural, em que já não se sabia o que se admirava, tão confusos eram num perfeitíssimo entendimento o rebentamento fecundo da natureza livre e o intrincado esforço do homem para a regrar. «Que seria esse esforço», pensava eu, «sem a poderosa selvajaria que ele domina? Que seria o selvagem ímpeto dessa seiva transbordante sem o esforço inteligente que o represa e que, rindo, o conduz ao luxo?» — E abandonava-me a sonhar com terras onde todas as forças fossem tão bem regradas, todos os gastos tão bem compensados, todas as trocas tão estritas que a menor perda seria perceptível; depois, aplicando o meu sonho à vida, edificava para mim uma ética que se tornava uma ciência da perfeita utilização de si próprio através de um constrangimento inteligente.

Onde se enfiavam, onde se escondiam então as minhas turbulências da véspera? Parecia-me, tão calmo estava, que nunca tinham existido. A onda do meu amor cobrira-as a todas…

Durante esse tempo, em redor de nós, Bocage era excessivamente solícito; dirigia, vigiava, aconselhava; sentia-se demasiado a sua necessidade de parecer indispensável. Para o não ofender, era

preciso examinar as suas contas, escutar atentamente as suas explicações infinitas. Mesmo isso não lhe bastava; tive de o acompanhar nas terras. A sua sentenciosa probidade, os seus contínuos discursos, a evidente satisfação consigo mesmo, a exibição que fazia da sua honestidade, ao fim de pouco de tempo, exasperaram-me; tornava-se cada vez mais insistente, e todos os meios me teriam parecido bons para reconquistar as minhas asas — quando um acontecimento inesperado conferiu um carácter diferente à nossa relação: Bocage, certa noite, anunciou-me que esperava o seu filho Charles no dia seguinte.

Eu disse:

— Ah! — quase indiferente, não me tendo, até então, preocupado muito com os filhos que Bocage pudesse ter.

Depois, vendo que a minha indiferença o afectava, que ele esperava de mim qualquer coisa marcada pelo interesse e pela surpresa, perguntei:

— Então onde é que ele está agora?

— Numa escola agrícola ao pé de Alençon — respondeu Bocage.

— Ele agora deve ter para aí… — continuei, calculando a idade desse filho cuja existência eu ignorara até então e falando com suficiente lentidão para lhe dar tempo de me interromper…

— Dezassete anos feitos — continuou Bocage. — Não tinha muito mais do que quatro anos quando a senhora sua mãe morreu. Ah! Está um rapagão, agora; não tarda sabe mais do que o pai… — E Bocage, uma vez lançado, ninguém o podia parar, por mais evidente que fosse o meu cansaço.

No dia seguinte, já eu não pensava nisto, quando Charles, lá para o fim do dia, acabado de chegar, veio apresentar os seus respeitos a

mim e a Marceline. Era um belo rapazote, tão saudável, tão ágil, tão bem feito que as detestáveis roupas da cidade que pusera em nossa honra não conseguiam torná-lo ridículo; apenas a timidez aumentava o seu belo rubor natural. Parecia não ter mais do que quinze anos, de tal modo a cor do seu olhar se mantivera infantil; exprimia-se muito claramente, desembaraçado, e, contrariamente ao pai, não falava para não dizer nada. Já não sei que palavras trocámos nesse primeiro fim de tarde; ocupado a olhar para ele, não encontrava nada que lhe dizer e deixei que Marceline lhe falasse. Mas no dia seguinte, pela primeira vez, não esperei que Bocage me viesse buscar para subir à quinta, onde sabia que os trabalhos tinham começado.

Tratava-se de reparar um lago artificial. Esse lago, grande como um tanque, tinha uma fuga; sabia-se o lugar dessa fuga e era preciso cimentá-lo. Para isso, devia-se começar por esvaziar o lago, o que não se fazia há quinze anos. Carpas e tencas abundavam, algumas muito grandes, que não abandonavam o fundo. Estava desejoso de as ambientar nas águas dos fossos e de as dar aos trabalhadores, de modo que o prazer de uma pesca se juntava desta vez ao trabalho, tal como o anunciava a extraordinária animação da quinta; tinham vindo algumas crianças dos arredores, misturando-se com os trabalhadores. Até Marceline deveria juntar-se a nós um pouco mais tarde.

A água já baixava há muito tempo quando cheguei. Por vezes, uma grande tremura enrugava de súbito a superfície, e os dorsos castanhos dos peixes inquietos transpareciam. Nos charcos da borda, algumas crianças chapinhavam e capturavam peixe miúdo, brilhante, que atiravam para baldes cheios de uma água

transparente. A água do lago, cujo tumulto piorava com a agitação dos peixes, estava terrosa e cada vez mais opaca. Os peixes abundavam para lá de tudo o que era esperado; quatro moços de quinta apanhavam-nos, mergulhando a mão ao calhas. Lamentei a demora de Marceline e decidi ir correr à procura dela quando alguns gritos anunciaram as primeiras enguias. Não se conseguia apanhá-las; deslizavam entre os dedos. Charles, que até então ficara ao pé do pai, na margem, não resistiu mais; tirou bruscamente os sapatos, as meias, despiu o casaco e a camisola, e depois, arregaçando muito as calças e as mangas da camisa, entrou destemidamente na vasa. Imitei-o prontamente.

— Ora bem, Charles! — exclamei. — Não fez bem em ter voltado ontem?

Não respondeu, mas olhou para mim enquanto se ria, já bastante ocupado com a sua pesca. Chamei-o logo para me ajudar a cercar uma grande enguia; uníamos as nossas mãos para a apanhar… Então, depois dessa, apanhámos outra; a vasa salpicava-nos a cara; por vezes, afundávamo-nos de repente e a água subia-nos até às coxas; em breve, ficámos encharcados. No ardor do jogo, trocávamos apenas alguns berros, algumas frases; mas, no fim do dia, apercebi-me de que tratava Charles por tu, sem saber bem quando o começara. Essa acção comum ensinara-nos mais um sobre o outro do que o poderia ter feito uma longa conversa. Marceline ainda não viera, e de facto não veio, mas eu já não lamentava a sua ausência; parecia-me que teria incomodado um pouco a nossa alegria.

Logo no dia seguinte, saí para me encontrar com Charles na quinta. Dirigimo-nos para o bosque.

Eu, que conhecia mal as terras e me preocupava pouco em conhecê-las melhor, fiquei extremamente admirado por ver que Charles as conhecia muitíssimo bem, assim como à distribuição das rendas; informou-me, e disso eu apenas suspeitava, de que eu tinha seis rendeiros, de que eu podia ganhar entre dezasseis e dezoito mil francos com as rendas e de que se mal chegava a ganhar metade disso era porque se gastava quase tudo em reparações de toda a espécie e em pagamentos aos intermediários. Certos sorrisos seus ao examinar os cultivos cedo me fizeram duvidar de que a exploração das minhas terras fosse tão excelente como eu acreditara ao início e como Bocage mo dava a entender; empurrei Charles para esse assunto, e essa inteligência absolutamente prática, que me exasperava em Bocage, naquele rapaz conseguiu divertir-me. Repetimos, dia após dia, os nossos passeios; a propriedade era vasta, e quando já tínhamos explorado todos os cantos, recomeçámos com mais método. Charles não me dissimulava a irritação que lhe causava a vista de certos campos mal cultivados, de espaços atulhados de giestas, de cardos, de azedas; conseguiu fazer-me partilhar desse ódio pelo alqueive e sonhar com cultivos mais bem organizados.

— Mas — perguntava-lhe eu ao início — quem é que fica prejudicado com este sustento medíocre? Só o rendeiro, não é verdade? Pode variar o rendimento da sua quinta, mas não faz variar o preço de arrendamento.

E Charles irritava-se um pouco:

— Você não percebe nada disto — permitia-se responder-me, e eu sorria logo. — Considerando apenas o rendimento, não quer reparar

que o capital se deteriora. As suas terras, ao serem imperfeitamente cultivadas, perdem lentamente o seu valor.

— Se pudessem ser mais bem cultivadas, render mais, duvido de que o rendeiro não se aplicasse nisso; sei que ele é demasiado interesseiro para não colher tudo o que pode.

— Está a fazer as contas — continuava Charles — sem o aumento da mão-de-obra. Estas terras, por vezes, estão longe das quintas. Ao serem cultivadas, não renderiam nada ou quase nada, mas pelo menos não se deterioravam.

E a conversa continuava. Por vezes, durante uma hora, e enquanto percorríamos, a passos largos, os campos, parecíamos tornar a discutir as mesmas coisas: mas eu escutava e, a pouco e pouco, instruía-me.

— No fim de contas, isto compete ao teu pai — disse-lhe um dia, enfadado.

Charles corou um pouco:

— O meu pai está velho — disse ele. — Já há muito a fazer em vigiar a execução dos contratos de arrendamento, a manutenção das estruturas, a cobrança das rendas. A missão dele aqui não é a de reformar.

— Que reformas proporias? — continuei.

Mas ele, então, esquivava-se, afirmava não ter competência para isso; só com muita insistência o forçava a explicar-se.

— Retirar aos rendeiros todas as terras que deixam incultas — acabava por aconselhar. — Se os rendeiros deixam uma parte dos seus campos em pousio, é a prova de que têm de sobra para lhe pagar; ou, se querem guardar tudo, subir os preços das rendas. São todos preguiçosos nesta terra — acrescentava.

Das seis quintas que se considerava serem minhas, aquela para onde eu ia com mais vontade situava-se na colina que dominava La Morinière; chamavam-lhe La Valterie; o rendeiro que a ocupava não era desagradável; dava-me gosto falar com ele. Mais perto da La Morinière, uma quinta apelidada «a quinta do Castelo» estava arrendada a meias, o que deixava Bocage, no lugar do proprietário ausente, detentor de uma parte do gado. Agora que a desconfiança tinha nascido, começava a suspeitar de que o honesto Bocage, ele próprio, se não me enganava, pelo menos deixava que outros me enganassem. Reservavam-me, é verdade, uma cavalariça e um estábulo, mas logo me pareceu que só serviam para o rendeiro alimentar as suas vacas e os seus cavalos com a minha aveia e o meu feno. Escutara benevolamente até então as mais inverosímeis notícias que Bocage, de tempos a tempos, me dava: mortalidades, malformações, doenças, eu acreditava em tudo. Que bastava que uma das vacas do rendeiro caísse doente para que ela se tornasse uma das minhas vacas, eu ainda não pensara que isso fosse possível; nem que bastava que uma das minhas vacas andasse muito bem para se tornar na vaca do rendeiro; contudo, alguns comentários imprudentes de Charles, algumas observações pessoais começaram a esclarecer-me; o meu espírito, uma vez advertido, trabalhou depressa.

Marceline, advertida por mim, verificou minuciosamente todas as contas, mas não conseguiu encontrar nenhum erro; a honestidade de Bocage refugiava-se nelas. Que fazer? Deixar andar. Mas pelo menos, secretamente irritado, agora eu vigiava os animais, sem, no entanto, deixar que isso se notasse demasiado.

Tinha quatro cavalos e dez vacas; era o suficiente para me

atormentar profundamente. De entre os meus quatro cavalos, havia um a que ainda chamavam «o poldro», se bem que já tivesse três anos; andavam agora a adestrá-lo; começava a interessar-me por esse trabalho, quando, um belo dia, vieram declarar-me que ele era completamente intratável, que nunca poderiam fazer nada dele e que o melhor era desembaraçar-me do cavalo. Como se eu tivesse querido duvidar, fizeram-no quebrar a dianteira de uma pequena carreta e ensanguentar os curvejões.

Tive, nesse dia, dificuldade em manter a calma, e o que me conteve foi o incómodo de Bocage. «Apesar de tudo, há nele mais fraqueza do que má vontade», pensei; «a culpa é dos empregados; mas o problema é que não estão a ser bem geridos.»

Saí para o pátio, na direcção do poldro. Assim que me ouviu a aproximar-me, um criado que lhe batia acariciou-o; fiz como se nada tivesse visto. Não sabia grande coisa acerca de cavalos, mas aquele poldro parecia-me bonito; era um meio-sangue baio de formas notavelmente elegantes; tinha um olhar muito vivo; a crineira, tal como a cauda, quase loura. Assegurei-me de que não estava ferido, exigi que lhe cuidassem das escoriações e fui-me embora sem uma palavra.

À noite, assim que encontrei Charles, tratei de saber o que ele pensava do poldro.

— Acho-o muito brando — disse-me. — Mas eles não sabem lidar com ele; vão torná-lo violento.

— Como é que lidarias com ele?

— O senhor quer confiar-mo durante oito dias? Responsabilizo-me por ele.

— E que lhe vais fazer?

— Verá…

No dia seguinte, Charles levou o poldro para um recanto da pradaria que uma nogueira soberba sombreava e que a ribeira contornava; dirigi-me para lá, acompanhado por Marceline. É uma das minhas mais vivas recordações. Charles atara o poldro, com uma corda de alguns metros, a uma estaca solidamente fixada no solo. O poldro, extremamente nervoso, tinha-se, ao que parecia, debatido fogosamente durante algum tempo; agora, serenado, cansado, andava à roda de um modo mais calmo; o seu trote, de uma elasticidade surpreendente, era agradável de se ver e seduzia como uma dança. Charles, no centro do círculo, evitando a cada volta a corda com um salto brusco, excitava-o ou acalmava-o com a fala; segurava na mão um grande chicote, mas não o vi servir-se dele. Tudo, no seu ar e nos seus gestos, através da sua juventude e da sua alegria, dava a esse trabalho o belo aspecto ardente do prazer. Bruscamente, e sem que eu saiba como, montou o animal; o cavalo tinha afrouxado o passo, depois parara; ele acariciara-o um pouco, depois, de súbito, vi-o em cima dele, agarrando-se apenas à crineira, rindo, debruçado, prolongando a carícia. O poldro não tinha escoucinhado mais do que um instante; agora, retomava o seu trote constante, tão belo, tão ágil que eu invejava Charles, e disse-lhe:

— Mais alguns dias a adestrá-lo e a sela deixa de o irritar; em duas semanas, até a senhora terá coragem de o montar: vai ficar dócil como um cordeiro.

Dizia a verdade; alguns dias depois, o cavalo deixou-se afagar, selar e conduzir sem desconfiança; e até Marceline o teria montado, se o seu estado lhe permitisse esse exercício.

— O senhor devia experimentá-lo — disse-me Charles.

Nunca o teria feito sozinho; mas Charles propôs selar outro cavalo da quinta; o prazer de o acompanhar conquistou-me.

Como fiquei agradecido à minha mãe por me ter levado ao manejo durante a minha primeira juventude! Serviu-me a longínqua recordação dessas primeiras lições. Não fiquei admirado por estar a montar a cavalo; ao fim de uns momentos, já não tinha qualquer receio e sentia-me à vontade. O cavalo que Charles montava era mais pesado, sem raça, mas nada desagradável de observar; sobretudo, Charles montava-o muitíssimo bem. Ganhámos o hábito de sair um pouco todos os dias; de preferência, partíamos de manhã cedo, para as ervas brilhantes do orvalho; íamos até ao limiar dos bosques; aveleiras a escorrer, sacudidas com a nossa passagem, encharcavam-nos; de repente, o horizonte abria-se; era o vasto vale de Auge; ao longe, adivinhava-se o mar. Parávamos um instante, sem descer; o sol nascente coloria, afastava, dispersava as brumas; depois, tornávamos a partir a trote largo; detínhamo-nos na quinta; o trabalho ainda mal começava; saboreávamos essa alegria orgulhosa de nos anteciparmos e dominarmos os trabalhadores; depois, subitamente, deixávamo-los; eu voltava à La Morinière, no momento em que Marceline se levantava. Entrava em casa ébrio de ar, aturdido de velocidade, os membros entorpecidos por uma voluptuosa lassidão, o espírito cheio de saúde, de apetite, de frescura. Marceline aprovava, encorajava a minha fantasia. Ao entrar em casa, ainda polainado, levava para a cama onde ela se demorava à minha espera um odor a folhas molhadas que lhe agradava, segundo me dizia. E ela escutava a minha descrição da nossa corrida, do despertar dos campos, do recomeço do trabalho… Ficava tão alegre, parecia, por me sentir viver como a viver ela própria. —

Em breve, também abusei dessa alegria; os nossos passeios alongaram-se, e por vezes regressava a casa já para lá do meio-dia.

Entretanto, fazia os possíveis para reservar o fim do dia e o início da noite para a preparação do meu curso. O meu trabalho avançava; estava satisfeito com ele e não considerava impossível que mais tarde valesse a pena reunir as minhas lições num volume. Por uma espécie de reacção natural, enquanto a minha vida se organizava, se regularizava, e enquanto eu me aprazia a regularizar e a organizar todas as coisas à minha volta, apaixonava-me cada vez mais pela ética fruste dos godos, e enquanto, ao longo do meu curso, me ocupava, com um atrevimento de que fui, no seguimento, bastante censurado, em exaltar a incultura e em preparar a sua apologia, empenhava-me laboriosamente em dominar, se não em suprimir, tudo o que podia lembrá-la à minha volta, tal como em mim próprio. Essa sabedoria, ou essa loucura, até onde foi que a levei?

Dois dos meus rendeiros, cujo contrato expirava no Natal, desejosos de o renovar, vieram ter comigo; tratava-se de assinar, conforme o costume, o papel denominado «promessa de contrato de arrendamento». Crendo nas garantias de Charles, incitado pelas suas conversas quotidianas, aguardava resolutamente pelos rendeiros. Eles, certos de que é difícil substituir um rendeiro, reclamaram ao início uma diminuição da renda. A sua estupefacção foi ainda maior quando lhes li as «promessas» que eu próprio redigira, onde não apenas me recusava a baixar o preço dos arrendamentos, mas ainda lhes retirava alguns pedaços de terra de que vira que não faziam nenhum uso. Primeiro, fingiram levar na brincadeira o que eu dizia: só podia ser uma brincadeira. Que queria eu fazer com essas terras? Não valiam nada; e se não faziam nada

com elas, era porque não se podia fazer nada com elas… Depois, vendo-me sério, obstinaram-se; da minha parte, também eu me obstinei. Julgaram que me assustavam com a ameaça de se irem embora. Eu, que só esperava por essas palavras, disse-lhes:

— Eh! Mas se querem, vão-se embora! Não vos retenho.

Agarrei nas promessas de contrato e rasguei-as à sua frente.

Fiquei, assim, com mais de cem hectares nas mãos. Já há algum tempo que planeava confiar-lhes a administração a Bocage, pensando que, indirectamente, era na verdade a Charles que dava essas terras; pretendia também eu próprio ocupar-me bastante delas; não pensei para lá disso: tentava-me o próprio risco do empreendimento. Os rendeiros só saíam no Natal; até lá, podíamos adaptar-nos perfeitamente. Preveni Charles; a sua alegria desagradou-me logo; não conseguiu dissimulá-la; fez-me sentir ainda mais a sua juventude demasiado exagerada. O tempo urgia; estávamos nessa época do ano em que as primeiras colheitas deixam livres os campos para as primeiras lavras. Por uma convenção estabelecida, os trabalhos do rendeiro cessante e os do novo convivem lado a lado, o primeiro abandonando as suas posses pedaço a pedaço e assim que as colheitas são armazenadas. Eu receava, como uma espécie de vingança, a animosidade dos dois rendeiros afastados; pelo contrário, comprazeram-se em fingir, a meu respeito, uma perfeita complacência (só mais tarde soube da vantagem que tiravam daí). Aproveitei-me disso para percorrer de manhã e à noite as suas terras, que em breve deviam ser-me restabelecidas. Começava o Outono; foi preciso contratar mais homens para acelerar as lavras, as semeaduras; tínhamos comprado

grades de esterroar, rolos, charruas; eu passeava a cavalo, vigiando, dirigindo os trabalhos, tendo prazer em comandar.

Entretanto, nos prados vizinhos, os rendeiros colhiam as maçãs; elas caíam, rolavam nas ervas espessas, abundantes como em nenhum outro ano; os trabalhadores não eram suficientes; vinham das aldeias vizinhas; eram contratados por oito dias; Charles e eu, por vezes, divertíamo-nos a ajudá-los. Uns varejavam os ramos para fazer com que caíssem os frutos tardios; colhiam-se à parte os frutos que caíam sozinhos, demasiado maduros, muitas vezes talados, esmagados nas ervas altas; não se conseguia andar sem os pisar. O odor que subia do prado era acre e adocicado, e misturava-se ao das lavras.

O Outono avançava. As manhãs dos últimos dias de bom tempo são as mais frescas, as mais límpidas. Por vezes, a atmosfera molhada azulava os lugares afastados, fazia-os recuar ainda mais, transformava um passeio numa viagem; por vezes, pelo contrário, a transparência anormal do ar tornava os horizontes muito próximos; atingir-se-iam com um bater de asas; de ambas as formas, preenchia-nos o langor. O meu trabalho estava praticamente acabado; pelo menos, era o que eu dizia, para me atrever a distrair-me dele. O tempo que já não passava na quinta, passava-o ao pé de Marceline. Saíamos juntos para o jardim; caminhávamos devagar, ela languidamente e apoiando-se no meu braço; íamos sentar-nos num banco, de onde se dominava o pequeno vale que o fim do dia enchia de luz. Ela tinha uma forma muito terna de se apoiar no meu ombro; e ficávamos assim até ao início da noite, sentindo dissolver-se em nós o dia, sem gestos, sem palavras… Com quanto silêncio já se sabia envolver o nosso amor! É que o amor de Marceline já era mais

forte do que as palavras para o descrever, e por vezes eu ficava quase angustiado com esse amor. Como uma brisa por vezes enruga uma água tranquila, a mais ligeira emoção deixava-se-lhe ler na fronte; misteriosamente, ela ouvia fremir uma nova vida em si própria; eu debruçava-me sobre ela como sobre uma água profunda e cristalina, onde, por mais fundo que se visse, via-se apenas o amor. Ah! Se ao menos aquilo fosse a felicidade, sei que teria desejado retê-la desde logo, como se quer reter nas mãos juntas, em vão, uma água fugidia; mas já sentia, ao lado da felicidade, uma qualquer outra coisa além da felicidade que coloria perfeitamente o meu amor, mas com as cores do Outono.

O Outono avançava. A erva, a cada manhã mais encharcada, já não secava na orla sombreada do bosque; ao despontar da manhã, estava branca. Os patos, na água dos fossos, batiam as asas; agitavam-se selvaticamente; por vezes, era possível vê-los a elevar-se e a dar, com grandes grasnidos, num voo barulhento, a volta à La Morinière. Uma manhã, deixámos de os ver; Bocage tinha-os fechado. Charles disse-me que os fecham assim a cada Outono, na época da migração. E, poucos dias depois, o tempo mudou. Veio, num fim de tarde, de súbito, um grande sopro, um hálito marítimo, forte, ininterrupto, trazendo o norte e a chuva, levando as aves nómadas. Já o estado de Marceline, os cuidados de uma nova instalação, as primeiras preocupações do meu curso nos tinham chamado à cidade. A época má, que começava cedo, expulsou-nos.

Os trabalhos da quinta, é verdade, deviam tornar a chamar-me em Novembro. Eu ficara muito irritado ao saber das disposições de Bocage para o Inverno; declarou-me o seu desejo de reenviar Charles para a escola agrícola, onde ainda tinha, afirmava ele, muito

que aprender; falei demoradamente com ele, empreguei todos os argumentos que encontrei, mas não consegui fazê-lo ceder; quando muito, aceitou encurtar um pouco esses estudos para permitir a Charles voltar um pouco mais cedo. Bocage não me dissimulava que a exploração das duas quintas não se faria sem grandes dificuldades; mas tinha em vista, informou-me, dois camponeses de grande confiança que contava tomar às suas ordens; seriam quase rendeiros, quase caseiros, quase empregados; a coisa era, para a região, demasiado nova para que daí augurasse algo de bom; mas, dizia ele, fora eu que o desejara. — Esta conversa tivera lugar perto do fim de Outubro. Nos primeiros dias de Novembro, voltámos a Paris.

II

Foi na Rua S***, perto de Passy, que nos instalámos. O apartamento que nos indicara um dos irmãos de Marceline e que pudéramos visitar aquando da nossa última passagem em Paris era muito maior do que aquele que me deixara o meu pai, e Marceline acabou por se inquietar um pouco, não somente pelo arrendamento mais alto, mas também por todas as despesas para as quais nos íamos deixar arrastar. A todos os seus temores eu opunha um factício horror pelo provisório; eu próprio me esforçava por crer nele e exagerava-o de propósito. Certamente, os diversos gastos com a instalação excederiam os nossos rendimentos nesse ano, mas a nossa fortuna já nada má devia melhorar ainda; para isso, contava com o meu curso, com a publicação do meu livro e até, que loucura!, com os novos rendimentos das minhas quintas. Não me detinha, portanto, diante de nenhuma despesa, dizendo para mim próprio que assim me ligava mais àquele lugar e pretendendo suprimir ao mesmo tempo qualquer humor vagabundo que pudesse sentir ou que receasse sentir em mim.

Nos primeiros dias, e de manhã à noite, o nosso tempo foi passado de um lado para o outro; e ainda que o irmão de Marceline, muito obsequiosamente, depois se oferecesse para nos poupar essa correria, Marceline não tardou a sentir-se muito cansada. Depois, em vez do repouso que lhe era necessário, teve, assim que se instalou, de receber visitas atrás de visitas; o afastamento em que tínhamos

vivido até então agora fazia-as afluir, e Marceline, desabituada da sociedade, nem sabia abreviá-las nem ousava fechar a porta; encontrava-a, à noite, extenuada; e se não me inquietava com uma fadiga que sabia de causa natural, pelo menos empenhava-me em diminuí-la, recebendo frequentemente no seu lugar, o que pouco ou nada me divertia, e por vezes retribuindo as visitas, o que me divertia ainda menos.

Nunca fui um brilhante conversador; a frivolidade dos salões, o seu espírito, é coisa com a qual não consigo ter prazer; no entanto, outrora frequentara alguns; mas quão longe ia esse tempo! Que se passara desde aí? Sentia-me, ao pé dos outros, apagado, triste, aborrecido, ao mesmo tempo incómodo e incomodado. Graças a um singular azar, vocês, que eu já considerava os meus únicos verdadeiros amigos, não estavam em Paris e não deviam regressar tão cedo. Teria eu conseguido falar melhor convosco? Poderiam ter-me compreendido melhor do que eu me compreendia a mim mesmo? Mas o que é que eu sabia de tudo o que se desenvolvia em mim e que hoje vos conto? O futuro revelava-se-me completamente seguro, e eu nunca me julgara mais senhor dele.

E mesmo quando poderia ter sido mais perspicaz, que recurso contra mim próprio podia encontrar em Hubert, Didier, Maurice, em tantos outros, que vocês conhecem como eu e de quem têm a mesma opinião? Percebi muito depressa, infelizmente, a impossibilidade de me fazer ouvir junto deles. Desde as primeiras conversas que tivemos, vi-me como que constrangido por eles a representar uma personagem falsa, a parecer-me com a pessoa que eles julgavam que eu ainda era, sob pena de proceder como um hipócrita; e, para maior comodidade, fingi, portanto, ter os

pensamentos e os gostos que me atribuíam. Não se pode ser ao mesmo tempo sincero e parecê-lo.

Revi com um pouco mais de vontade as pessoas do meu ramo, arqueólogos e filólogos, mas não tive, ao falar com eles, muito mais prazer e emoção do que ao folhear bons dicionários de história. Ao início, pude esperar encontrar uma compreensão um pouco mais directa da vida em alguns romancistas e em alguns poetas; mas se a tinham, essa compreensão, há que admitir que a não revelavam; pareceu-me que a maior parte não vivia, contentava-se em parecer viver, e por pouco não considerava a vida um importuno impedimento para escrever. E eu não podia censurá-los por isso; e não afirmo que o erro não viesse de mim… Além disso, que entendia eu por viver? — Era precisamente isso que queria que me ensinassem. — Uns e outros conversavam habilmente acerca dos diversos acontecimentos da vida, nunca do que os motivava.

Quanto aos poucos filósofos, cujo papel deveria ter sido o de me esclarecer, sabia há muito tempo o que havia a esperar deles; matemáticos ou neocriticistas, mantinham-se tão longe quanto possível da perturbante realidade e não se ocupavam mais dela do que o algebrista da existência das quantidades que calcula.

Voltando para ao pé de Marceline, não lhe escondia o tédio que essas companhias me causavam.

— Parecem-se todos uns com os outros — dizia-lhe eu. — Estão sempre a dizer o mesmo. Quando falo com um deles, parece-me que falo com todos.

— Mas, meu amigo — respondia Marceline —, não podes pedir a cada um deles que seja diferente de todos os outros.

— Quanto mais se parecem entre eles, mais diferentes são de

mim.

E depois continuava, com maior tristeza:

— Nunca nenhum soube o que é estar doente. Vivem, têm o ar de viver e de não saber que vivem. Além disso, eu próprio, assim que estou ao pé deles, deixo de viver. Como nos outros dias, hoje, que é que eu fiz? Tive de te deixar às nove: tive apenas tempo, antes de partir, de ler um pouco; é o único momento bom do dia. O teu irmão esperava-me no notário, e depois do notário já não me largou; tive de ir com ele ao tapeceiro; empatou-me no marceneiro e já só o deixei em casa de Gaston; almocei no bairro com Philippe, depois encontrei-me com Louis, que me esperava no café: ouvi, com ele, a aula absurda de Théodore, que cumprimentei à saída; para recusar o seu convite para domingo, tive de o acompanhar a casa de Arthur; com Arthur, fui ver uma exposição de aguarelas; e fui entregar cartões-de-visita em casa de Albertine e na de Julie… Extenuado, volto e encontro-te tão cansada quanto eu próprio, tendo visto Adeline, Marthe, Jeanne, Sophie… E quando à noite, agora, repasso todas essas ocupações do dia, sinto que foi tão inútil e parece-me tão vazio que gostaria de o aproveitar melhor, de o recomeçar, uma hora de cada vez, e fico triste a ponto de chorar.

No entanto, não teria sabido dizer nem o que entendia por *viver*, nem se o gosto que adquirira por uma vida mais espaçosa e arejada, menos constrangida e menos preocupada com o outro não era o simples segredo do meu incómodo; esse segredo parecia-me muito misterioso: «um segredo de ressuscitado», pensava eu, pois continuava a ser um estranho entre os outros, como alguém que regressasse dos mortos. E ao princípio senti apenas uma angústia bastante dolorosa; mas, em breve, um sentimento novíssimo viu a

luz do dia. Não sentira nenhum orgulho, afirmo-o, aquando da publicação das obras que me valeram tantos elogios. Seria isto orgulho, agora? Talvez; mas, pelo menos, não se lhe misturava qualquer *nuance* de vaidade. Era, pela primeira vez, a consciência do meu próprio valor: o que me separava, o que me distinguia dos outros, importava; aquilo que nenhum outro que não eu dizia ou podia dizer, era isso que eu tinha de dizer.

O meu curso começou logo a seguir; conquistado pelo assunto, empolei a primeira lição com toda a minha nova paixão. A propósito da extraordinária civilização latina, descrevia a cultura artística, crescendo à flor do povo, à guisa de uma secreção que ao início indica pletora, sobreabundância de saúde, e que logo depois se entorpece, endurece, opõe-se a todo o contacto perfeito do espírito com a natureza, esconde sob a aparência persistente da vida a diminuição da vida, forma um invólucro onde o espírito incomodado esmorece e em breve definha, depois morre. Por fim, levando o meu pensamento ao limite, exprimia a Cultura, nascida da vida, matando a vida.

Os historiadores criticaram uma tendência, disseram eles, para as generalizações demasiado rápidas. Outros criticaram o meu método; e os que me elogiavam foram os que menos me tinham compreendido.

Foi ao sair da minha aula que revi Ménalque pela primeira vez. Nunca convivera muito com ele, e, pouco tempo antes do meu casamento, ele tinha tornado a partir para uma das suas explorações longínquas que nos privavam dele por vezes durante mais de um ano. Outrora, ele não me agradava; parecia orgulhoso e não se

interessava pela minha vida. Fiquei, por isso, admirado por o ver na minha primeira aula. A sua própria insolência, que ao início me afastava, agradou-me, e o sorriso que me fez pareceu-me ainda mais encantador por sabê-lo raro. Recentemente, um absurdo, um vergonhoso processo escandaloso fora para os jornais uma cómoda oportunidade para o sujar; aqueles a quem o seu desdém e superioridade feriam assenhorearam-se desse pretexto para a sua vingança; e o que os irritava mais era que ele não parecia afectado.

— É preciso — respondia ele aos insultos — deixar os outros terem razão, visto que isso os consola de não terem outra coisa.

Mas «a alta sociedade» indignou-se, e esses que, como se diz, «se respeitam» acreditaram que deviam afastar-se dele e oferecer-lhe assim o seu desprezo. Para mim, foi mais uma razão a favor: atraído na sua direcção por uma secreta influência, aproximei-me e abracei-o amigavelmente à frente de todos.

Vendo com quem eu conversava, retiraram-se os últimos importunos; fiquei sozinho com Ménalque.

Após as irritantes críticas e os elogios ineptos, as suas parcas palavras em relação ao meu curso descansaram-me.

— Você queima aquilo que adora — disse ele. — Isso é bom. O fogo pega tarde; mas a chama fica por isso mais bem alimentada. Ainda não sei se o percebo bem; intriga-me. Não gosto muito de falar, mas gostaria de falar consigo. Jante comigo esta noite.

— Caro Ménalque — respondi-lhe —, parece esquecer-se de que sou casado.

— Sim, é verdade — continuou ele —; tendo em conta a cordial franqueza com que se atreveu a abordar-me, poderia julgá-lo mais livre.

Temi tê-lo magoado; mais ainda que parecesse fraco, e disse-lhe que o encontraria depois do jantar.

Em Paris, sempre de passagem, Ménalque alojava-se no hotel; mandara arranjar, para essa estada, várias peças à maneira de um apartamento; tinha consigo os seus criados, comia à parte, vivia à parte, estendera nas paredes, nos móveis cuja banal fealdade o ofuscava, alguns tecidos que trouxera do Nepal e que acabava de manchar, pelo que dizia, antes de os oferecer a um museu. A minha pressa em ir ter com ele fora tão grande que, quando entrei, o apanhei ainda à mesa; e quando me desculpava por lhe perturbar a refeição, ele disse-me:

— Mas não tenho intenção de a interromper e espero que me deixará acabá-la. Se tivesse vindo jantar, ter-lhe-ia oferecido Shyraz, esse vinho que Hafez cantava, mas agora já é tarde; tem de se estar em jejum para o beber; toma ao menos um licor?

Aceitei, pensando que ele também tomaria; depois, vendo que traziam apenas um copo, admirei-me:

— Desculpe-me — disse ele —, mas quase nunca bebo.

— Tem medo de se embebedar?

— Oh! — respondeu. — De todo! Mas considero a sobriedade uma embriaguez mais poderosa; mantenho assim a minha lucidez.

— E dá de beber aos outros…

Sorriu.

— Não posso — disse — exigir a todos as minhas virtudes. Já não é mau se encontro neles os meus vícios…

— Pelo menos fuma?

— Também não. É uma embriaguez impessoal, negativa e de

conquista demasiado fácil; procuro na embriaguez uma exaltação e não uma diminuição da vida. Deixemos isso. Sabe de onde venho? De Biskra. Tendo sabido que acabava de passar por lá, quis procurar o seu rasto. «Que veio ele fazer a Biskra, esse cego erudito, esse leitor?» Só costumo ser discreto com o que me contam; com o que sei por mim próprio, a minha curiosidade, confesso-o, não tem limites. Então, procurei, investiguei, questionei por onde pude. A minha indiscrição foi-me útil, visto que me deu o desejo de o rever; visto que, no lugar do sábio rotineiro que outrora via em si, sei que devo ver agora… cabe-lhe a si explicar-me o quê.

Senti-me a corar.

— Que soube então acerca de mim, Ménalque?

— Quer saber? Mas, então?, não tenha medo! Conhece suficientemente bem os seus amigos e os meus para saber que não posso falar de si com ninguém. Julga que compreenderam o seu curso?

— Mas — disse eu com uma ligeira impaciência — ainda nada me prova que posso falar mais consigo do que com os outros. Vamos! Que soube acerca mim?

— Primeiro, que esteve doente.

— Mas isso não tem nada de…

— Oh! Já é muito importante. Depois, disseram-me que gostava de sair sozinho, sem um livro (e foi isso que me causou admiração), ou, quando já não estava sozinho, gostava menos de andar acompanhado com a sua mulher do que com crianças… Não se ponha a corar, ou não lhe digo o resto.

— Conte-mo sem olhar para mim.

— Uma das crianças (chamava-se Moktir, se me bem recordo), um

rapaz belo como poucos, ladrão e trapaceiro como nenhum, pareceu-me ter muito para dizer sobre isto; atraí-o, comprei-lhe a confiança, o que, como sabe, não é fácil, pois creio que ainda mentia ao dizer que já não mentia… O que ele me contou sobre si, diga-me então se é verdade.

Ménalque, entretanto, tinha-se levantado e tirado de uma gaveta uma pequena caixa, que abriu.

— Esta tesoura era sua? — disse, estendendo-me qualquer coisa informe, enferrujada, romba, deformada; não tive grande dificuldade em reconhecer a pequena tesoura que Moktir me escamoteara.

— Sim, é; era da minha mulher.

— Ele afirma ter-lha tirado enquanto você virava a cabeça, num dia em que estava sozinho com ele no quarto; mas o interessante não é isso; diz que no momento em que a escondia no albornoz, compreendeu que você o vigiava através de um espelho e apanhou o reflexo do seu olhar a espiá-lo. Viu o roubo e não disse nada! Moktir mostrou-se muito surpreendido com esse silêncio… eu também.

— Eu não o estou menos com o que me diz: como pode ser? Então ele sabia que eu o tinha apanhado!

— Isso não importa; quis ser mais esperto do que ele; nesse jogo, as crianças ganham-nos sempre. Pensava que estava a apanhá-lo, e era ele que o estava a apanhar a si… Mas isso não importa. Explique-me o seu silêncio.

— Também queria que mo explicassem.

Ficámos em silêncio durante algum tempo. Ménalque, que andava de um lado para o outro na peça, acendeu distraidamente um cigarro, depois deitou-o logo fora.

— Há um «senso» nisto — continuou —, como dizem os outros, um «senso» que parece faltar-lhe, caro Michel.

— O «senso moral», se calhar — disse eu, esforçando-me por sorrir.

— Oh! Não, simplesmente o da propriedade.

— Também não me parece que você o tenha.

— Tenho-o tão pouco que, veja bem, nada aqui me pertence; nem sequer, ou sobretudo, a cama onde me deito. Tenho horror ao descanso; a posse encoraja-o, e, na segurança, adormecemos; gosto muito de viver, quero viver acordado, e por isso agora, no seio das minhas próprias riquezas, mantenho esse sentimento de estado precário com o qual exacerbo ou, pelo menos, exalto a minha vida. Não posso dizer que amo o perigo, mas amo a vida arriscada e quero que ela exija de mim, a cada instante, toda a minha coragem, toda a minha felicidade e saúde…

— Então censura-me de quê? — interrompi.

— Oh! Não me compreenda mal, caro Michel; por pouco cometo a tolice de tentar professar a minha fé!… Se me preocupo tão pouco, Michel, com a aprovação ou a desaprovação dos homens, não é para eu, do meu lado, vir aprovar ou desaprovar os outros; essas palavras não têm, para mim, grande sentido. Falei demasiado sobre mim há bocado; por me julgar compreendido, deixei-me arrastar… Queria simplesmente dizer-lhe que, para alguém que não tem o sentido da propriedade, parece possuir muito; isso é grave.

— Que é que possuo assim tanto?

— Nada, se o julga dessa maneira… Mas não abriu o seu curso? Não é proprietário na Normandia? Não acaba de se instalar, e luxuosamente, em Passy? Não está à espera de um filho?

— Pois bem! — disse, impaciente. — Isso prova simplesmente que soube dar a mim próprio uma vida mais «perigosa» (como você diz) do que a sua.

— Sim, simplesmente — repetiu Ménalque com ironia.

Depois, virando-se bruscamente, estendeu-me a mão e disse:

— Pronto, adeus: por esta noite, chega; não nos adiantaria continuar a falar. Mas até breve.

Fiquei algum tempo sem o tornar a ver.

Ocuparam-me novos cuidados, novas preocupações; um erudito italiano chamou-me à atenção para uns novos documentos, que ele publicou, e que estudei longamente para as minhas aulas. Sentir a minha primeira lição mal compreendida estimulara-me o desejo de esclarecer de modo diferente e mais eficaz as seguintes; fui por isso levado a apresentar como doutrina o que ao princípio apenas expusera a título de engenhosa hipótese. Quantos defensores de uma determinada doutrina devem a sua força a esse acaso de terem sido compreendidos por meias-palavras! Por mim, não posso discernir, confesso-o, a parte de teimosia que talvez se tenha vindo misturar com a necessidade de afirmação natural. Aquilo que tinha de novo para dizer pareceu-me tanto mais urgente quanto mais me custava dizê-lo e sobretudo fazer entendê-lo.

Mas quantas frases, ai!, se tornavam pálidas ao pé dos actos! A vida, o menor gesto de Ménalque, não era mil vezes mais eloquente do que o meu curso? Ah! Como compreendi bem, desde então, que o ensino quase completamente moral dos grandes filósofos antigos fora muito mais de exemplos do que de palavras!

Foi em minha casa que voltei a ver Ménalque, cerca de três semanas após o nosso primeiro encontro. Aconteceu perto do fim de uma reunião demasiado numerosa. Para evitar um transtorno quotidiano, Marceline e eu preferíamos deixar as portas totalmente abertas à quinta-feira ao fim do dia; assim, fechávamo-nos mais à vontade nos outros dias. Todas as quintas-feiras, vinham então aqueles que se diziam nossos amigos; a bela dimensão dos nossos salões permitia-nos recebê-los em grande número, e a reunião prolongava-se bastante tarde na noite. Penso que os atraía sobretudo a requintada graça de Marceline e o prazer de conversarem entre eles, pois, para mim, desde o segundo desses serões, não havia mais nada para escutar, mais nada para dizer, e dissimulava mal o meu aborrecimento. Errava entre a sala de fumadores e o salão, a sala de espera e a biblioteca, parado às vezes por uma frase, observando pouco e olhando como que ao acaso.

Antoine, Etienne e Godefroy discutiam o último voto da Assembleia, espojados nas delicadas poltronas da minha mulher. Hubert e Louis manejavam sem precaução e amarfanhavam admiráveis águas-fortes da colecção do meu pai. Na sala de fumadores, Mathias, para melhor ouvir Léonard, pousara o charuto ardente numa mesa de pau-rosa. Um copo de curaçau derramara-se no tapete. Os pés lamacentos de Albert, impudentemente deitado num divã, sujavam o estofo. E a poeira que se respirava era feita do horrível desgaste das coisas… Apoderou-se de mim um desejo furioso de empurrar todos os meus convidados pelos ombros até à saída. Móveis, tecidos, estampas, à primeira mancha, perdiam para mim todo o valor; coisas manchadas, coisas atingidas pela doença e como que designadas pela morte. Queria proteger tudo, fechar tudo

à chave, só para mim. «Quão feliz é Ménalque», pensei, «que não tem nada! É porque quero conservar que sofro. No fundo, que me importa tudo isto?»

Num pequeno salão menos iluminado, separado por um vidro sem banho de estanho, Marceline recebia apenas alguns íntimos; estava meio estendida em cima das almofadas; estava assustadoramente pálida, e pareceu-me tão cansada que fiquei de súbito apavorado e prometi a mim mesmo que aquela recepção seria a última. Já era tarde. Ia ver as horas no meu relógio, quando senti no bolso do meu colete a pequena tesoura de Moktir.

— E porque é que a roubou, se era para a estragar logo, para a destruir?

Nesse momento, alguém me bateu no ombro; virei-me de repente: era Ménalque.

Era praticamente o único que usava casaca. Acabava de chegar. Pediu-me que o apresentasse à minha mulher; certamente, eu não o teria feito por mim próprio. Ménalque era elegante, quase belo; enormes bigodes, descaídos, já grisalhos, cortavam-lhe o rosto de pirata; a chama fria do seu olhar indicava mais coragem e decisão do que bondade. Assim que chegou ao pé de Marceline, compreendi que ele não lhe agradava. Depois de terem trocado algumas banais frases de cortesia, arrastei-o para a sala de fumadores.

Soubera nessa mesma manhã a nova missão de que o Ministério das Colónias o encarregara; diversos jornais, recordando, em relação a esse tema, a sua aventurosa carreira, pareciam esquecer-se dos seus baixos insultos da véspera e não encontravam termos suficientemente incisivos para o louvar. Exageravam à porfia os serviços prestados ao país, à humanidade inteira, pelas proveitosas

descobertas das suas últimas explorações, tudo como se ele não empreendesse nada sem um objectivo humanitário; e elogiavam-lhe os traços de abnegação, de devoção, de arrojo, tudo como se ele devesse procurar uma recompensa nesses elogios.

Comecei por felicitá-lo; interrompeu-me logo nas primeiras palavras:

— Mas quê? Também você, caro Michel; mas não foi dos que me insultaram ao início — disse ele. — Deixe para os jornais essas tolices. Agora parece que se admiram por um homem desacreditado nos costumes ainda poder, no entanto, ter algumas virtudes. Não consigo praticar em mim as distinções e as reservas que eles pretendem estabelecer, e só existo na totalidade. Não aspiro a nada senão ao natural, e, para cada acção, o prazer que absorvo é um sinal de que a devia praticar.

— Isso pode levá-lo longe — disse-lhe.

— Espero bem que sim — continuou Ménalque. — Ah! Se todos os que nos rodeiam se pudessem persuadir disto. Mas a maior parte pensa que só poderá obter algo de bom de si mesmo através da obrigação; só se dão bem contrafeitos. É consigo próprio que cada um deles pretende parecer-se menos. Cada um propõe para si próprio um padrão, depois imita-o; nem ao menos escolhe o padrão que imita; aceita um padrão que foi escolhido por ele. Há, no entanto, creio, outras coisas a ler no homem. Mas ninguém se atreve. Ninguém se atreve a virar a página. —Leis da imitação; chamo-as: leis do medo. Tem-se medo de se encontrar sozinho: e ninguém se encontra de todo. Essa agorafobia moral é-me odiosa; é a pior das cobardias. Contudo, é sempre sozinho que se inventa. Mas quem é que procura aqui inventar? O que cada um sente em si

de diferente é precisamente o que possui de raro, o que dá a cada um o seu valor; e é isso que se esforçam por suprimir. Imita-se. E julga-se amar a vida.

Eu deixava Ménalque falar; o que ele dizia era precisamente o que, um mês antes, eu dizia a Marceline; e, por isso, devia estar de acordo. Porque é que o interrompi, por que cobardia, e lhe disse, imitando Marceline, a frase, palavra a palavra, com a qual ela então me interrompera:

— No entanto, não pode, caro Ménalque, pedir a cada um que seja diferente dos outros…

Ménalque calou-se abruptamente, olhou-me de forma estranha; depois, precisamente quando Eusèbe se aproximava de mim para se despedir, virou-me sem mais as costas e foi conversar com Hector.

Assim que a disse, a minha frase pareceu-me estúpida; e fiquei desolado sobretudo por poder ter feito com que Ménalque acreditasse que me sentia atacado pelas suas palavras. Era tarde; os meus convidados iam-se embora. Quando o salão ficou praticamente vazio, Ménalque veio ter comigo novamente:

— Não posso deixá-lo assim — disse-me ele. — Acho que compreendi mal as suas palavras. Pelo menos, deixe-me acreditar que sim…

— Não — respondi. — Não as compreendeu mal… mas elas não tinham nenhum sentido; e, assim que as disse, sofri com a estupidez dessas palavras, e sobretudo por sentir que iam associar-me, aos seus olhos, precisamente com aqueles que há bocado acusava e que, afirmo-o, me são tão odiosos como a si. Odeio todas as pessoas com princípios.

— São — continuou Ménalque, a rir-se — o que há de mais

detestável neste mundo. Não se pode esperar delas qualquer tipo de sinceridade; pois nunca fazem senão o que os seus princípios lhes decretam que deviam fazer, ou, quando assim não é, olham para o que fazem como estando mal feito. À mínima suspeita de que você poderia ser um deles, senti que a fala se me gelava nos lábios. O desgosto que logo me absorveu revelou-me como a minha afeição por si era intensa; desejei ter-me equivocado, não na minha afeição, mas no juízo que fazia.

— De facto, o seu juízo era falso.

— Ah! Era, não era? — disse, pegando-me bruscamente na mão. — Escute; tenho de partir em breve, mas gostaria de o ver novamente. A minha viagem será, desta feita, mais longa e aventurosa do que todas as outras; não sei quando volto. Tenho de partir daqui a quinze dias; aqui, todos ignoram a iminência da minha partida; anuncio-lha em segredo. Parto de madrugada. A noite que precede uma partida é sempre, para mim, uma noite de angústias horríveis. Prove-me que não é um homem com princípios; posso acreditar que vai querer passar essa última noite comigo?

— Mas havemos de nos ver antes — disse-lhe, um pouco surpreendido.

— Não. Durante estes quinze dias, já não estarei disponível para ninguém e nem sequer estarei em Paris. Parto amanhã para Budapeste; daqui a seis dias, devo estar em Roma. Aqui e lá, são os amigos que quero abraçar antes de deixar a Europa. Um outro espera-me em Madrid.

— Está combinado, passarei essa noite de vigília consigo.

— E beberemos vinho de Shyraz — disse Ménalque.

Alguns dias depois dessa noite, Marceline começou a sentir-se menos bem. Já disse que ela estava frequentemente cansada; mas evitava queixar-se, e, como eu atribuía o seu cansaço ao seu estado, julgava-o naturalíssimo e evitava inquietar-me. Um velho médico bastante tolo, ou insuficientemente informado, tinha-nos, ao início, tranquilizado em excesso. No entanto, novas perturbações, acompanhadas de febre, levaram-me a chamar o Doutor Tr., que era então tido como o mais sensato especialista. Espantou-se por não o ter chamado mais cedo e prescreveu um regime estrito que ela já precisava de seguir há algum tempo. Por uma muito imprudente coragem, Marceline abusara das suas forças até esse dia; até ao parto, que seria lá para o fim de Janeiro, devia manter-se na *chaise longue*. Provavelmente um pouco mais inquieta e dolente do que queria confessar, Marceline sujeitou-se brandissimamente às mais incómodas prescrições. No entanto, agitou-a uma breve revolta quando Tr. lhe receitou quinina em doses que ela sabia poderem afectar a criança. Durante três dias, recusou obstinadamente tomá-la; depois, aumentando a febre, também a isso teve de se submeter; mas desta vez com uma grande tristeza e como uma dolorosa renúncia ao futuro; uma espécie de resignação religiosa rompeu a vontade que a sustentava até então, de modo que o seu estado se agravou bruscamente durante os poucos dias que se seguiram.

Rodeei-a ainda de mais cuidados e dei o meu melhor para a serenar, servindo-me das próprias palavras de Tr., que não via no seu estado nada de realmente grave; mas a violência dos seus receios acabou por me alarmar também a mim. Ah! Quão perigosamente a nossa felicidade já repousava sobre a esperança, e

em que futuro incerto! «A mim, que ao início só tinha gosto pelo passado, um dia o súbito sabor do instante conseguiu embriagar-me», pensei eu, «mas o futuro desencanta a hora presente, mais ainda do que o presente desencanta o passado; e desde a nossa noite em Sorrento, já todo o meu amor, toda a minha vida se projectam para o futuro.»

Entretanto, chegou a noite que prometera a Ménalque; e, apesar da minha dificuldade em abandonar Marceline durante toda uma noite de Inverno, dei o meu melhor para a fazer aceitar a solenidade do encontro, a gravidade da minha promessa. Marceline estava um pouco melhor nessa noite, e, no entanto, eu estava inquieto; substituiu-me uma enfermeira junto dela. Mas, assim que cheguei à rua, a minha inquietação ganhou uma força nova; resisti, lutei irritando-me contra mim próprio por não conseguir libertar-me melhor dela. Cheguei assim, a pouco e pouco, a um estado de extrema tensão, de singular exaltação, muito diferente e ao mesmo tempo muito próximo da inquietação dolorosa que a fizera nascer, mas ainda mais próximo da felicidade. Era tarde; caminhava a passos largos; a neve começou a cair com abundância; estava feliz por finalmente respirar um ar mais fresco, por lutar contra o frio, feliz contra o vento, a noite, a neve; saboreava a minha energia.

Ménalque, que me ouviu chegar, surgiu no patamar das escadas. Esperava-me com impaciência. Estava pálido e parecia um pouco crispado. Desembaraçou-me da minha capa e forçou-me a trocar as minhas botas molhadas por umas fofas pantufas persas. Em cima de uma mesinha de centro, junto à lareira, estavam pousadas algumas gulodices. Duas candeias iluminavam a peça, menos do que a

lareira. Ménalque, desde início, informou-se acerca da saúde de Marceline. Para simplificar, respondi que ela andava muito bem.

— O seu filho, espera-o para breve? — continuou.

— Dentro de dois meses.

Ménalque inclinou-se para a lareira, como se tivesse querido esconder o rosto. Calava-se. Ficou calado durante muito tempo, até que acabei por ficar absolutamente incomodado, também já não sabendo o que dizer. Levantei-me, dei alguns passos; depois, aproximando-me dele, pousei a mão no seu ombro. Então, como se continuasse o seu pensamento, murmurou:

— Há que escolher. O importante é saber o que se quer…

— Oh! Não se quer ir embora? — perguntei-lhe, incerto quanto ao sentido que devia dar às suas palavras.

— Parece.

— Então está hesitante?

— De que me vai servir? Você, que tem mulher e filho, deixe-se ficar… Das mil formas da vida, cada um de nós só pode conhecer uma. Invejar a alegria dos outros é loucura; não saberíamos servir-nos dela. A felicidade não se quer já pronta a consumir, mas feita à medida. Parto amanhã; eu sei: empenhei-me em confeccionar essa felicidade à minha medida… conserve a felicidade calma do lar.

— Também foi à minha medida que confeccionei a minha felicidade — exclamei. — Mas cresci. De momento, a minha felicidade aperta-me. Por vezes, sinto-me quase a sufocar!…

— Bah! Há-de moldar-se-lhe! — disse Ménalque; depois, instalou-se à minha frente, mergulhou o seu olhar no meu, e, como eu não encontrava nada para dizer, sorriu com alguma tristeza: — Achamos que possuímos, mas somos possuídos — continuou. — Sirva-se de

Shyraz, caro Michel; não o provará muitas vezes; e coma essas guloseimas cor-de-rosa com que os persas o tomam. Esta noite, quero beber consigo, esquecer-me de que parto amanhã, e falar como se esta noite fosse longa. Sabe o que faz, hoje em dia, da poesia e sobretudo da filosofia letras-mortas? É que se separaram da vida. A Grécia idealizava directamente a vida; de modo que a vida do artista era ela própria já uma realização poética; a vida do filósofo, um accionamento da sua filosofia; de modo também que, misturadas com a vida, em vez de se ignorarem, a filosofia alimentando a poesia, a poesia exprimindo a filosofia, eram de uma persuasão admirável. Hoje em dia, a beleza já não funciona; a acção já não se preocupa em ser bela; e a sabedoria opera à parte.

— Porque é que você — disse eu —, que vive a sua sabedoria, não escreve as suas memórias, ou simplesmente as recordações das suas viagens?

— Porque não me quero recordar — respondeu. — Julgaria, ao fazê-lo, impedir o futuro de chegar e invadir o passado. É do perfeito esquecimento de ontem que criei a novidade de cada hora. Nunca me bastou ter sido feliz. Não creio nas coisas mortas, e confundo o já não ser com o nunca ter sido.

Irritava-me, ao fim de algum tempo, com estas palavras, que se adiantavam demasiado ao meu pensamento; tinha vontade de o puxar para trás, de o parar; mas procurava em vão contradizê-lo e, além disso, irritava-me comigo próprio, ainda mais do que com Ménalque. Então, fiquei em silêncio. Ele, ora andava de um lado para o outro, à guisa de uma fera na jaula, ora se debruçava sobre a lareira, ora se calava durante muito tempo, dizendo depois, bruscamente:

— Se ao menos os nossos cérebros medíocres soubessem embalsamar correctamente as nossas recordações! Mas conservam-se mal. As mais delicadas despojam-se; as mais voluptuosas apodrecem; as mais deliciosas são depois as mais perigosas. Aquilo de que nos arrependemos, ao início, era delicioso.

De novo, longo silêncio; e depois recomeçou:

— Desgostos, remorsos, arrependimentos são as alegrias de outrora, vistas de costas. Não gosto de olhar para trás, e abandono ao longe o meu passado, como o pássaro, para voar, abandona a sua sombra. Ah! Michel, qualquer felicidade é parecida com esse maná do deserto que se estraga de um dia para o outro; é parecida com a água da fonte Ameles[4], que, conta Platão, não se pode guardar em nenhum vaso… Que cada instante leve tudo o que trouxe.

Ménalque falou ainda durante muito tempo; não posso reproduzir aqui todas as suas frases; no entanto, muitas gravaram-se em mim, tanto mais fortemente quanto mais as desejaria esquecer; não que me ensinassem algo de novo, mas punham a nu, de repente, o meu pensamento; um pensamento que eu cobria com tantos véus que seria de esperar que o sufocasse. Assim se passou o serão.

Quando, de manhã, depois de ter conduzido Ménalque ao comboio que o levou, me encaminhei sozinho para junto de Marceline, senti-me cheio de uma tristeza abominável, de ódio contra a alegria cínica de Ménalque; queria que ela fosse falsa; esforçava-me por negá-la. Irritava-me por não ter sabido responder-lhe: irritava-me por ter dito algumas palavras que lhe haviam feito duvidar da minha felicidade, do meu amor. E aferrava-me à minha duvidosa felicidade, à minha «calma felicidade», como dizia

Ménalque; não podia, infelizmente, afastar dela a inquietação, mas pretendia que essa inquietação servisse de alimento ao amor. Debruçava-me sobre o futuro, no qual já via o meu pequeno filho a sorrir para mim; por ele, reformava-se e fortificava-se a minha moral. Decididamente, caminhava em passo firme…

Infelizmente, quando regressei a casa, nessa manhã, uma agitação desusada veio ao meu encontro logo na primeira peça. A enfermeira veio ter comigo e informou-me, com palavras comedidas, de que terríveis ansiedades se tinham apoderado da minha mulher durante a noite, e depois dores, embora ainda não estivesse no termo da gravidez; que, sentindo-se muito mal, mandara buscar o doutor, que este, tendo vindo à pressa a meio da noite, ainda não deixara a doente; depois, creio que vendo a minha palidez, quis sossegar-me, dizendo-me que já estava tudo bem melhor, que… Lancei-me na direcção do quarto de Marceline.

O quarto estava com pouca iluminação; e, ao princípio, distingui apenas o doutor, que, com a mão, me impôs silêncio; depois, na sombra, uma figura que eu não conhecia. Ansiosamente, sem ruído, aproximei-me da cama. Marceline tinha os olhos fechados; estava tão terrivelmente pálida que primeiro achei que estava morta; mas, sem abrir os olhos, virou a cabeça para mim. Num canto sombrio da peça, a figura desconhecida arrumava, escondia diversos objectos; vi instrumentos reluzentes, algodão hidrófilo; vi, julguei ver, um pano manchado de sangue… Senti-me a perder o equilíbrio. Quase caí para cima do doutor; ele segurou-me. Estava a compreender; tinha medo de compreender.

— O pequeno? — perguntei ansiosamente.

Encolheu os ombros com tristeza. — Já sem saber o que fazia,

atirei-me para a cama, aos soluços. Ah! Futuro súbito! O chão cedia abruptamente sob os meus passos; à minha frente, havia apenas um buraco vazio onde eu caía por inteiro.

Aqui, tudo se confunde numa tenebrosa recordação. Não obstante, Marceline pareceu, ao princípio, restabelecer-se bastante depressa. As férias do início do ano permitiram-me algum descanso, pude passar ao pé dela quase todas as horas do dia. Ao pé dela, lia, escrevia, ou lia calmamente em voz alta. Nunca saía sem lhe trazer algumas flores. Recordava-me dos ternos cuidados com que me apoiara quando eu estava doente e protegi-a com tanto amor que, por vezes, ela sorria, como que feliz. Nem uma palavra foi trocada em relação ao triste acidente que mortificava as nossas esperanças…

Depois, a flebite manifestou-se; e, quando ela começou a declinar, uma embolia, de súbito, pôs Marceline entre a vida e a morte. Era de noite; volto a ver-me inclinado sobre ela, sentindo, com o seu, o meu coração a parar ou a ressuscitar. Quantas noites a velei assim, o olhar obstinadamente fixo nela, esperando, graças ao amor, insinuar um pouco da minha vida na sua? E se já não pensava muito na felicidade, a minha única triste alegria era ver, por vezes, Marceline a sorrir.

O meu curso recomeçara. Onde é que encontrava forças para preparar as minhas lições, para as dar?… A minha recordação perde-se e não sei como se sucederam as semanas. Todavia, há um pequeno incidente que vos quero contar:

Foi durante uma manhã, pouco tempo após a embolia; encontro-me ao pé de Marceline; ela parece estar um pouco melhor, mas ainda lhe é prescrita a maior das imobilidades; não deve sequer

mexer os braços. Inclino-me para lhe dar de beber e, quando ela acabou de beber e eu ainda estou inclinado ao pé dela, com uma voz que a sua perturbação torna ainda mais débil, pede-me que abra um estojo, que me indica com o olhar; está ali, em cima da mesa; abro-o; está cheio de fitas, trapos, pequenas jóias sem valor. Que é que ela quer? Trago a caixa para ao pé da cama; tiro, um a um, todos os objectos. É este? Este?… Não; também não; e sinto-a a inquietar-se um pouco.

— Ah! Marceline! É este pequeno rosário que queres!

Ela esforça-se por sorrir.

— Receias que não cuide suficientemente bem de ti?

— Oh! Meu amigo — murmura ela.

E recordo-me da nossa conversa em Biskra, da sua receosa censura ao ouvir-me rejeitar aquilo a que chamava «a ajuda de Deus». Continuo, com alguma rudeza:

— Curei-me perfeitamente sozinho.

— Rezei tanto por ti — responde ela.

Diz isto com tanta ternura, com tanta tristeza; sinto no seu olhar uma ansiedade suplicante. Agarro no rosário e meto-lho na mão enfraquecida, que repousa sobre o lençol, junto a si. Um olhar carregado de lágrimas e de amor recompensa-me, mas ao qual não consigo responder; detenho-me mais um instante, não sei que fazer, estou embaraçado; por fim, não me contenho mais:

— Adeus — digo-lhe; e saio do quarto, hostil e como se me tivessem expulsado.

Entretanto, a embolia causara distúrbios bastante graves; o horrível coágulo de sangue, que o coração repelira, fatigava e congestionava

os pulmões, obstruindo a respiração, tornando-a difícil e sibilante. A doença tinha entrado em Marceline, doravante habitava-a, marcava-a, manchava-a. Ela era uma coisa arruinada.

III

A estação tornava-se amena. Assim que o meu curso terminou, levei Marceline para La Morinière, por ter afirmado o doutor que todo o perigo urgente passara e que, para a sua convalescença, só lhe faltava um ar mais salubre. Eu próprio precisava muito de repouso. Essas vigílias que fora obrigado a suportar, essa angústia prolongada e sobretudo essa espécie de simpatia física que, aquando da embolia de Marceline, me fizera sentir os terríveis sobressaltos do seu coração, tudo isso me cansara como se eu próprio estivesse doente.

Teria preferido levar Marceline para a montanha; mas ela demonstrou-me o mais vivo desejo em regressar à Normandia, afirmou que nenhum clima lhe faria melhor e lembrou-me de que eu precisava de voltar a ver essas duas quintas de que um pouco temerariamente me encarregara. Persuadiu-me de que, uma vez que me responsabilizara por elas, tinha o dever de fazer com que obtivessem bons resultados. Mal chegámos, incitou-me a percorrer as terras… Não sei se, na sua amigável insistência, não entrava muita abnegação; o temor de que, se assim não fosse, julgando-me retido ao pé dela pelos cuidados que ainda era preciso dar-lhe, eu sentisse insuficiente a minha liberdade… Marceline, entretanto, estava melhor; o sangue recoloria-lhe as faces; e nada me descansava mais do que sentir menos triste o seu sorriso; podia deixá-la sozinha sem por isso ter medo.

Regressei então às quintas. Por lá, faziam-se os primeiros fenos. O

ar carregado de pólenes, de odores atordoou-me ao início como uma bebida capitosa. Pareceu-me que não respirava desde o ano anterior, ou que só respirava poeiras, tão melifluamente penetrava em mim a atmosfera. Do talude onde estava sentado, como que embriagado, dominava La Morinière; via os seus telhados azuis, as águas estagnadas dos fossos; em redor, campos ceifados, outros, cheios de ervas; mais longe, a curva do regato; mais longe, bosques onde, no Outono anterior, passeava a cavalo com Charles. Cantos que ouvia há alguns instantes aproximaram-se; eram apanhadores de feno que estavam de regresso, a forquilha ou o ancinho ao ombro. Esses trabalhadores, e reconheci quase todos, fizeram-me recordar lastimosamente que não estava ali como um viajante fascinado, mas como proprietário. Aproximei-me; sorri-lhes, falei-lhes, inquiri longamente sobre cada um. De manhã, Bocage já me inteirara sobre o estado dos cultivos; através de uma correspondência regular, não deixara de me pôr ao corrente dos menores incidentes nas quintas. A exploração não estava a correr mal; muito melhor do que aquilo que Bocage, ao início, me fizera esperar. Porém, aguardavam-me para algumas decisões importantes, e, durante alguns dias, dirigi tudo o melhor que pude, sem prazer, abandonando a essa aparência de trabalho a minha vida desfeita.

Assim que Marceline ficou suficientemente bem para receber, alguns amigos vieram alojar-se connosco. A sua companhia afectuosa e nada barulhenta soube agradar a Marceline, mas fez com que eu saísse mais naturalmente de casa. Preferia a companhia da gente da quinta; parecia-me que teria mais a aprender com eles; não que os interrogasse muito; não, e mal consigo exprimir essa espécie de alegria que sentia ao pé deles: parecia-me sentir através

deles; e enquanto já previa a conversa dos nossos amigos antes de começarem a falar, só a vista daqueles pobretões causava-me um maravilhamento contínuo.

Se ao início se poderia dizer que me respondiam com toda a condescendência que eu evitava usar ao questioná-los, em breve passaram a suportar melhor a minha presença. Frequentava-os cada vez mais. Não me contentando em segui-los no trabalho, queria vê-los nas suas brincadeiras; os seus obtusos pensamentos não me interessavam muito, mas assistia às suas refeições, ouvia as suas piadas, vigiava amorosamente os seus prazeres. Era uma espécie de simpatia, semelhante à que fazia sobressaltar o meu coração com os sobressaltos de Marceline, um eco imediato de cada sensação estranha, nada vaga, mas precisa, aguda. Sentia nos meus braços a fadiga do ceifeiro; estava cansado com o seu cansaço; a golada de sidra que ele bebia saciava-me; sentia-a a deslizar-me na garganta; um dia, ao amolar a foice, um deles feriu-se profundamente no polegar: senti-lhe a dor até aos ossos.

Parecia-me, assim, que a minha vista já não era a única a revelar-me a paisagem, mas que além disso a sentia por meio de uma espécie de contacto que essa estranha simpatia ilimitava.

A presença de Bocage incomodava-me; quando ele chegava, eu tinha de representar o papel de proprietário, e não encontrava qualquer prazer nisso. Continuava a dar ordens, era necessário, e dirigia à minha maneira os trabalhadores; mas já não montava a cavalo, por receio de evidenciar demasiado o meu domínio sobre eles. Mas, apesar das precauções que tomava para que não ganhassem aversão à minha presença e deixassem de ficar constrangidos à minha frente, mantinha-me, à frente deles, como

dantes, cheio de perversa curiosidade. A existência de cada um deles permanecia misteriosa para mim. Parecia-me sempre que uma parte das suas vidas se escondia. Que faziam eles quando eu já não estava ali? Não conseguia acreditar que sozinhos não se divertissem mais. E atribuía a cada um deles um segredo que teimava em desejar conhecer. Rondava, seguia, espiava. Prendia-me, de preferência, às naturezas mais frustes, como se, da sua obscuridade, aguardasse, para me iluminar, alguma luz.

Havia sobretudo um que me atraía: era bastante bonito, grande, nada estúpido, mas conduzido unicamente pelo instinto; nunca fazia nada que não fosse de súbito e cedia ante qualquer impulso passageiro. Não era daquela região; tinham-no contratado por acaso. Excelente trabalhador durante dois dias, no terceiro embebedava-se até cair de morto. Uma noite, fui vê-lo furtivamente no celeiro; estava espojado no feno; dormia um espesso sono de bêbedo. Olhei para ele durante tanto tempo!… Um belo dia, partiu tal como tinha chegado. Quisera eu saber por que caminhos… Soube nessa própria noite que Bocage o mandara embora. Fiquei furioso com Bocage, ordenei que o chamassem.

— Parece que mandou Pierre embora — comecei. — Quer dizer-me porquê?

Um pouco atrapalhado com a minha cólera, a qual, no entanto, dava o meu melhor para atenuar, respondeu:

— O senhor não haveria de querer manter por aqui um bêbedo desonesto que desencaminhava os melhores trabalhadores.

— Sei melhor do que você quem é que quero manter.

— Um vadio! Nem se sabe de onde vem. Cá na terra, isso não

dava boa impressão dele. Quando, uma noite destas, ele tivesse pegado fogo ao celeiro, aí talvez o senhor ficasse contente.

— Mas, no fim de contas, isso diz-me respeito é a mim, e parece-me que a quinta é minha; administro-a como me apetecer. No futuro, fará o obséquio de me informar sobre os seus motivos antes de despedir alguém.

Bocage, já o disse, conhecera-me quando eu era criança; por mais desagradável que fosse o tom das minhas palavras, gostava demasiado de mim para se zangar realmente comigo. E, além disso, não me levava suficientemente a sério. O mais das vezes, o camponês normando não dá credibilidade àquilo cujo móbil não descortina, isto é, aquilo que não conduz ao lucro. Bocage considerava esta querela simplesmente um capricho.

No entanto, não quis cortar a conversa com uma repreensão e, sentindo que fora demasiado impulsivo, procurava algo que pudesse acrescentar.

— O seu filho Charles não vai regressar em breve? — decidi-me a perguntar, após um momento de silêncio.

— Pensava que o senhor se tinha esquecido do rapaz, tendo em conta que nunca mais se preocupou com ele — disse Bocage, ainda magoado.

— Eu, esquecê-lo, Bocage? E como é que poderia esquecê-lo, depois de tudo o que fizemos juntos no ano passado? Na verdade, estou a contar com ele aqui nas quintas…

— O senhor é muito bom. O Charles deve voltar daqui a oito dias.

— Bem, fico feliz por isso, Bocage. — E mandei-o embora.

Bocage tinha quase razão: é certo que não me esquecera de Charles, mas pouco me preocupara com ele. Como explicar que,

após uma camaradaria tão fogosa, já não sentisse a seu respeito senão uma pesarosa incuriosidade? É que as minhas ocupações e os meus gostos já não eram os do ano anterior. As minhas duas quintas, havia que confessá-lo para mim próprio, não me interessavam tanto como as pessoas que lá empregava; e, para as frequentar, a presença de Charles seria incómoda. Ele era excessivamente sensato e fazia-se respeitar demasiado. Então, apesar da viva emoção que a sua recordação despertava em mim, era com receio que via aproximar-se o seu regresso.

Voltou. Ah! Tinha razão em recear, e Ménalque é que fazia bem em renegar qualquer recordação! Vi entrar, no lugar de Charles, um senhor absurdo, com um ridículo chapéu de coco. Deus! Como tinha mudado! Embaraçado, constrangido, tentei, no entanto, não responder com demasiada frieza à alegria que ele demonstrava por me voltar a ver; mas mesmo essa alegria me desagradou; era desajeitada, e não me pareceu sincera. Recebi-o no salão e, como era tarde, não lhe distingui bem o rosto; mas, quando trouxeram o candeeiro, vi com repulsa que ele deixara crescer as suíças.

A conversa, nessa noite, foi bastante triste; depois, como sabia que ele estaria sempre nas quintas, evitei, durante quase oito dias, ir até lá, e virei-me para os meus estudos e para a companhia dos meus hóspedes. Depois, mal comecei a sair, fui requerido por uma ocupação completamente nova:

Os bosques tinham sido invadidos por lenhadores. Todos os anos, vendia-se uma parte; divididos em doze partes iguais, os bosques forneciam, todos os anos, com algumas árvores de doze anos, altas, que não se esperava que crescessem mais, alguma lenha que se metia em feixes.

Esse trabalho fazia-se no Inverno, já que antes da Primavera, segundo as cláusulas da venda, os lenhadores deviam ter terminado o abate. Mas a incúria do velho Heurtevent, o negociador de lenha que dirigia a operação, era tal que, por vezes, a Primavera chegava com o mato ainda bastante obstruído; viam-se então novos rebentos frágeis a alongarem-se através das ramadas mortas, e, quando finalmente os lenhadores limpavam o terreno, não o faziam sem danificar inúmeros brotos.

Nesse ano, a negligência do velho Heurtevent, o negociante, ultrapassou os nossos receios. Na ausência de qualquer oferta melhor, tivera de lhe confiar o abate a um preço baixíssimo; de modo que, seguro de ter ali um dinheiro garantido, não se apressava em cortar uma lenha pela qual pagara tão pouco. E, de semana a semana, adiava o trabalho, umas vezes pretextando a ausência de trabalhadores, outras vezes o mau tempo, depois um cavalo doente, serviços, outros trabalhos… sei lá. De modo que, a meio do Verão, ainda não tinham levado lenha nenhuma.

O que, no ano precedente, me irritara ao mais alto nível, nesse ano deixava-me bastante calmo; não omitia o prejuízo que Heurtevent me causava; mas esses bosques, assim devastados, eram bonitos, e passeava-me neles com prazer, espiando, vigiando a caça, surpreendendo as víboras, e, por vezes, sentando-me demoradamente num dos troncos deitados, que parecia ainda viver e que brotava, através das suas feridas, alguns raminhos verdes.

Depois, de repente, lá para o meio da primeira quinzena de Agosto, Heurtevent decidiu-se a enviar os seus homens. Vieram aos seis de cada vez, pretendendo acabar todo o trabalho em dez dias. A parte explorada dos bosques chegava quase a La Valterie; e aceitei,

para facilitar o trabalho dos lenhadores, que lhes trouxessem as refeições da quinta. Quem ficou encarregado dessa responsabilidade foi um fulano chamado Bute, que o regimento acabava de nos devolver completamente corrompido — refiro-me ao espírito, pois o seu corpo estava um espanto; era um daqueles com quem mais gostava de falar. Pude assim voltar a vê-lo sem para isso ter de ir à quinta. Pois foi precisamente nessa altura que recomecei a sair. E, durante alguns dias, não larguei os bosques, só voltando a La Morinière na hora das refeições, e muitas vezes fazendo-me esperar. Fingia vigiar o trabalho, mas, na verdade, observava apenas os trabalhadores.

Por vezes, a esse grupo de seis homens juntavam-se dois dos filhos de Heurtevent; um com vinte anos, outro com quinze, esguios, encurvados, os traços duros. Pareciam estrangeiros, e soube mais tarde que, de facto, a sua mãe era espanhola. Primeiro, fiquei admirado com a vinda dela para ali, mas Heurtevent, um completo vagabundo na sua juventude, tinha-a, ao que parecia, desposado em Espanha. Era, por isso, muito malvisto na região. A primeira vez que encontrei o mais novo dos filhos foi, lembro-me, debaixo de chuva; ele estava sozinho, sentado em cima de uma carroça com uma pilha de feixes; e ali, todo recostado por entre os ramos, cantava, ou antes, berrava uma espécie de canto bizarro que eu nunca ouvira na região. Os cavalos que puxavam a carroça conheciam o caminho, avançavam sem serem conduzidos. Não posso dizer o efeito que esse canto produziu em mim; pois só em África ouvira algo parecido… O pequeno, entusiasmado, parecia embriagado; quando passei, nem sequer olhou para mim. No dia seguinte, soube que era um dos filhos de Heurtevent. Era para o

rever, ou pelo menos para o aguardar, que me demorava assim na zona do abate. Não tardou, acabaram de a limpar. Os rapazes Heurtevent vieram apenas três vezes. Pareciam arrogantes, e não consegui obter uma única palavra deles.

Bute, pelo contrário, adorava falar; fiz logo com que compreendesse o que podia dizer ao pé de mim; desde então, não se acanhou mais e pôs toda a região a descoberto. Avidamente, debrucei-me sobre o seu mistério. Ao mesmo tempo, ele excedia a minha esperança, e não me satisfazia. Seria então isso que ressoava sob a aparência?, ou talvez não passasse de uma nova hipocrisia? Pouco importa! E interrogava Bute, como fizera com as informes crónicas dos godos. Dos seus relatos saía um turvo vapor de abismo que já me subia à cabeça e que eu aspirava com inquietação. Foi por ele que soube primeiro que Heurtevent dormia com a filha. Temia, se manifestasse a menor desaprovação, parar com todas as confidências; então, sorri; a curiosidade incitava-me.

— E a mãe? Não diz nada?

— A mãe! Morreu há doze anos… Ele batia-lhe.

— Quantos filhos são?

— Cinco. Você viu o mais velho e o mais novo. Há ainda um de dezasseis anos, que é fracote e que se quer fazer padre. E depois há a filha mais velha, que já tem dois filhos do pai…

E soube, a pouco e pouco, muitas outras coisas que faziam da casa Heurtevent um lugar ardente, de odor forte, à volta do qual, por mais que a tentasse travar, a minha imaginação remoinhava como uma mosca à volta da carne: uma noite, o filho mais velho tentou violar uma jovem criada; e, enquanto esta se debatia, o pai, intervindo, ajudou o filho e dominou-a com as suas mãos enormes;

entretanto, o segundo filho, no piso de cima, continuava ternamente as suas rezas, e o mais novo, testemunha do drama, divertia-se. Quanto à violação, imagino que não tenha sido muito difícil, pois Bute contava-me ainda que, pouco tempo depois, a criada, tendo-lhe tomado o gosto, tentara desencaminhar o pequeno padre.

— E a tentativa resultou? — perguntei.

— Ele ainda resiste, mas vai-lhe custando cada vez mais.

— Não disseste que ele tinha outra filha?

— Que vai com qualquer um; e nem é preciso pedir. Quando lhe dá para aí, se fosse preciso, até pagava. Mas nada de o fazer em casa do pai; matava-a à pancada. Diz ele que em família se tem o direito de fazer o que se quer, mas não com os de fora. Pierre, o moço da quinta que você despediu, não se gabou disso, mas uma noite saiu de lá com um buraco na cabeça. Desde aí, vai-se trabalhar para a mata do castelo.

Então, encorajando-o com o olhar:

— Já experimentaste? — perguntei.

Por formalidade, baixou os olhos e disse, gracejando:

— Algumas vezes. — Depois, tornando a levantar rapidamente os olhos: — O mais novo do velho Bocage também.

— Qual mais novo do velho Bocage?

— Alcide, o que dorme na quinta. O senhor não o conhece?

Eu estava absolutamente estupefacto por saber que Bocage tinha outro filho.

— É verdade que — continuou Bute —, no ano passado, ele ainda estava em casa do tio. Mas é de admirar que o senhor ainda não o tenha encontrado no bosque; quase todos os fins de tarde, anda por lá a caçar à socapa.

Bute dissera estas palavras mais baixo. Olhou-me fixamente, e compreendi que era urgente sorrir. Então, Bute, satisfeito, continuou:

— Caramba, o senhor sabe bem que se caça à socapa nos seus terrenos! Bah! O mato é tão grande que isso não lhe faz grande mossa…

Mostrei-me tão pouco descontente que Bute, muito depressa, encorajado e, é o que hoje penso, feliz por prejudicar um pouco Bocage, indicou, numa certa cova, os laços armados por Alcide, depois mostrou-me um sítio na sebe onde eu talvez pudesse surpreendê-lo. Era, no cimo de um talude, um buraco estreito na sebe que limitava as terras e pelo qual Alcide estava acostumado a deslizar por volta das seis horas. Ali, Bute e eu, muito divertidos, estendemos um fio de cobre, muito bem dissimulado. Depois, fazendo-me jurar que o não denunciaria, Bute foi-se embora, não querendo comprometer-se. Deitei-me na borda oposta do talude; esperei.

E, durante três fins de tarde, esperei em vão. Comecei a acreditar que Bute se tinha divertido à minha custa. Finalmente, no quarto fim de tarde, ouço um passo muito leve a aproximar-se. O meu coração bate, e subitamente constato a terrível volúpia daquele que caça às escondidas… O laço está tão bem colocado que Alcide vai direitinho a ele. De repente, vejo-o a estatelar-se, o tornozelo preso. Quer libertar-se; cai e debate-se como uma presa. Mas já o apanhei. É um gaiato feroz, de olho verde, cabelos desgrenhados, expressão matreira. Atira-me pontapés; depois, imobilizado, tenta morder-me e, como não consegue, começa a lançar-me à cara as mais extraordinárias injúrias que até então ouvi. Por fim, não aguento

mais; rebento a rir. Então, ele pára, de súbito, olha para mim e, num tom mais baixo, diz:

— Seu brutamontes, aleijaste-me.

— Deixa ver.

Faz deslizar as meias para cima das galochas e mostra o tornozelo onde mal se distingue um leve risco um pouco cor-de-rosa.

— Isso não é nada.

Sorri um pouco; depois, manhosamente:

— Vou dizer ao meu pai que é o senhor que arma os laços.

— Oh! Este é um dos teus!

— Pois. Claro que este não foi você que o pôs aqui.

— Então porquê?

— Não o saberia fazer tão bem. Mostre-me lá como é que faz.

— Ensina-me…

Nessa noite, voltei a casa muito tarde, para jantar, e, como não sabiam onde eu andava, Marceline estava inquieta. No entanto, não lhe contei que montara seis armadilhas e que, longe de repreender Alcide, lhe dera dez soldos.

No dia seguinte, indo com ele recolher esses laços armados, tive a alegria de encontrar dois coelhos nas armadilhas; naturalmente, deixei-o ficar com eles. A época de caça ainda não abrira. Que aconteceria então àquela caça, que não se podia mostrar sem comprometer quem a possuísse? Foi o que Alcide se recusou a confessar-me. Por fim, soube, outra vez por Bute, que Heurtevent era um experiente receptador, e que entre Alcide e ele servia de intermediário o mais novo dos filhos. Iria eu então, deste modo, penetrar mais fundo no seio daquela família arisca? Com que paixão também eu caçava ilegalmente!

Encontrava-me com Alcide todos os fins de tarde; apanhámos um grande número de coelhos e uma vez até uma corça: estava ainda debilmente viva… não é sem horror que me recordo da alegria que Alcide teve ao matá-la. Colocámos essa corça num local seguro, onde o Heurtevent filho pôde recolhê-la durante a noite.

Desde então, já não tinha tanta vontade em sair de dia, quando os bosques vazios me ofereciam menos atracções. Tentei inclusive trabalhar; triste trabalho sem objectivo — pois recusara, desde o fim do meu curso, continuar na função de substituto —, trabalho ingrato e do qual amiúde me distraía o menor canto, o menor ruído no campo; qualquer grito se me evidenciava um chamamento. Quantas vezes corri da minha leitura até à janela para não ver ninguém a passar! Quantas vezes, saindo de repente… A única atenção de que me sentia capaz era a de todos os meus sentidos.

Mas quando a noite caía — e a noite, agora, caía depressa —, chegava a nossa hora, de cuja beleza eu não suspeitara até então; e saía como entram os ladrões. Ganhava olhos de pássaro nocturno. Admirava as ervas mais agitadas e altas, as árvores engrossadas. A noite aprofundava tudo, apartava, tornava o solo distante e todas as superfícies passavam a ser fundas. O atalho mais simples parecia perigoso. Sentia-se despertar por todo o lado as coisas que viviam numa existência tenebrosa.

— Onde é que o teu pai acha que estás neste momento?

— A guardar os animais no estábulo.

Alcide dormia lá, eu sabia-o, ao pé dos pombos e das galinhas; quando o fechavam, à noite, saía por um buraco no telhado; conservava nas roupas um odor quente das aves de capoeira…

Depois, repentinamente, e assim que a caça era recolhida,

precipitava-se na noite como para um alçapão, sem um gesto de adeus, sem sequer me dizer até amanhã. Eu sabia que antes de regressar à quinta, onde os cães, à sua passagem, se calavam, ele se encontrava com o Heurtevent mais novo e lhe entregava o alimento. Mas onde? Era o que o meu desejo não conseguia descobrir: ameaças e estratagemas fracassaram; os Heurtevent não se deixavam aproximar. E não sei onde é que a minha loucura era mais evidente: em perseguir um mistério medíocre que recuava sempre diante de mim?, ou talvez até em inventar o mistério por sentir tanta curiosidade? — Mas que fazia Alcide ao deixar-me? Dormia realmente na quinta? Ou apenas o fazia crer ao rendeiro? Ah! Por mais que me expusesse, não conseguia nada senão diminuir ainda mais o seu respeito, sem aumentar a sua confiança; e isso enraivecia-me e desolava-me ao mesmo tempo…

Assim que ele desaparecia, de súbito, eu ficava terrivelmente só; e regressava a casa através dos campos, através das ervas pesadas do orvalho, ébrio de noite, de vida selvagem e de anarquia, encharcado, enlameado, coberto de folhas. Ao longe, na La Morinière adormecida, parecia guiar-me, como um farol pacífico, o candeeiro do meu quarto de estudo, onde Marceline me julgava fechado, ou o do quarto de Marceline, quem tinha persuadido de que, sem sair assim durante a noite, não conseguiria adormecer. Era verdade: tinha horror à minha cama, e teria preferido o celeiro.

Naquele ano, a caça abundava. Sucederam-se coelhos, lebres, faisões. Vendo tudo a correr como desejado, Bute, ao fim de três dias, ganhou o gosto de se juntar a nós.

No sexto fim de tarde de caça ilegal, só encontrámos dois dos

doze laços; tinha havido uma rapina durante o dia. Bute pediu-me cem soldos para comprar fio de cobre, visto que o arame não valia nada.

No dia seguinte, tive o prazer de ver os meus dez laços em casa de Bocage, e tive de aplaudir o seu zelo. O pior era que, no ano anterior, eu prometera irreflectidamente dez soldos por cada laço apanhado; tive de dar cem a Bocage. Entretanto, com os seus cem soldos, Bute comprou o fio de cobre. Quatro dias depois, a mesma história; dez novos laços apanhados. Novamente, cem soldos para Bute; novamente, cem soldos para Bocage. E quando lhe dou os parabéns:

— Não é a mim que tem de dar os parabéns — diz ele. — É ao Alcide.

— Oh! — Demasiado espanto pode ser a nossa perdição; contive-me.

— Sim — continua Bocage —; que quer, senhor, já vou para velho e sou muito solicitado na quinta. O pequeno corta-me a lenha; conhece os bosques; é manhoso, e sabe melhor do que eu onde é que deve procurar e encontrar as armadilhas.

— Acredito que sim, Bocage.

— Então, por cada dez soldos que o senhor me dá, eu deixo-lhe cinco soldos por armadilha.

— Certamente que os merece. Nada mal! Vinte laços em cinco dias! Trabalhou bem. Os caçadores têm de ter cuidado. Aposto que vão ter muito tempo para descansar.

— Oh! Senhor, quanto mais se apanha, mais se encontra. A caça este ano está a vender-se cara, e pelos poucos tostões que lhes custa…

Aldrabam-me tão bem que por pouco não acreditei que Bocage estava feito com eles. E o que me ofende nesse assunto não é o triplo comércio de Alcide, é vê-lo enganar-me assim. E depois, que fazem do dinheiro, Bute e ele? Não sei de nada; nunca saberei de nada em relação àqueles seres. Mentirão sempre, enganar-me-ão só porque sim. Nessa noite, não são cem soldos, são dez francos que dou a Bute: previno-o de que é última vez e que se os laços forem novamente apanhados, tanto pior.

No dia seguinte, vejo chegar Bocage; parece muito atrapalhado; fico logo ainda mais do que ele. Mas que se passou? E Bocage informa-me de que Bute só voltou à quinta nas primeiras horas da manhã; Bute está bêbedo como um cacho; às primeiras palavras que lhe disse Bocage, Bute insultou-o porcamente, depois atirou-se a ele, bateu-lhe.

— Enfim — diz-me Bocage —, vinha saber se o senhor me autoriza — demora-se um pouco nesta palavra — a mandá-lo embora.

— Vou pensar nisso, Bocage. Lamento muito que ele lhe tenha faltado ao respeito. Percebo. Deixe-me pensar sozinho; e volte daqui a duas horas. — Bocage sai.

Manter Bute é falhar penosamente com Bocage; expulsar Bute é incitá-lo a vingar-se… Azar; que seja o que tiver de ser; de qualquer maneira, sou o único culpado… E assim que Bocage volta:

— Pode dizer ao Bute que não o queremos mais aqui.

Depois, espero. Que faz Bocage? Que diz Bute? — E apenas à noite me chegam alguns ecos do escândalo. Bute falou. Compreendo-o antes de mais pelos gritos que ouço vindos da casa de Bocage; estão a bater no pequeno Alcide. Bocage há-de vir; vem;

ouço o seu velho passo aproximar-se, e o meu coração bate ainda mais forte do que batia na caça. Momento insuportável! Todos os grandes sentimentos virão ao de cima; serei forçado a levá-los a sério. Que explicações inventar? Vou representar tão mal! Ah! Gostaria de ceder o meu papel… Bocage entra. Não compreendo rigorosamente nada do que diz. É absurdo: peço-lhe que comece do início. No fim, percebo isto: ele acha que Bute é o único culpado; escapa-lhe a incrível verdade; que dei dez francos a Bute, e para quê? É demasiado normando para o admitir. Os dez francos, Bute roubou-os, tem a certeza disso; afirmando que fui eu que lhos dei, acrescenta a mentira ao roubo; uma história para proteger o roubo; ao Bocage é que não enganam. Das caçadas ilegais já nem se fala. Se Bocage batia em Alcide, era porque o pequeno ia dormir noutro lado.

Bem! Estou salvo; pelo menos perante Bocage, está tudo bem. Que imbecil, esse Bute! É claro que naquela noite não tenho grande vontade de ir caçar.

Julgava já tudo terminado, mas, uma hora depois, chega Charles. Não está com ar de brincadeiras; logo de longe sinto que me vai maçar mais do que o pai. Quem diria que no ano passado…

— Ora bem! Charles, há muito tempo que não te víamos.

— Se o senhor quisesse ver-me, bastava vir à quinta. Que raio, não é nem no mato nem de noite que passo o meu tempo.

— Ah! O teu pai contou-te…

— O meu pai não me contou nada porque não sabe nada. Que necessidade é que haveria de ter, com a idade dele, de saber que o patrão anda a gozá-lo?

— Atenção, Charles! Estás a ir longe de mais…

— Oh, raios! Você é que é o patrão, faz o que lhe apetece.

— Charles, sabes perfeitamente que não me ri de ninguém, e se faço o que me apetece, é porque só me prejudica a mim.

Encolheu ligeiramente os ombros.

— Como é que quer que defendamos os seus interesses, quando você próprio os ataca? Não pode proteger ao mesmo tempo o guarda e o caçador.

— Porquê?

— Porque então… ah! Olhe, senhor, tudo isto é demasiado manhoso para mim, e simplesmente não me agrada ver o meu patrão a juntar-se ao bando dos que deviam estar presos e a desfazer com eles o trabalho que fizemos por ele.

E Charles diz isto numa voz cada vez mais firme. Comporta-se quase com nobreza. Noto que cortou as suíças. O que diz é, além disso, bastante justo. E como eu continuava calado (que lhe diria eu?), ele continua:

— Temos deveres em relação ao que possuímos, foi o que o senhor me ensinou no ano passado, mas parece tê-lo esquecido. É mister levar os seus deveres a sério e recusar brincar com… ou então é porque não merecemos o que possuímos.

Um silêncio.

— É tudo o que tens para dizer?

— Por esta noite, sim, senhor; noutra, se o senhor me forçar a isso, talvez venha aqui dizer-lhe que eu e o meu pai nos vamos embora de La Morinière.

E saiu, cumprimentando-me com uma voz muito baixa. Mal tive tempo para reflectir:

— Charles! — Por Deus!, ele tem razão… Oh! Oh! Mas se é a isto

que chamamos possuir!… — Charles. — E corro para junto dele; alcanço-o na noite, e, muito depressa, como que para assegurar a minha súbita decisão, digo-lhe:

— Podes anunciar ao teu pai que ponho a La Morinière à venda.

Charles saúda-me gravemente e afasta-se sem dizer uma palavra.

Tudo isto é absurdo! Absurdo!

Marceline, nessa noite, não consegue descer para jantar e manda-me dizer que está indisposta. Subo à pressa e cheio de ansiedade até ao seu quarto. Ela serena-me logo.

— É só uma constipação — supõe. Apanhou frio.

— Não podias tapar-te?

— Pus logo o meu xaile assim que me arrepiei a primeira vez.

— Não era depois de te arrepiares que devias pô-lo, era antes.

Olha para mim, tenta sorrir. Ah! Talvez um dia com tão mau começo me disponha à angústia; se ela me tivesse perguntado em voz alta: «Queres assim tanto que eu viva?», não a teria compreendido melhor. Decididamente, tudo se desfazia à minha volta; de tudo aquilo em que a minha mão agarra, não há nada que a minha mão consiga reter. Lanço-me para Marceline e cubro-lhe de beijos as têmporas pálidas. Então, não se contém mais e soluça no meu ombro…

— Oh! Marceline! Marceline! Vamos embora daqui. Noutro lugar, amar-te-ei como te amava em Sorrento. Julgas que mudei, não é? Mas, noutro lugar, sentirás verdadeiramente que nada mudou o nosso amor…

E se ainda não curo a sua tristeza, como ela se agarra já à esperança!…

A estação não ia avançada, mas estava húmido e frio, e os últimos botões das roseiras apodreciam sem ter conseguido desabrochar. Os nossos convidados tinham-nos deixado há muito tempo. Marceline não se sentia tão mal que não conseguisse ocupar-se dos preparativos para abandonarmos a casa, e cinco dias depois fomos embora.

TERCEIRA PARTE

Tentei então, mais uma vez, fechar o meu amor na minha mão. Mas que necessidade é que eu tinha de uma felicidade tranquila? A que me dava e que representava para mim Marceline era como um repouso para quem não se sente cansado. Mas como sentia que ela estava exausta e precisava do meu amor, envolvi-a com ele e fingi que era uma necessidade que eu próprio tinha. Sentia intoleravelmente o seu sofrimento; era para a curar dele que a amava.

Ah! Cuidados apaixonados, ternas vigílias! Como outros exacerbam a sua fé exagerando-lhe as práticas, assim eu desenvolvia o meu amor. E Marceline, digo-vos eu, agarrava-se prontamente à esperança. Havia ainda tanta juventude nela; em mim, tantas promessas, acreditava ela. Fugimos de Paris como que para umas novas núpcias. Mas, logo no primeiro dia da viagem, ela começou a sentir-se muito pior; em Neuchâtel, tivemos de parar.

Como eu gosto desse lago de margens glaucas!, sem nada de alpestre, e cujas águas, como as de um lodaçal, se misturam com a terra e se infiltram entre os caniços. Consegui encontrar para Marceline, num hotel muito confortável, um quarto com vista para o lago; fiquei com ela o dia todo.

Ela estava tão mal que, logo no dia seguinte, mandei chamar um médico de Lausana. Ele preocupou-se, muito inutilmente, em saber se eu conhecia, na família da minha mulher, outros casos de tuberculose. Respondi que sim; no entanto, não os conhecia; mas

desagradava-me dizer que eu próprio estivera quase condenado por essa doença e que, antes de me ter tratado, Marceline nunca estivera doente. E atribuí tudo à embolia, ainda que o médico só quisesse considerá-la uma causa ocasional e afirmasse que o mal datava de muito antes. Aconselhou-nos vivamente o ar puro dos altos Alpes, onde Marceline, afirmava ele, se curaria; e como o meu desejo era precisamente o de passar todo o Inverno em Engadina, assim que Marceline ficou suficientemente bem para suportar a viagem, tornámos a partir.

Recordo-me, como se fossem acontecimentos, de cada sensação do caminho. O tempo estava límpido e frio; tínhamos levado os agasalhos mais quentes. Em Coira, a algazarra no hotel impediu-nos quase completamente de dormir. Da minha parte, teria aceitado alegremente uma noite em branco, com a qual não me sentiria cansado; mas Marceline… E não me irritava tanto com esse barulho como com o facto de ela não ter conseguido pegar no sono, apesar desse mesmo barulho. Ela que precisava tanto! No dia seguinte, partimos antes do amanhecer; tínhamos reservado os lugares do *coupé* na diligência de Coira; as mudas bem organizadas permitiram-nos chegar a Saint-Moritz num dia.

Tiefenkasten, o Julier, Samaden… Recordo-me de tudo, hora por hora; da qualidade inesperada e da inclemência do ar; do som dos guizos dos cavalos; da minha fome; da paragem ao meio-dia diante da pousada; do ovo cru que abri na sopa, do pão trigueiro e da frieza do vinho acre. Aqueles pratos grosseiros eram desapropriados para Marceline; pouco mais conseguiu comer do que uns biscoitos secos que felizmente eu comprara no caminho. Revejo o cair do dia, a rápida ascensão da sombra contra os declives das florestas;

depois, mais uma paragem. O ar tornando-se cada vez mais fresco e puro. Quando a diligência pára, mergulhamos até ao coração da noite, no silêncio límpido; límpido… não há outra palavra. O menor ruído ganha, naquela estranha transparência, a sua qualidade perfeita e a sua plena sonoridade. Tornamos a partir na noite. Marceline tosse… Oh! Não parará de tossir? Volto a pensar na diligência de Susa. Parece-me que eu tossia melhor do que aquilo. Ela fazia demasiados esforços… Como parecia débil e mudada; na sombra, assim, mal conseguia reconhecê-la. Como os seus traços estavam abatidos! Era afinal aquele o aspecto dos dois buracos pretos das suas narinas? — Tosse horrivelmente. É o mais claro resultado dos seus cuidados. Tenho horror à simpatia; todos os contágios se escondem aí; só deveríamos simpatizar com os fortes. — Oh! Na verdade, ela já não aguenta mais! Será que chegaremos em breve?… Que está ela a fazer?… Agarra no seu lenço; leva-o aos lábios; vira-se… Horror! Também cuspirá sangue? — Brutalmente, arranco-lhe o lenço das mãos. Debaixo da semiobscuridade da lanterna, observo… Nada. Mas revelei de modo excessivo a minha angústia; Marceline esforça-se tristemente por sorrir e murmura:

— Não; ainda não.

Por fim, chegamos. Mesmo a tempo; ela mal se aguenta de pé. Os quartos que nos prepararam não me satisfazem; passaremos neles a noite, depois, amanhã, trocaremos de quartos. Nada me parece nem demasiado belo, nem demasiado caro. E como a estação de Inverno ainda não começou, o imenso hotel encontra-se praticamente vazio; posso escolher. Fico com dois quartos espaçosos, claros e mobilados com simplicidade; um grande salão contíguo, terminando numa larga sacada de onde se pode ver o hediondo lago azul e não sei

que monte brutal de declives ou demasiado arborizados ou demasiado nus. É ali que nos servirão as refeições. O apartamento é caríssimo, mas que me importa! Já não tenho o meu curso, é verdade, mas vendo a La Morinière. E depois logo se vê. Além disso, para que preciso de dinheiro? Para que preciso de tudo isso? Tornei-me forte, agora. Penso que uma completa alteração na fortuna deve educar tanto quanto uma completa alteração na saúde. Marceline, ela, precisa do luxo; é frágil. Ah! Por ela, quero despender tanto e tanto que… E ganhava ao mesmo tempo horror e gosto por aquele luxo. Lavava nele, banhava nele a minha sensualidade, depois desejava-a vagabunda.

Entretanto, Marceline melhorava, e os meus cuidados constantes eram bem-sucedidos. Como ela tinha dificuldade em comer, eu encomendava, para lhe estimular o apetite, pratos delicados, aliciantes; bebíamos os melhores vinhos. Persuadia-me de que ela lhes tomava gosto, por eu tanto gostar daquelas colheitas estrangeiras, experimentávamo-las todos os dias. Eram vinhos ásperos do Reno; Tokays quase xaroposos que me preenchiam com a sua virtude capitosa. Recordo-me de um estranho Barba-Grisca de que apenas restava uma garrafa, por isso não pude saber se o seu sabor extravagante seria encontrado também nas outras.

Saíamos todos os dias na carruagem; depois no trenó, quando a neve caiu, envolvidos em agasalhos até ao pescoço. Regressava com a cara afogueada, cheio de apetite, e depois, de sono. Todavia, não renunciava a todos os trabalhos e arranjava, a cada dia, mais do que uma hora para meditar naquilo que sentia dever dizer. Já não se tratava de história; já há muito tempo que os meus estudos históricos tinham deixado de me interessar senão enquanto um meio

de investigação psicológica. Já disse como me apaixonei de novo pelo passado, quando acreditei ver nele semelhanças perturbantes; ousara pretender, à força de insistir com os mortos, obter deles alguma secreta indicação acerca da vida… Agora, o jovem Atalarico, ele próprio, podia, para me falar, levantar-se do túmulo; eu já não escutava o passado. E como é que uma resposta antiga satisfaria a minha nova questão: que é que o homem ainda pode fazer? Era o que me importava saber. O que o homem dissera até ali era tudo o que ele podia dizer? Não havia nada que ele tivesse ignorado sobre si próprio? Só lhe resta repetir-se?… E todos os dias crescia em mim o confuso sentimento de riquezas intactas que cobriam, escondiam, abafavam as culturas, as decências, as morais.

Parecia-me então que eu nascera para um género desconhecido de descobertas; e apaixonava-me estranhamente na minha busca tenebrosa, graças à qual sabia que aquele que busca deve abjurar e afastar de si a cultura, a decência e a moral.

Chegava a apreciar nos outros apenas as manifestações mais selvagens, a deplorar que um constrangimento qualquer as reprimisse. Por pouco não via na honestidade senão restrições, convenções ou medo. Ter-me-ia agradado prezá-la como uma dificuldade rara; os nossos costumes tinham-lhe dado a forma mútua e banal de um contrato. Na Suíça, ela faz parte do conforto. Compreendia que Marceline precisasse dela, mas, no entanto, não lhe escondia o novo curso dos meus pensamentos. Já em Neuchâtel, quando ela elogiava essa honestidade que aí transpira das paredes e dos rostos, eu retorquia:

— A minha chega-me perfeitamente; tenho horror a pessoas honestas. Se nada tenho a recear dessas pessoas, também nada

tenho a aprender com elas. E, além disso, não têm nada para dizer… O honesto povo suíço! Portar-se bem não lhe vale de nada… Sem crimes, sem história, sem literatura, sem artes, é uma robusta roseira sem espinhos nem flores…

E que aquele país honesto me aborrecia era o que já sabia, mas, ao fim de dois meses, tornando-se esse aborrecimento uma espécie de raiva, já só pensava em partir.

Estávamos a meio de Janeiro. Marceline estava melhor, muito melhor; a pequena febre contínua que a consumia lentamente tinha-se extinguido; um sangue mais fresco recoloria-lhe as faces; ela recuperava a vontade de andar, ainda que o fizesse com moderação; não ficava, como dantes, constantemente exausta. Não tive grande dificuldade em persuadi-la de que já tínhamos retirado todos os benefícios daquele ar tónico e que, de momento, nada lhe faria melhor do que descer para Itália, onde a tépida benevolência da Primavera curá-la-ia de vez — e sobretudo não tive grande dificuldade em persuadir-me a mim próprio de que estava enfadado com aquelas alturas.

E, contudo, agora que, na minha ociosidade, o passado detestado recupera a sua força, são essas recordações, entre todas as outras, que me deixam obcecado. Percursos rápidos em trenó, chicotadas alegres no ar seco, salpicos da neve, apetite; caminhadas incertas no nevoeiro, sonoridades bizarras das vozes, bruscas aparições dos objectos; leituras no salão bem calafetado, paisagens através do vidro, paisagens geladas; trágica espera da neve; desaparição do mundo exterior, voluptuoso recolhimento dos pensamentos… Oh, patinar de novo com ela, lá, sós, no pequeno lago puro, rodeado de larícios, perdido; depois, regressar com ela ao cair da noite…

A ida para Itália teve para mim todas as vertigens de uma queda. O tempo estava bom. À medida que penetrávamos num ar mais tépido e denso, as árvores rígidas dos cumes, os larícios e os abetos regulares davam lugar a uma vegetação rica de uma graciosidade macia e ligeireza. Parecia-me que abandonava a abstracção pela vida e, ainda que estivéssemos no Inverno, imaginava perfumes por todo o lado. Ah! Por demasiado tempo, ríramos apenas para as sombras! A minha privação embebedava-me, e era de sede que eu estava ébrio, como outros ficam ébrios de vinho. A reserva da minha vida era admirável; no limiar dessa terra tolerante e prometedora, todos os meus apetites flamejavam. Dilatava-me uma enorme reserva de amor; por vezes, afluía do fundo da minha carne até à minha cabeça e desinibia-me os pensamentos.

Essa ilusão de Primavera durou pouco. A brusca mudança de altitude perturbara-me durante um instante, mas, assim que deixámos as margens abrigadas dos lagos, Bellagio, Como, onde nos demorámos alguns dias, encontrámos o Inverno e a chuva. O frio que suportámos bem em Engadina, já não seco e ligeiro como nas alturas, mas agora húmido e desagradável, começou a fazer-nos sofrer. Marceline voltou a tossir. Então, para fugir do frio, descemos mais para sul: deixámos Milão rumo a Florença, de Florença fomos para Roma, de Roma, para Nápoles, que, debaixo da chuva de Inverno, é verdadeiramente a cidade mais lúgubre que conheço. Arrastava comigo um tédio sem nome. Voltámos a Roma, para procurar, na ausência de calor, uma aparência de conforto. No monte Píncio, arrendámos um apartamento demasiado vasto, mas admiravelmente bem situado. Já em Florença, descontentes com os hotéis, tínhamos arrendado, por três meses, uma requintada vivenda

na Viale dei Celli. Outra pessoa teria desejado viver ali para sempre. Não ficámos sequer vinte dias. Entretanto, a cada paragem nova, eu tinha o cuidado de arranjar tudo, como se já não nos fôssemos embora dali. Impelia-me um demónio mais forte. Acrescentem a isto que não levávamos menos de oito malas. Havia uma só com livros e que, durante toda a viagem, não abri sequer uma vez.

Não admitia que Marceline se ocupasse com os nossos gastos nem tentasse moderá-los. Decerto que eram excessivos, eu sabia-o, e que não poderiam durar. Deixara de contar com o dinheiro da La Morinière; já não rendia nada, e Bocage escrevia que não encontrava comprador. Mas qualquer consideração acerca do futuro só me fazia gastar mais. «Ah! Que necessidade terei de tanto, uma vez só?», pensava eu, e observava, cheio de angústia e expectativa, diminuir, mais depressa ainda do que a minha fortuna, a débil vida de Marceline.

Embora ela me confiasse os cuidados a tomar, estas deslocações precipitadas cansavam-na; mas o que a cansava mais, atrevo-me agora a confessá-lo, era o medo que tinha do meu pensamento.

— Vejo bem — diz-me ela um dia —, compreendo bem a tua doutrina, pois agora é uma doutrina. Talvez seja bela — depois, acrescentou mais baixo, com tristeza —, mas suprime os fracos.

— É isso que é preciso — respondi logo, sem querer.

Então, pareceu-me sentir, sob o pavor das minhas palavras brutais, esse ser delicado a fechar-se sobre si próprio e a estremecer… Ah! Talvez pensem que não amava Marceline. Juro que a amava apaixonadamente. Nunca ela fora nem me parecera tão bela. A doença subtilizara e como que extasiara nela as feições. Praticamente já não a deixava sozinha, rodeando-a de cuidados

contínuos; protegia, velava cada instante dos seus dias e das suas noites. Por mais leve que fosse o seu sono, eu fazia com que o meu fosse ainda mais leve; vigiava-a enquanto ela adormecia e era o primeiro a despertar. Quando, por vezes, deixando-a durante uma hora, queria fazer uma caminhada sozinho no campo ou nas ruas, não sei que preocupação amorosa e receio do seu aborrecimento me reconduziam tão depressa para ao pé dela; e, por vezes, apelava para a minha vontade, protestava contra essa influência, dizia para mim próprio: «É isso que tu vales, seu falso grande homem?» — e forçava-me em prolongar a minha ausência; mas regressava então com os braços carregados de flores, flores precoces de jardim ou flores de estufa… Sim, é o que vos digo; acarinhava-a com ternura. Mas como exprimir isto?… À medida que me respeitava menos, venerava-a mais; — e quem poderá dizer quantas paixões e quantos pensamentos inimigos conseguem coabitar no homem?…

Já há muito que tinha acabado o mau tempo; a estação avançava; e de súbito as amendoeiras floriram. Estávamos no primeiro dia de Março. De manhã, fui à Praça de Espanha. Os camponeses despojaram os campos dos seus ramos brancos, e os cestos dos vendedores estão carregados de flores de amendoeira. O meu enlevo é tal que compro todo um pequeno bosque. Carregam-nas três homens. Regresso a casa com toda aquela Primavera. Os ramos prendem-se nas portas; nevam pétalas sobre os tapetes. Ponho-as em todo o lado, em todos os vasos; branqueio com elas o salão, de onde Marceline, naquele momento, está ausente. Já me regozijo com a sua alegria. Ouço-a a chegar. Ei-la. Abre a porta. Que é que ela tem?… Vacila… Rebenta em soluços.

— Que é que tens, minha pobre Marceline?… — Desdobro-me em atenções para com ela, cubro-a de ternas carícias. Então, como que para se desculpar pelas suas lágrimas:

— O cheiro destas flores faz-me mal — diz ela.

E era um subtil, subtil, um discreto cheiro a mel. Sem nada dizer, agarro naqueles inocentes ramos frágeis, quebro-os, levo-os, atiro-os, exasperado, com o sangue nos olhos. — Ah! Se ela nem consegue suportar este bocadinho de Primavera!…

Repenso frequentemente nessas lágrimas e creio agora que, sentindo-se já condenada, era com saudades de outras Primaveras que chorava. Penso também que há alegrias fortes para os fortes e alegrias fracas para os fracos, a quem as fortes alegrias acabariam por ferir. A ela, um nada de prazer inebriava-a; bastava que fosse um pouco mais vigoroso e já não conseguia suportá-lo. Aquilo a que ela chamava felicidade era o que eu chamava descanso, e eu não queria nem podia descansar.

Quatro dias depois, voltámos a partir para Sorrento. Fiquei decepcionado por o tempo lá já não estar quente. Tudo parecia tremer de frio. O vento, que não parava de soprar, deixava Marceline muito cansada. Quisemos ir para o mesmo hotel da nossa viagem antecedente; deram-nos o mesmo quarto… Olhávamos com espanto, debaixo de um céu baço, para todo aquele cenário desencantado e para o jardim sombrio do hotel que nos parecia tão cativante quando nele se passeava o nosso amor.

Resolvemos dirigir-nos por mar até Palermo, cujo clima nos tinham elogiado; chegámos a Nápoles, onde devíamos embarcar e onde ainda nos demorámos. Mas pelo menos em Nápoles não me aborrecia. Nápoles é uma cidade viva onde o passado não se impõe.

Ficava ao pé de Marceline em quase todos os momentos do dia. À noite, ela deitava-se cedo, exausta; vigiava-a enquanto adormecia, e por vezes eu próprio me deitava; depois, quando o seu fôlego mais constante me comunicava que dormia, levantava-me sem fazer barulho e tornava a vestir-me no escuro; saía às escondidas do quarto como um ladrão.

Saía! Oh! Teria gritado de alegria. Que ia eu fazer? Não sei. O céu, sombrio durante o dia, tinha-se livrado das nuvens; a Lua quase cheia resplandecia. Caminhava ao acaso, sem destino, sem desejo, sem constrangimentos. Olhava para tudo com um olhar novo; espiava cada ruído com um ouvido mais atento; aspirava a humidade da noite; pousava a minha mão sobre as coisas; inspeccionava.

Na última noite em que ficámos em Nápoles, prolonguei esse deboche vadio. Regressando a casa, encontrei Marceline em lágrimas. Tivera medo, disse-me ela, ao ter acordado de repente e não me sentir ali. Tranquilizei-a, expliquei o melhor que pude a minha ausência e prometi não deixá-la sozinha outra vez. Mas na primeira noite em Palermo, não me contive; saí… Floriam as primeiras laranjeiras; a menor aragem trazia-lhes o odor…

Ficámos em Palermo apenas cinco dias; depois, fazendo um grande desvio, voltámos a Taormina, que ambos desejávamos tornar a ver. Já disse que a aldeia está toda empoleirada no alto da montanha. A estação é à beira do mar. A carruagem que nos conduziu ao hotel teve de me levar de volta à estação imediatamente, onde ia reclamar as nossas malas. Pusera-me de pé na carruagem para falar com o cocheiro. Era um pequeno siciliano da Catânia, belo como um

verso de Teócrito, resplandecente, perfumado, saboroso como um fruto.

— *Com'è bella la Signora!* — diz com uma voz encantadora, vendo Marceline a distanciar-se.

— *Anche tu sei bello, ragazzo* — respondo; e, como estava inclinado para ele, não pude conter-me e, puxando-o logo contra mim, beijei-o. Ele não ofereceu resistência, rindo-se.

— *I Francesi sono tutti amanti* — diz ele.

— *Ma non tutti gli Italiani amati* — retorqui também a rir. Procurei-o nos dias seguintes, mas não consegui voltar a vê-lo.

Deixámos Taormina para seguir para Siracusa. Refazíamos, passo a passo, a nossa primeira viagem, remontávamos ao início do nosso amor. E tal como eu, de semana a semana, aquando da nossa primeira viagem, caminhava na direcção da cura, o estado de Marceline, de semana a semana, à medida que avançávamos para sul, piorava.

Por que aberração, por que cegueira obstinada, por que loucura voluntária me persuadi, e sobretudo me empenhei em persuadi-la, de que lhe fazia falta ainda mais luz e calor, e invoquei a recordação da minha convalescença em Biskra?… O ar, no entanto, amornara; a baía de Palermo é clemente, e Marceline aprazia-se com ela. Talvez ela lá tivesse… Mas era eu capaz de escolher o meu querer, de decidir o meu desejo?

Em Siracusa, o estado do mar e o serviço irregular dos barcos forçou-nos a esperar oito dias. Todos os momentos que não passava ao pé de Marceline, passava-os no velho porto. Oh, pequeno porto de Siracusa!, odores a vinho azedado, ruelas lamacentas, barracas fétidas onde vadiavam estivadores, vagabundos, marinheiros

avinhados. A sociedade da pior gente era para mim uma companhia deleitável. E que necessidade tinha eu de compreender a sua linguagem, quando toda a minha carne a saboreava? A brutalidade da paixão ganhava novamente ali, aos meus olhos, um ar hipócrita de saúde, de vigor. E era escusado dizer a mim próprio que a sua vida miserável não podia ter para eles o sabor que tinha para mim… Ah! Gostaria de ter rebolado com eles debaixo da mesa e de só acordar com o arrepio triste da manhã. E exacerbava ao pé deles o meu crescente horror pelo luxo, pelo conforto, por aquilo de que eu me rodeara, por essa protecção que a minha saúde recente soubera tornar-me inútil, por todas essas precauções que se tomam para preservar o corpo do contacto arriscado com a vida. Imaginava que a sua existência ia mais longe. Gostaria de tê-los seguido para mais longe e de ter penetrado na sua embriaguez… Depois, de súbito, lembrava-me de Marceline. Que fazia ela naquele instante? Talvez sofresse, talvez chorasse… Apressadamente, levantava-me, corria; regressava ao hotel, onde parecia estar escrito na porta: «Aqui, os pobres não entram.»

Marceline acolhia-me sempre da mesma maneira; sem uma palavra de censura ou de dúvida e esforçando-se, apesar de tudo, por sorrir. Tomávamos as nossas refeições à parte; eu ordenava que lhe servissem de tudo o que o medíocre hotel podia reservar de melhor. E, durante a refeição, pensava: «Um pedaço de pão, de queijo, um pé de funcho basta-lhe e bastar-me-ia também a mim.» E talvez ali, bem ao pé de nós, houvesse quem tivesse fome sem ter sequer esse magro alimento. E ali estava, na minha mesa, o suficiente para os saciar por três dias! Gostaria de ter rebentado as paredes, deixado afluir os convivas. Pois sentir que alguém sofria de

fome deixava-me horrivelmente angustiado. E voltava ao velho porto, onde distribuía ao acaso as pequenas moedas que enchiam os meus bolsos.

A pobreza do homem é escrava; para comer, aceita um trabalho que não dá prazer; «qualquer trabalho que não seja alegre é detestável», pensava eu, e pagava pelo descanso de vários deles. Dizia:

— Não trabalhes, se te aborrece. — E desejava para cada um deles esse ócio sem o qual não pode florescer nenhuma novidade, nenhum vício, nenhuma arte.

Marceline não se iludia com os meus pensamentos; quando eu regressava do velho porto, não lhe escondia a triste gente que por lá me rodeava. Dentro do homem, existe de tudo. Marceline suspeitava daquilo que eu me obstinava em descobrir; e como eu a censurava por crer demasiadas vezes em virtudes que ela inventava à medida de cada ser, disse-me:

— Só ficas contente quando fazes com que te mostrem algum vício. Não percebes que o nosso olhar desenvolve, exagera em cada um deles o ponto em que se fixa e que o fazemos tornar-se aquilo que pretendemos que seja?

Gostaria que ela não tivesse razão, mas tinha de admitir que, em todos os seres, era o pior instinto aquele que me parecia o mais sincero. Além disso, a que é que eu chamava de sinceridade?

Por fim, deixámos Siracusa. Obcecava-me a recordação e o desejo do Sul. No mar, Marceline sentiu-se melhor… Torno a ver o tom do mar. É tão calmo que a esteira do navio parece permanecer nele. Ouço ruídos de escoamento, ruídos líquidos; a lavagem da ponte e,

nas pranchas, o estalido dos pés nus dos lavadores. Torno a ver Malta, toda branca; a chegada a Tunes… Como estou mudado!

Está quente. O tempo está bom. Tudo é esplêndido. Ah! Gostaria que em cada frase, aqui, uma colheita de volúpia se destilasse. Em vão procuraria agora impor ao meu relato maior ordem do que aquela que houve na minha vida. Durante bastante tempo, procurei dizer-vos como me tornei quem sou. Ah! Desembaraçar o meu espírito dessa lógica insuportável!… Nada sinto em mim que não seja nobre.

Tunes. Luz mais abundante do que forte. Também a sombra ainda se enche dela. O próprio ar parece um fluido luminoso onde tudo se banha, onde se mergulha, onde se nada. Essa terra de volúpia satisfaz, mas não apazigua o desejo, e toda a satisfação o exalta.

Terra que descansa de obras de arte. Desprezo aqueles que não sabem reconhecer a beleza já transcrita e completamente interpretada. O povo árabe tem isso de admirável, vive a sua arte, canta-a e dissipa-a dia a dia; não a fixa e não a embalsama em nenhuma obra. É a causa e o efeito da ausência de grandes artistas. Sempre acreditei que os grandes artistas eram aqueles que tinham a coragem de dar direito de beleza a coisas tão naturais que fazem depois dizer, a quem as vê: «Como é que até agora não compreendi que isto era tão bonito?…»

Em Cairuão, que ainda não conhecia, e onde fui sem Marceline, a noite estava belíssima. Lembro-me de que, no momento de voltar ao hotel para dormir, vi um grupo de árabes deitados ao ar livre em cima das esteiras de um pequeno café. Fui dormir com eles. Regressei coberto de bicharada.

O calor húmido da costa debilitava Marceline, persuadia-a de que o que devíamos fazer era ir para Biskra o mais depressa possível. Estávamos no início de Abril.

Essa viagem é muito longa. No primeiro dia, chegamos, sem parar pelo caminho, a Constantina; no segundo dia, Marceline está completamente exausta e chegamos apenas a El Kantara. Aí, procurámos e encontrámos até ao fim da tarde uma sombra mais deliciosa e fresca do que a claridade da Lua à noite. Era uma beberagem inesgotável; escorria até nós. E do talude onde estávamos sentados, víamos a planície abrasada. Nessa noite, Marceline não consegue adormecer; inquieta-a a estranheza do silêncio e dos mais pequenos ruídos. Receio que tenha um pouco de febre. Ouço-a a virar-se na cama. No dia seguinte, acho-a mais pálida. Tornamos a partir.

Biskra. É para lá que desejo ir… Sim; ali está o jardim público; o banco… reconhecia o banco onde me sentara nos primeiros dias da minha convalescença. Que lia eu nessa altura?… Homero; desde aí que não o abria. — Ali está a árvore cuja casca eu apalpava. Como estava fraco nesses dias!… Olha! Ali estão os meninos… Não, não reconhecia nenhum. Marceline está tão séria! Mudou tanto como eu. Porque é que tosse, com este tempo tão bom? — Ali está o hotel. Ali estão os nossos quartos; os nossos terraços. — Em que pensará Marceline? Não me disse uma palavra. — Assim que chega ao quarto, estende-se na cama; está exausta e diz que quer dormir um pouco. Saio.

Não reconhecia os meninos, mas os meninos reconheciam-me. Avisados da minha chegada, acorreram todos. Era possível que fossem eles? Que desilusão! Mas então que se tinha passado?

Tinham crescido horrivelmente… Em pouco mais de dois anos — não é possível… que fadigas, que vícios, que inércias puseram já tanta fealdade nesses rostos onde antes brilhava tanta juventude? Que trabalhos vis deformaram tão cedo esses belos corpos? Havia naquilo como que um fracasso… Indago acerca deles. Bachir lava a louça num café; Ashour ganha com bastante dificuldade alguns tostões a partir os calhaus das estradas; Hammatar perdeu um olho. Quem acreditaria? Sadeck emendou-se; ajuda um irmão mais velho a vender pães no mercado; parece que ficou estúpido. Agib trabalha no açougue com o pai; está a engordar; está feio; está rico; já não quer falar com os seus companheiros desprovidos de classe social… Como as profissões honestas embrutecem! Ia então encontrar neles aquilo que odiava entre nós? — Boubaker? Tinha-se casado. Sem sequer ter quinze anos. É grotesco. — Contudo, não; voltei a vê-lo à noite. Explica-se: o seu casamento é apenas um fingimento. Continua a ser, creio, um sagrado devasso! Mas bebe; deforma-se… É então só isto que resta? É isto que faz a vida! — Perante a minha intolerável tristeza, sinto que era sobretudo a eles que eu vinha rever. — Ménalque tinha razão: a recordação é uma maldita invenção.

E Moktir? — Ah! Esse saiu da prisão. Esconde-se. Os outros já não se dão com ele. Gostaria de o tornar a ver. Era o mais bonito deles todos; irá também desiludir-me?… Encontram-no. Trazem-mo. — Não! Esse não falhou. Mesmo o meu pensamento não o representava tão soberbo. A sua força e a sua beleza são perfeitas. Reconhecendo-me, sorri.

— E então que é que andavas a fazer antes de ires para a prisão?

— Nada.

— Andavas a roubar?

Ele protesta.

— Que andas a fazer agora?

Sorri.

— Ei! Moktir, se não tens nada para fazer, vens connosco até Tugurte.

E domina-me de repente o desejo de ir a Tugurte.

Marceline não se sente bem; não sei o que se passa com ela. Quando regresso ao hotel, nessa noite, abraça-se a mim sem dizer nada, de olhos fechados. A sua manga larga, arregaçada, deixa ver o braço emagrecido. Acaricio-a e embalo-a durante muito tempo, como a uma criança que queremos adormecer. Será o amor, ou a angústia, ou a febre que a faz tremer assim?… Ah! Talvez ainda houvesse tempo… Será que eu não iria parar? — Procurei, encontrei aquilo que constitui o meu valor: uma espécie de persistência no pior. — Mas como conseguirei dizer a Marceline que amanhã partimos para Tugurte?…

De momento, ela dorme no quarto ao lado. A Lua, alta há muito tempo, inunda agora o terraço. É uma claridade quase assustadora. Não é possível escondermo-nos. O meu quarto é revestido de ladrilho branco, e é sobretudo aí que a sua luz surge. A onda entra pela janela escancarada. Reconheço-lhe a claridade no quarto e a sombra que nela desenha a porta. Há dois anos, essa luz ia até mais longe no quarto… sim, precisamente para onde avança agora — quando me levantei, renunciando ao sono. Apoiava o meu ombro contra o alizar da porta. Reconhecia a imobilidade das palmeiras… Mas que palavras lera eu naquela noite?… Ah, sim! As palavras de Cristo para Pedro: «Agora, cinges-te a ti próprio e vais para onde

queres ir…» Para onde vou eu? Para onde quero ir?… Não vos disse que, de Nápoles, dessa última vez, fora a Pesto, um dia, sozinho… Ah! Poderia ter soluçado diante dessas pedras! A antiga beleza parecia simples, perfeita, sorridente — abandonada. A arte abandona-me, sinto-o. Para dar lugar ao quê? Já não é, como dantes, uma harmonia sorridente… Já não sei, de momento, qual é o deus tenebroso que sirvo. Oh, Deus novo, dá-me outra vez a conhecer raças novas, géneros imprevistos da beleza!

No dia seguinte, ao amanhecer, leva-nos a diligência. Moktir está connosco. Moktir está feliz como um rei.

Chegga; Kefeldorh'; M'reyer… paragens sombrias na estrada ainda mais sombria, interminável. No entanto, julgara, confesso-o, que esses oásis fossem mais risonhos. Mas não há mais nada além de pedra e areia; depois, alguns arbustos anões, estranhamente floridos; por vezes, alguma amostra de palmeiras alimentadas por uma fonte escondida… Agora, prefiro o deserto ao oásis — essa região de glória mortal e intolerável esplendor. O esforço do homem, aí, parece feio e miserável. Agora, aborrece-me qualquer outra terra.

— Amas o inumano — diz Marceline. Mas como ela própria observa! E com que avidez!

O tempo piora um pouco no segundo dia; ou seja, o vento levanta-se e o horizonte embacia-se. Marceline sofre; a areia que respiramos arde, irrita a garganta: a luz excessiva cansa-lhe o olhar; aquela paisagem hostil mortifica-a. Mas agora é demasiado tarde para voltar atrás. Em poucas horas, estaremos em Tugurte.

É dessa última parte da viagem, no entanto, ainda tão próxima, que me recordo menos bem. É para mim impossível, presentemente,

rever as paisagens do segundo dia e o que antes de mais fiz em Tugurte. Mas aquilo de que ainda me lembro é de como eram grandes a minha impaciência e precipitação.

De manhã, fizera muito frio. Ao fim da tarde, levantou-se um simum ardente. Marceline, extenuada da viagem, deitou-se assim que chegou. Eu esperava encontrar um hotel um pouco mais confortável; o nosso quarto era medonho; a areia, o sol e as moscas tinham manchado tudo, tinham sujado tudo, desbotado tudo. Desde a madrugada sem ter comido quase nada, peço que sirvam imediatamente uma refeição; mas tudo parece mau a Marceline e não consigo convencê-la a comer seja o que for. Tínhamos trazido com o que fazer chá. Ocupo-me com esses cuidados derisórios. Contentamo-nos, para o jantar, com alguns bolos secos e esse chá, ao qual a água salgada da região dá um gosto horrível.

Por uma última aparência de virtude, fico ao pé dela até ao cair da noite. E, de súbito, eu próprio me sinto como que no limite das forças. Ó gosto a cinzas! Ó lassidão! Tristeza do esforço sobre-humano! Mal me atrevo a olhar para ela; sei muito bem que os meus olhos, em vez de lhe procurarem o olhar, fixar-se-ão horrivelmente nos buracos negros das suas narinas; a expressão do seu rosto a sofrer é atroz. Também não olha para mim. Sinto-lhe, como se a tocasse, a angústia. Tosse muito; depois, adormece. Por momentos, sacode-a um brusco arrepio.

A noite poderia ser má, e, antes que fosse demasiado tarde, quero saber a quem me poderia dirigir. Saio. Diante da porta do hotel, a praça de Tugurte, as ruas, a própria atmosfera é estranha a ponto de me fazer crer que não sou eu que as vejo. Passados uns momentos, regresso. Marceline dorme tranquilamente. Assustava-

me sem razão; nessa terra bizarra, supomo-nos em perigo em toda a parte; é absurdo. E, suficientemente serenado, torno a sair.

Estranha animação nocturna na praça; circulação silenciosa; deslize clandestino dos albornozes brancos. O vento rasga, por instantes, farrapos de músicas estranhas e trá-los não sei de onde. Alguém se aproxima de mim… É Moktir. Estava à minha espera, diz ele, tinha a certeza de que eu sairia. Ri-se. Conhece bem Tugurte, vai lá frequentemente e sabe para onde me leva. Deixo-me arrastar por ele.

Caminhamos na noite; entramos num café mouro; era dali que vinha a música. Mulheres árabes dançam — se é que se pode chamar dança a esse deslize monótono. — Uma delas agarra-me pela mão; sigo-a; é a amante de Moktir; ele acompanha-nos… Entramos os três no estreito e profundo quarto onde o único móvel é uma cama… Uma cama muito baixa, em cima da qual nos sentamos. Um coelho branco, fechado no quarto, ao início assusta-se, depois familiariza-se connosco e vem comer na mão de Moktir. Trazem-nos café. Depois, enquanto Moktir brinca com o coelho, essa mulher puxa-me para si, e eu deixo-me ir, tal como nos abandonamos ao sono…

Ah! Aqui poderia fingir ou calar-me; mas que me importa este relato se deixar de ser verdadeiro?

Regresso sozinho ao hotel, Moktir ficando por lá, para a noite. É tarde. Sopra um siroco árido; é um vento muito carregado de areia e tórrido, apesar da noite; um vento febril que cega e nos dificulta o movimento das pernas. Ao fim de quatro passos, estou banhado em suor; mas estou, muito subitamente, com pressa de regressar, e é quase a correr que o faço. — Talvez ela tenha acordado… talvez

precise de mim?… Não; a janela do quarto está sem luz; está a dormir. Aguardo uma curta pausa do vento para abrir a porta; entro muito devagar no escuro. — Que barulho é este?… Não lhe reconheço a tosse… É mesmo ela?… Acendo a luz.

Marceline está meio sentada na cama; para se manter direita, um dos seus magros braços agarra-se às grades da cama; os lençóis, as mãos, a camisa estão inundados por uma onda de sangue; o rosto está todo sujo com esse sangue; tem os olhos horrendamente arregalados; e fosse qual fosse o grito de agonia que ouvisse, não me apavoraria menos do que o seu silêncio. Procuro-lhe no rosto transpirado algum sítio, por mais pequeno que seja, onde pousar um beijo horrível; o sabor do seu suor fica-me nos lábios. Lavo e refresco-lhe a testa, as faces. Junto à cama, está algo duro debaixo do meu pé: baixo-me e apanho o pequeno rosário que outrora ela me reclamava em Paris, e que deixou cair; passo-o para a sua mão aberta, mas a mão descai de imediato e deixa cair o rosário novamente. Não sei que fazer; queria pedir ajuda… A sua mão agarra-se desesperadamente a mim, retém-me. Ah! Julgará que a quero deixar? Diz-me:

— Oh! Não podes esperar mais um pouco? — Vê que quero falar, e acrescenta: — Não me digas nada; está tudo bem.

Apanho outra vez o rosário; torno a pô-lo na sua mão, mas ela deixa-o escapar outra vez. Que digo? Fá-lo cair. Ajoelho-me ao pé dela e aperto a sua mão contra mim.

Ela deixa-se ir, meio encostada ao travesseiro, meio encostada ao meu ombro, parece dormir um pouco, mas os seus olhos continuam completamente abertos.

Uma hora depois, endireita-se; a sua mão liberta-se das minhas,

crispa-se na sua camisa e rasga-lhe a renda. Sufoca. — Às primeiras horas da manhã, um novo vómito de sangue…

Acabo de vos contar a minha história. Que poderei acrescentar mais? — O cemitério francês de Tugurte é hediondo, meio devorado pelas areias… A escassa firmeza que me restava, empreguei-a em tirá-la desses lugares de infortúnio. É em El Kantara que repousa, à sombra de um jardim privado que adorava. Tudo isto aconteceu há apenas três meses. Esses três meses distanciaram tudo isto como se fossem dez anos.

Michel ficou em silêncio durante muito tempo. Também nós nos calávamos, cada qual absorvido por um estranho mal-estar. Infelizmente, parecia-nos que, ao contá-la, Michel tornara a sua acção mais legítima. Por não sabermos onde desaprová-la, na lenta explicação que nos deu, fazia-nos praticamente cúmplices. Estávamos como que comprometidos com ela. Acabara o seu relato sem um estremecimento na voz, sem que uma inflexão ou um gesto testemunhasse que uma qualquer emoção o perturbava, fosse porque pusesse um orgulho cínico em não nos parecer emocionado, fosse porque temia, por uma espécie de pudor, provocar a nossa emoção através das suas lágrimas, fosse, por fim, porque não estivesse emocionado. Não distingo nele, mesmo agora, a parte de orgulho, de força, de frieza ou de pudor. — Ao fim de um instante, retomou:

O que me assusta, admito-o, é que sou ainda muito novo. Às vezes, parece-me que a minha verdadeira vida ainda não começou. Tirem-me daqui agora e dêem-me razões para existir. Já não sei onde as

encontrar. Libertei-me, é possível; mas que importa? Sofro com essa liberdade sem uso. Não é, acreditem, por estar cansado do meu crime, se vos agradar chamá-lo assim; mas tenho de provar a mim mesmo que não excedi os meus direitos.

Tinha, quando vocês me conheceram, uma grande firmeza de pensamento, e sei que é isso que faz os verdadeiros homens; já não a tenho. Mas creio que este clima é a causa disso. Nada desencoraja tanto o pensamento quanto esta persistência do azul. Aqui, qualquer pesquisa torna-se impossível, de tal modo a volúpia segue de perto o desejo. Rodeado de esplendor e morte, sinto a felicidade demasiado presente e o abandono a ela demasiado uniforme. Deito-me a meio do dia para iludir a melancólica extensão dos dias e o seu insuportável tempo livre.

Tenho ali, vejam, seixos brancos que deixo de molho na sombra e que depois mantenho durante muito tempo na cova da mão, até que se tenha esgotado a acalmante frescura adquirida. Então, recomeço, alternando os seixos, voltando a pôr na sombra aqueles cuja frescura se foi. Assim, passa o tempo e chega a noite… Tirem-me daqui; não consigo ser eu próprio a fazê-lo. Algo se quebrou na minha vontade; não sei sequer onde fui encontrar forças para me afastar de El Kantara. Por vezes, tenho medo de que aquilo que suprimi se vingue. — Gostaria de começar de novo. Gostaria de me desembaraçar do que me resta da minha fortuna; vejam, estas paredes ainda estão cobertas… Aqui, vivo praticamente sem nada. Um estalajadeiro meio francês prepara-me algum alimento. A criança, que espantaram ao entrar, traz-mo ao fim do dia e de manhã, em troca de uns poucos soldos e de algumas carícias. Essa criança, que, diante de estranhos, se faz selvagem, é, comigo, meiga

e fiel como um cão. A irmã é uma *ouled-nail*[5], que, todos os Invernos, regressa a Constantina, onde vende o corpo aos transeuntes. É muito bonita, e eu consentia em que, nas primeiras semanas, às vezes, passasse a noite comigo. Mas, uma manhã, o irmão, o pequeno Ali, apanhou-nos deitados. Mostrou-se muito irritado e durante cinco dias não quis voltar aqui. No entanto, não ignora nem como nem de que vive a irmã; dantes, falava disso num tom que não indicava qualquer desconforto. Terá ficado ciumento? — De resto, esse farsante conseguiu o que queria; pois, um tanto por tédio, um tanto por medo de perder Ali, desde essa aventura não voltei a reter a rapariga. Ela não ficou zangada; mas sempre que a encontro, ri-se e troça de mim, dizendo que prefiro o rapazinho a ela. Diz que é sobretudo ele que me mantém aqui. Talvez tenha alguma razão…

Michel, um jovem erudito e oriundo de uma família protestante, parte para o Norte de África com Marceline, com quem se casa por conveniência. Nessa viagem de núpcias, o abismo parece instalar-se definitivamente quando Michel adoece. A convalescença é morosa; porém, com a descoberta do valor da vida e das pulsões mais inconfessáveis, transforma-se em ressurreição. Convertido a uma moral que é só sua, livre de qualquer lei, dever ou conformismo, Michel enceta uma procura pelo sentido autêntico da individualidade, cujas consequências se revelarão fatais para si e para os outros.

Publicado em 1902 e de imediato envolto em controvérsia e escândalo, *O Imoralista*, de André Gide, Prémio Nobel de Literatura, inaugura o século xx com um testemunho confessional sobre a verdade da alma e as possibilidades que operam no Homem, numa alternância devoradora entre a exigência de pureza e a satisfação de prazeres proibidos

André Gide nasceu em 1869, em Paris, numa família da alta burguesia huguenote e católica. Órfão de pai aos onze anos, depressa se refugia na literatura e começa a escrever os seus diários, projecto que nunca viria a abandonar.

Uma viagem à Argélia, na qual esteve à beira da morte, precipitou a revolta do autor contra a sua educação puritana. Doravante, a obra de Gide assentaria nessa tensão não resolvida entre uma disciplina artística rígida, um moralismo puritano, a indulgência sensual e uma procura de códigos morais e literários próprios. Entre as suas obras de ficção, destacam-se *Os Frutos da Terra* (1897), *O Imoralista* (1902), *A Porta Estreita* (1909), *Os Subterrâneos do Vaticano* (1914), *A Sinfonia Pastoral* (1919) ou *Os Moedeiros Falsos* (1926). Além de ser um dos mais notáveis escritores do século XX, Gide foi fundador da Nouvelle Revue Française, tradutor de Shakespeare, Whitman, Conrad e Rilke, bem como um influente e polémico crítico literário. Em 1947, é galardoado com o Prémio Nobel de Literatura «por retratar, na sua obra, a condição humana com um destemido amor pela verdade e um profundo conhecimento da sua psicologia». André Gide morre quatro anos mais tarde, em 1951, em Paris.

Edição em formato digital: Junho de 2022

O IMORALISTA
Título original: *L'immoraliste*
1902, André Gide
Publicado por Mercure de France, França

© desta edição:
2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Cavalo de Ferro é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a protecção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Diogo Paiva
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Finepaper
Capa: Wonder Studio
Imagem da capa: Shutterstock

ISBN: 978-989-623-327-3

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt
Facebook: cavalodeferro
Instagram: penguinlivros

[1] Foi publicada, em Junho de 1902, uma pequena edição *in octavo* deste livro, de 300 exemplares, em papel vergê de Arches.

[2] Local fortificado, na África do Norte, que pode servir como estalagem para caravanas, posto de defesa, etc. [*N. T.*]

[3] Arma curta com corpo de madeira usada pela cavalaria no Médio Oriente. [*N. T.*]

[4] *Ameles potamos* (rio do esquecimento), como também é conhecido o rio Lete. [*N. T.*]

[5] Povo seminómada da Argélia. [*N. T.*]

Índice

O Imoralista

Dedicatória

Epílogo

Prefácio

Prólogo

Primeira Parte

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX

Segunda Parte

- I

II

III

Terceira Parte

Sobre este livro

Sobre André Gide

Créditos

Notas